



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ZAIDA CRISTINA BASSETTI DE LEON NICOLAU**

**A RETÓRICA DE EINHARD E A INFLUÊNCIA DE ORADORES ANTIGOS NA  
CONSTRUÇÃO DOS *ETHOS* PRESENTES NA *VITA KAROLI MAGNI***

**PORTO ALEGRE  
2023**

**ZAIDA CRISTINA BASSETTI DE LEON NICOLAU**

**A RETÓRICA DE EINHARD E A INFLUÊNCIA DE ORADORES ANTIGOS NA  
CONSTRUÇÃO DOS *ETHOS* PRESENTES NA *VITA KAROLI MAGNI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cybele Crossetti de Almeida

**PORTO ALEGRE  
2023**

#### CIP - Catalogação na Publicação

Nicolau, Zaida Cristina Bassetti de Leon  
A RETÓRICA DE EINHARD E A INFLUÊNCIA DE ORADORES  
ANTIGOS NA CONSTRUÇÃO DOS ETHOS PRESENTES NA VITA  
KAROLI MAGNI / Zaida Cristina Bassetti de Leon  
Nicolau. -- 2023.  
103 f.  
Orientadora: Cybele Crossetti de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Retórica. 2. Einhard. 3. Carlos Magno. 4. Ethos.  
5. Idade Média. I. Almeida, Cybele Crossetti de,  
orient. II. Título.

**ZAIDA CRISTINA BASSETTI DE LEON NICOLAU**

**A RETÓRICA DE EINHARD E A INFLUÊNCIA DE ORADORES ANTIGOS NA  
CONSTRUÇÃO DOS *ETHOS* PRESENTES NA *VITA KAROLI MAGNI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cybele Crossetti de Almeida

Aprovado em 04 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cybele Crossetti de Almeida**  
Orientadora

---

**Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Oliveira**  
Universidade Estadual de Maringá

---

**Prof. Dr. Walter Günther Rodrigues Lippold**  
Universidade Federal Fluminense

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho demandou tempo e comprometimento, o que, em tempos de pandemia, posso afirmar que foi desafiador.

Por isso, minha gratidão à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a CAPES, que proporcionaram a mim a chance de poder levá-lo adiante: à UFRGS, por ser uma universidade pública, me deu a oportunidade de estudar que eu não teria, caso assim não fosse; e à CAPES, que financiou a maior parte desta pesquisa, sem o que ela seria inviável.

Nessa longa jornada, algumas pessoas foram fundamentais para que este trabalho pudesse ser concluído: em primeiro lugar, agradeço ao meu marido Eliezer e ao meu filho Guilherme, que me apoiam em tudo, é fundamental ter a compreensão e o amor de vocês, mesmo quando não podem fazer mais do que a janta, ou lavar a louça! Viver com os dois é uma aventura.

Quem pesquisa história, e acredito que qualquer outra área seja semelhante, sabe quanto a jornada pode ser solitária, por isso poder contar com amigos que não só apoiam mas revisam, corrigem, apontam caminhos e bibliografia é maravilhoso! Obrigada, Paula, Fernando, Mayquel, Andreli e Yuri, vocês são incríveis!

Obrigada, Grazi! Só o fato de tu existires, me ouvir, mesmo sem poder fazer muito porque não é tua área, corrigir o inglês e traduzir o que eu não consigo, conversar assuntos aleatórios que me fazem rir e esquecer a pressão do trabalho, é de uma importância que eu nunca vou conseguir expressar corretamente.

À professora Cybele Almeida, porque agora sei a professora que quero ser.

Por fim, há coisas que nos são intrínsecas, para as quais não há razão, nem conhecimento lógico que possam mudar, fazem parte de quem somos, e, nesse caso, é uma parte de mim, contra a qual não posso lutar. Por isso, agradeço a Deus, o Deus que conheci na infância e que, hoje, compreendo como uma ideia que sobrepuja credos e dogmas, religiões e costumes, cuja existência, apesar de tudo o que sei e conheço, não consigo negar. Fiz as pazes com a fé e aceitei que não é racional, sendo.

*Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever,  
mas tenho um medo maior de não escrever.*

Gloria Anzaldúa

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar a retórica de Einhard, enquanto o autor constrói diferentes *ethos* em sua obra *Vita Karoli Magni*. A análise é feita com foco no *ethos* de Carlos Magno, e como essa construção se aproxima e se distancia dos *ethos* de César constantes nos modelos utilizados por Einhard, Suetônio e Cícero. Neste estudo, enquanto se discute o *ethos* de Carlos Magno, também tangenciamos os demais *ethos* construídos, ainda que secundariamente, no texto. Para tanto, este trabalho inicia buscando entender como esses textos clássicos sobreviveram desde a antiguidade até o século VIII, e como influenciaram a retomada carolíngia das artes liberais, que ficou conhecida como renascimento carolíngio. A partir desta compreensão, buscamos conhecer os *ethos*, tanto do autor como do objeto, tendo como parâmetro a influência que os autores clássicos possam ou não ter tido na composição da obra.

**Palavras-chave:** Retórica. Einhard. Carlos Magno. *Ethos*. Idade Média.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze Einhard's rhetoric as he establishes different *ethos* within his "Life of Charlemagne" (*Vita Karoli Magni*). Our main focus is the *ethos* of Charlemagne, and the ways that it relates and diverges from the *ethos* of Caesar, which is present in the works of Einhard's models – Suetonius and Cicero. While analysing the *ethos* of Charlemagne, we will also touch on the secondary *ethos* established by Einhard in his work. To do so, we will try to understand how the classic texts survived from the Ancient Era to the VIII Century, and how they influenced the Carolingian Renaissance. From that understanding and having as a parameter the influence that classical authors might or might not have had in Einhard's work, we seek to understand the *ethos* of both Einhard and his object.

**Keywords:** Rhetoric. Einhard. Charlemagne. *Ethos*. Middle Ages.

## LISTA DE ABREVIATURAS

RET	Retórica
VDC	Vida dos Doze Césares
VKM	<i>Vita Karoli Magni</i>
RFA	<i>Royal Frankish Annals</i>

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RENASCIMENTO CAROLÍNGIO E O ETHOS DE EINHARD</b> .....	<b>20</b>
1.1 É POSSÍVEL REFERIR-SE A UM “RENASCIMENTO CAROLÍNGIO”?.....	20
1.2 <i>RENOVATIO</i> , UMA QUESTÃO POLÍTICA .....	26
1.3 O <i>ETHOS</i> DO AUTOR .....	29
<b>2 OS AUTORES, OS TEXTOS E OS <i>ETHOS</i></b> .....	<b>38</b>
2.1 SUETÔNIO .....	38
2.2 CÍCERO .....	46
<b>3 O <i>ETHOS</i> DE CARLOS MAGNO E DE EINHARD</b> .....	<b>52</b>
3.1 O <i>ETHOS</i> DO GUERREIRO .....	53
3.1.1 A Guerra Aquitânia .....	54
3.1.2 A Guerra Lombarda .....	61
3.1.3 A Guerra Saxã .....	68
3.2 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM SUETÔNIO E CÍCERO .....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu ainda na graduação, quando tive contato com a obra de Einhard, enquanto coincidentemente cursava uma disciplina introdutória à retórica. Em um primeiro momento, o que mais me chamou a atenção foi a forma como o autor descrevia os relacionamentos pessoais do rei. Por isso, no intuito de dar sequência aos estudos já realizados no início de minha formação, quando fiz uma análise focada exclusivamente nos relacionamentos afetivo–sexuais descritos nesta fonte entre Carlos Magno e as mulheres com quem, de várias formas dividia sua vida, este estudo tem seu foco posto sobre a retórica de Einhard na composição de sua obra mais conhecida, *Vita Karoli Magni Imperatoris*.

Este trabalho tem em sua origem o questionamento sobre quem era o imperador que Einhard desejava apresentar à posteridade, e como ele formatou a imagem de rei e guerreiro que foi louvada em Carlos Magno ao longo dos séculos. Nos interessa, também, no escopo deste trabalho, compreender como Einhard e esta *Vita* se inserem nesse período da história, compreendido entre os séculos VIII e IX. Para a presente análise, parto da hipótese de que o autor, apesar de haver usado As Vidas dos Césares, de Suetônio, como modelo para formatar seu texto, tem uma retórica que se aproxima mais daquela de Cícero.

Isto porque Einhard, desde a abertura de sua obra, parece ter um interesse bastante acentuado em Cícero, o que pode ser verificado no prefácio, quando o autor inicia citando o orador tanto indiretamente quanto como uma espécie de *exempla*, ou inspiração: “Para escrever e explicar, seria necessário mais que minha capacidade, que de fraca e pobre é quase inexistente, mas a eloquência de Túlio”<sup>1</sup> (Einhard, 2016, p. 2). Ou ainda, citando-o diretamente: “Que alguém ponha por escrito seus pensamentos, sem conseguir ordená–los, nem os embelezar nem procurar com eles algum deleite para o leitor, é coisa de um homem que abusa desmedidamente de seu ócio e das letras”<sup>2</sup> (Einhard, 2016, p. 2).

A inspiração suetoniana desta obra é bastante conhecida, Einhard utilizou o modelo o eidológico, que organiza os tópicos por tipo, o mesmo utilizado por Suetônio quando utilizava as *divisiones*<sup>3</sup> como organizadoras dos temas que abordava nas biografias dos césares. Contudo,

---

<sup>1</sup> Tradução de Pablo Castiella. Texto original: “*cui scribendae atque explicandae non meum ingeniolium, quod exile et parvum, immo poene nullum est, sed Tullianam par erat desudare facundiam*”.

<sup>2</sup> Tradução de Pablo Castiella. Texto original: “*mandare quemquam, inquit, litteris cogitationes suas, qui eas nec disponere nec inlustrare possit nec delectatione aliqua adlicere lectorem, hominis est intemperanter abutentis et otio et litteris*”.

<sup>3</sup> Essas *divisiones* eram utilizadas para marcar as passagens entre os tópicos, dentro do modelo eidológico, separando os itens de uma biografia

os excertos acima demonstram que Einhard foi influenciado não apenas por Suetônio, mas por outros autores da antiguidade.

Sobre a obra propriamente dita, a historiografia corrente indica que a *Vita* foi escrita por Einhard em torno do ano 820<sup>4</sup>, alegadamente como um tributo à memória do falecido rei. Conforme o *Dictionary of Literary Biography* (Levine, 1995), mais de oitenta cópias do manuscrito sobreviveram. Dessas, cinco datam do século nove. A mais antiga encontra-se em Viena na *Österreichische Nationalbibliothek – Codex Vindobonensis 529*, e é anterior ao ano de 850, contudo, falta o fólio 13 desta cópia.

A sobrevivência desses manuscritos foi fundamental para a construção da figura do imperador ao longo dos séculos seguintes. Carlos Magno teve sua imagem apropriada e ressignificada ao longo do tempo: Napoleão reclamou a herança carolíngia, Hitler também o tinha como figura inspiradora (Sypeck, 2012<sup>5</sup>). Por isso, a importância de compreendermos como foi construída essa imagem que chegou aos nossos dias ainda com tanto significado. Esse estudo é relevante principalmente hoje, porque a história e seus objetos estão em disputa, constantemente, e pode-se compreender bem o peso da retórica, do discurso, para reforçar ou refutar aspectos da personalidade, aparência e comportamento, tanto quanto as realizações de Carlos Magno.

A compreensão da capacidade criadora<sup>6</sup> do discurso me leva a questionar como essa ideia pode ser aplicada a tantas outras figuras, governos, sociedades e categorias, não só do passado como do presente. Dado que no atual momento histórico, em que estamos imersos no que comumente chamamos de “pós-verdade”<sup>7</sup>, é importante compreendermos como os discursos podem edificar e destruir, criar e aniquilar, vivificar e matar, promover o apagamento de povos, etnias e gêneros, bem como colocá-los em evidência, trazê-los à luz e dar-lhes voz, dependendo de quem, como, onde, com que finalidade e dirigido por qual ideário o discurso é enunciado.

Para levar este estudo adiante, utilizo de algumas definições necessárias para pensar a análise de uma obra retórica. Para Olivier Reboul, a retórica é “a arte do convencimento pelo discurso” (Reboul, 2004, p. XIV), uma definição concisa e bastante didática. Nesta mesma

<sup>4</sup> Para o debate sobre a data de composição da obra, ver, entre outros: Duckett (1962) e Nicolau (2018).

<sup>5</sup> Neste livro, o autor faz um apanhado breve das interpretações e apropriações da figura de Carlos Magno na modernidade e contemporaneidade.

<sup>6</sup> “Criadora” no sentido do discurso como produtor: neste caso, entendido como algo capaz de trazer significado, tornar uma ideia ou idealização em uma verdade.

<sup>7</sup> Aqui entendido como a tendência de acreditar naquilo que se deseja, independentemente de ser apoiado em fatos verificáveis. Nesse sentido, a narrativa que apoia a crença, seja ela qual for, não precisa de nada além de alguma verossimilhança para ser crível. A verdade perde a importância diante do que um indivíduo ou um grupo pensa ser verdadeiro.

esteira, a prof<sup>a</sup> Maria Maleval, fazendo uma análise da obra de Aristóteles, traz uma definição desta arte discursiva bastante pertinente ao presente estudo, e da qual me aproprio para pensar, pelo menos em termos, a forma de abordar a fonte proposta:

[...] Aristóteles é quem nos fornecerá, no século IV a.C., a sistematização mais competente da mesma [retórica], definindo-a como o estudo das técnicas de persuasão dos discursos dirigidos a um auditório, do qual o orador, melhor atuante se homem exemplar, teria de levar em conta os caracteres e paixões, para melhor conseguir-lhe a adesão. (Maleval, 2008, p. 3)

O trecho acima evidencia que, na concepção aristotélica, era importante que não apenas o discurso fosse bem-feito, mas que quem o enunciava fosse, preferencialmente, um homem de reputação conhecida. Aquele que proferia o discurso deveria conhecer seu público e entender como esse se comportava, para que sua audiência fosse levada a aceitar aquilo que o orador estava colocando e se filiasse àquela linha de raciocínio.

Então, na construção do discurso retórico, é necessário considerar o *ethos* (o próprio caráter do orador, sua reputação ou o modo como ele se apresenta ao seu público), o *pathos* (as emoções que o orador deseja suscitar à audiência através de sua postura, seu caráter e seu discurso), e o *logos* (a argumentação propriamente dita) (Reboul, 2004).

Essas três partes do discurso, são comuns na concepção aristotélica, cuja estrutura retórica geralmente divide os discursos em três gêneros: o judiciário (normalmente dirigido a juízes, tendo a função de acusar ou defender), o deliberativo (cujo auditório é a assembleia, para aconselhamento), e o epidítico (dirigido ao público, cuja função é a de louvor ou censura a um indivíduo ou grupo). Este último se utiliza da amplificação como argumento e é o gênero ao qual pertence a *Vita Karoli Magni*.

No caso da *VKM*, seu caráter epidítico tem toda linha argumentativa focada no elogio a um homem, o rei Carlos Magno. De modo que, tendo como norte a devoção do autor pelo biografado, demonstrada na obra, os capítulos desta dissertação buscam compreender não apenas a imagem criada pelo discurso einhardiano como também os elementos utilizados pelo autor na composição da *VKM*.

Assim, no primeiro capítulo, faço uma breve contextualização em que reviso a questão do chamado “renascimento carolíngio”, suas origens e importância para o período do reinado de Carlos Magno, bem como a ideia de que este dito “renascimento” possibilitou a retomada dos estudos dos trabalhos de muitos pensadores e filósofos da antiguidade. Analiso a retomada das artes da antiguidade, levando em consideração os relatos que ressaltavam o interesse de

Carlos Magno pelas artes liberais<sup>8</sup>, e que, durante seu reinado, houve um incentivo à cultura e à retomada da escrita em latim.

Ao considerar que, após a queda do Império Romano do ocidente<sup>9</sup>, houve um abandono das artes clássicas no oeste europeu, e mesmo a língua latina, circunscrita a pequenos grupos, quase foi esquecida, é cabível salientar que Einhard foi um dos intelectuais carolíngios que revisitou a arte discursiva da retórica, especialmente quando escreveu sobre seu patrono, Carlos Magno. A retomada da retórica foi uma entre as outras artes retomadas naquele período, mesmo que sob uma mais próxima daquela do cristianismo.

Neste mesmo capítulo, a discussão sobre o uso ou não do termo “renascimento” avança para o uso político deste movimento, considerando as aspirações da dinastia carolíngia de fortalecer seu poder. Neste sentido, é interessante pensar como o patrocínio e estímulo às várias artes renovadas no período poderiam ser utilizados com a finalidade de consolidar o poder carolíngio e, além disso, promover o esquecimento da dinastia merovíngia, tornando-a ridícula e pouco merecedora de memória.

Finalizando o primeiro capítulo, reflito sobre o *ethos* do autor ao analisar como ele se apropriou dos autores lidos durante sua formação, como aproxima-se e distancia-se daqueles que influenciaram em sua escrita. Essa análise da retórica de Einhard centra-se principalmente na forma como faz uso dessa arte para descrever algumas das relações políticas de Carlos Magno, muitas das quais terminaram em guerras. Guerras essas sobre as quais o autor discorre, algumas bastante detalhadamente, outras com mais brevidade, mas sem deixar de lado as ações do rei como chefe militar, político e, de certa forma, religioso. Essa forma de apresentação do caráter do rei segue parcialmente a fórmula pré-estabelecida, uma vez que a *Vita* é uma obra biográfica pertencente ao gênero epidítico da retórica, e formatada a partir da obra de Suetônio. Pensando, então, esta obra de Einhard, inspirada em Suetônio e provavelmente em Cícero, cabe questionar como essa apropriação de dois grandes autores de diferentes períodos da antiguidade romana serviu ao propósito do autor carolíngio, um propósito que o próprio Einhard declara, objetivando eternizar a memória de Carlos Magno. Portanto, é importante mencionar o que Albuquerque Jr. declara sobre a importância dos discursos e de seu estudo, que reside no fato de eles representarem o modo de pensar de dado período:

---

<sup>8</sup> Conforme Jaeger (2013, p. 368), desde o final da Antiguidade as “artes liberais” compreendem o *trivium* (retórica, gramática e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia).

<sup>9</sup> O Império Romano tinha uma continuidade no oriente, o Império Bizantino era um importante centro de conservação de saberes.

Ao tomarmos um discurso ou um pronunciamento como fonte para o nosso trabalho, não devemos perguntar apenas o que ele diz sobre o passado, [...], mas devemos nos perguntar como esse discurso foi produzido, em que época, por quem, em que circunstâncias políticas, econômicas, sociais. (Albuquerque Jr., 2012, p. 235)

Por isso, visando além do que a fonte diz sobre o passado e indo na direção que Albuquerque Jr sinaliza, minha análise é voltada para o produtor dos discursos, ressaltando suas circunstâncias e objetivos. Esse foco se faz necessário para averiguar de que forma a figura do próprio autor se coloca na obra, quais argumentos utiliza para validar seu testemunho, como ele organiza seu discurso, quem era sua recepção provável e as possibilidades de a obra ter sido realizada para legitimar e solidificar o trono carolíngio. Enfim, qual a importância de seu *ethos* na constituição da obra e para o auditório provável.

No segundo capítulo, analiso como Einhard apropriou-se de Suetônio para compor a *Vita*. Para tanto, apresento sucintamente Suetônio, a forma como escreveu A vida dos Doze Césares, quais seus recursos retóricos e como ele manifesta seu *ethos*.

Ora Suetônio parece usar a erudição para captar a atenção do leitor. Conhecedor do gosto do seu público pelo típico *italum acetum*, pelo romanesco de uma *bella fabella*, pelas *curiositates* da vida dos ricos e famosos e pelos escândalos da vida social, o biógrafo procura seduzir os curiosos. Em vez do estilo elevado da história, adota um estilo desadornado e conciso. (Brandão, 2009, p. 31)

Suetônio, conhecedor de seu auditório, escreveu essa obra com a intenção de cativar o público leitor/ouvinte através de certo humor, sublinhando fatos anedóticos, curiosos e até indiscretos. Já Einhard procura outra forma de capturar seu auditório, discorrendo sobre a glória de um rei e seu reino, a piedade de um cristão acima de qualquer outro, a inteligência de um grande guerreiro. São estratégias diferentes de abordagem, um dos traços que distingue um autor do outro, demonstrando as aproximações e distanciamentos operados pelo presbítero ao modelo suetoniano. Considerando as formas que os modelos dos Césares de Suetônio se reflete no Carlos Magno de Einhard, averiguo como o rei descrito na *Vita Caroli Magni* foi construído e o que motivou suas escolhas.

No capítulo três foco a análise no *ethos* que o autor atribui a Carlos Magno em guerra. Para tanto, cabe salientar que o autor inicia a obra descrevendo a situação política de dinastia “fraca” que foi substituída por uma muito mais forte. Embora dê ao Papa o crédito pela destituição do rei merovíngio, percebe-se como o discurso na *Vita* favorece as decisões do conselho que costumava eleger os reis dos francos. Esse evento também é perpassado por um

novo elemento: pela primeira vez, o rei havia sido destituído pelo Papa, ou seja, o poder espiritual embasava as atitudes de Pepino na manobra política que destronou o último rei merovíngio. Isto é bastante revelador, no sentido de demonstrar a importância que essa relação entre a Igreja e o trono carolíngio teria ao longo dos séculos seguintes ao golpe que mudou a dinastia franca.

Embora nos séculos VIII e IX, e mesmo no X, a Igreja não tivesse ainda o poder e a influência que viria a adquirir a partir do XI, havia certa interdependência entre a incipiente dinastia carolíngia e a Igreja de Roma, onde o poder político era apoiado pelo religioso em um sistema que se retroalimentava: “A família merovíngia, de onde os reis francos costumavam ser tomados, até o rei Childerico, conforme se considera, quem por ordem do Pontífice Romano Estevão foi deposto, tonsurado e colocado em um monastério”<sup>10</sup>. Segundo o relato, os reis francos eram escolhidos conforme o costume germânico, em uma assembleia.

O costume político da época determinava que um rei não poderia ser sucedido senão pela morte do governante anterior. Observamos, assim, como o rei Childerico III, da dinastia merovíngia, foi deposto de seu posto pelo bispo de Roma em um ato político, e não religioso, uma vez que a autoridade do *mayordomus*<sup>11</sup> por si não teria amparo suficiente para um ato tão amplo. Contudo, quando Pepino, o Breve, morre, não há necessidade de nova intervenção da Igreja: segue-se o costume e Carlos Magno é confirmado rei pela assembleia, consolidando o poder dos descendentes de Carlos Martel.

Foi então, na eleição de Carlos Magno e de seu irmão Carlomano como reis dos francos, que o relacionamento dos carolíngios com a Igreja ficou ainda mais patente. Essa estreita relação que o trono franco tinha com a Igreja católica levou Carlos Magno a declarar algumas de suas guerras. Ele tornou-se o defensor do papado, fez-se o braço armado da fé romana e, em contrapartida, manteve grande influência sobre a Igreja. Conforme o relato de Einhard, e de acordo com o que o autor queria reforçar do caráter do rei, foi pelos interesses da Igreja que ele foi à guerra com os lombardos, e em nome da fé lutou contra os Saxões.

Outro ponto analisado ainda neste capítulo é a retórica utilizada para descrever a forma como o rei lidou com a suposta traição do irmão. O relacionamento de Carlos Magno com seu irmão, Carlomano, ocupa muito pouco espaço na *VKM*. Ainda assim, a ligação dos irmãos e as

<sup>10</sup> *Gens Merovingorum, de qua Franci reges sibi creare soliti erant, usque in Hildricum regem, qui iussu Stephani Romani pontificis depositus ac detonsus atque in monasterium trusus est, durasse putatur.* (Einhard, 1905, p. 2. Tradução livre)

<sup>11</sup> *Mayordomus* era o prefeito do palácio [*praefeti palacii*], um administrador com amplos poderes. Este cargo, de grande honorabilidade, era disputado entre as famílias mais influentes. Carlos Martel, pai de Pepino, o Breve, e avô de Carlos Magno, foi *mayordomus* antes de Pepino. Isso tornava a função quase hereditária.

dinâmicas de poder que perpassava essa relação são relevantes para estabelecer os nexos entre proximidade familiar e o exercício do poder. Nesse mesmo sentido, proponho que o silêncio do autor sobre o relacionamento do rei com seu pai possa ser explicado pelo entendimento de Einhard de que tiraria o protagonismo de Carlos, uma vez que a obra é focada em mostrar um grande homem e sobretudo, um grande monarca, digno de ser imortalizado do mesmo modo que foram os césares na obra de Suetônio – propondo uma ligação não apenas estilística, mas também chancelada pela herança da coroa do Império Romano.

Como Pepino, o Breve, já estava morto, Einhard silencia sobre os eventos envolvendo Carlos Magno antes de ter ascendido como imperador, de modo que esse relacionamento com o genitor parece também não ter sido considerado relevante. Note-se, porém, que Pepino não está excluído da narrativa, ele está lá, no princípio de tudo. Porém, seu papel na *VKM* se resume a pavimentar o caminho que o filho trilharia. Seus feitos surgem na narrativa apenas para enfatizar como o protagonista da fonte era de algum modo superior ou mais bem preparado que seu pai, como quando ressalta que Carlos Magno venceu as guerras herdadas de Pepino.

Na sequência, procuro, nas obras de Cícero (especialmente no Discurso sobre Marcelo) a inspiração de Einhard para construir a imagem que pretendia obter para o rei Carlos para a posteridade. A escolha da obra Discurso Sobre Marcelo se justifica dado que esta obra se encaixa no gênero discursivo utilizado por Einhard, e embora não seja exatamente uma biografia, ela também é uma exaltação à figura de César, escrita por Cícero em gratidão a Cesar, pelo perdão concedido a Marcelo, que era amigo de Cícero.

No bojo deste mesmo enfoque, analiso o texto sobre o Divino Júlio, que é parte da obra Vida dos Doze Césares, de Suetônio. A investigação desta obra busca verificar se a obra de Einhard, para além do uso das *divisiones* tem alguma outra utilização do trabalho de Suetônio em sua Vida de Júlio César. Pois, como a historiografia que se dispõe a estudar o período carolíngio já demonstrou inúmeras vezes, é patente o uso do formato suetoniano na *VKM*, sendo que não cabe discutir seu uso, mas se há usos de figuras de linguagem ou estilística semelhante.

Encerrando a análise destes dois autores da antiguidade, estabeleço as semelhanças entre essas três obras, as duas *Vitas*, a escrita por Einhard e a escrita por Suetônio, e o Discurso sobre Marcelo. Através da retórica empregada pelo autor, é possível compreender não apenas suas inspirações na composição, mas também a motivação de sua elaboração. Uma vez que foi escrita após a morte de Carlos Magno, a exaltação de sua figura e a demonstração da grandiosidade de seu reinado puderam servir ao rei Luís, seu sucessor no Império Romano do ocidente.

Apesar desta suposta grandiosidade de Carlos Magno que Einhard lembra a todo o instante, é importante salientar que a morte de seus filhos, Pepino e Carlos, foram um fator de degradação do reino franco, deixando um “vazio de poder” nos territórios então administrados por eles. Por isso, em 813, Carlos Magno convocou o conselho e coroou o filho Luís como seu sucessor; logo em seguida, em janeiro de 814, o imperador morreu por consequência de uma forte gripe contraída durante uma caçada.

Luís, o Piedoso, passou de rei da Aquitânia a imperador dos francos em cerca de um mês – aproximadamente o mesmo tempo que levou para se deslocar até o túmulo do pai. Luís herdou junto com o reino todos os problemas internos com os quais seu pai não quis ou não conseguiu lidar. Os últimos anos do reinado do imperador franco são marcados pela “desordem interna, que é uma reação ao autoritarismo cada vez mais acentuado de Carlos” (Favier, 2004, p. 527). Tal autoritarismo poderia ser uma reação natural daquele monarca à percepção de que não mais era o guerreiro valoroso que um dia fora, não mais capaz de impor-se às vontades beligerantes de seus condes. É bem verdade que Carlos Magno sempre enfrentou resistências internas, traições e rebeliões, inclusive no seio de sua família. Contudo, no início dos 800 ele já não tinha o mesmo vigor físico para debelar as crises.

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RENASCIMENTO CAROLÍNGIO E O ETHOS DE EINHARD

Durante quase todo o século XX, a historiografia considerou que o período do reinado de Carlos Magno foi um período de renascimento cultural e intelectual. Isto porque, nesse período, houve grande incentivo por parte do rei para que as artes liberais fossem ensinadas aos nobres, mas não apenas a eles, conforme nos esclarece Favier (2004, p. 420): “Um concílio realizado em 798 em Risbach, próximo a Ratisbona, preconiza que se estabeleça em cada cidade episcopal um ‘sábio doutor’, capaz ao mesmo tempo de ensinar as disciplinas de base e de organizar a celebração do ofício na catedral”.

Segundo esta visão as artes do *trivium* e do *quadrivium* haviam desaparecido por completo e renasceram no século VIII, de forma simplificada. Essa historiografia não leva exatamente em consideração toda uma rede de mosteiros e bibliotecas que guardaram e copiaram documentos da antiguidade greco-latina, como será visto a seguir.

É nesse cenário que se insere a importância de Einhard, como um dos beneficiários da cultura preservada e levada ao reino dos francos. A partir de suas vivências com os textos preservados, em Fulda, o autor da *VKM* se torna um intelectual versado em latim e capaz de realizar sua obra. Desse modo, percebe-se como Einhard inspira-se em autores antigos e apresenta-se em sua obra, partindo de sutilezas e subjetividades.

### 1.1 É POSSÍVEL REFERIR-SE A UM “RENASCIMENTO CAROLÍNGIO”?

Para entender como Einhard se apropriou dos autores da antiguidade clássica, é preciso fazer uma breve reflexão sobre a questão do ensino e da preservação dos saberes, a propagação e disponibilização de livros, e o que ainda hoje é descrito por uma parte da historiografia como “renascimento carolíngio”, uma caracterização que se pode considerar equivocada do período que compreende o final do século VII, no reino franco. Para tanto, é necessário compreender os caminhos da educação no reino franco, durante o reinado de Carlo Magno.

A educação teve um papel bastante importante tanto no Império Romano ocidental quanto em Bizâncio, no Império Romano do Oriente. As escolas eram utilizadas como propagadoras e propagandistas de saberes e conhecimentos. Contudo, com o crescimento do cristianismo, a partir do século IV, as escolas foram perdendo a importância, como afirma Bolgar:

Mas a aceitação geral do Cristianismo tornou inadequada a prática que envolvia uma reverência pública a autores pagãos; o uso das escolas como instrumentos de propaganda tornou-se impossível depois do quarto século, e então, desde aquele momento, tanto o Estado Romano quanto o Bizantino perderam gradualmente o interesse nos professores e no ensino.<sup>12</sup> (Bolgar, 1974, p. 61, tradução livre)

Com esta perda do interesse pelo ensino, apoiada na crença de que usar autores pagãos seria errado, foi criado um espaço preenchido pela Igreja, que logo no início da Idade Média passou a ocupar essa lacuna, com estudos voltados para as escrituras sagradas. Como aconteceu no Império Bizantino, no século VII, Focas<sup>13</sup> fechou a Universidade de Constantinopla. Esta mesma universidade foi reaberta no reinado seguinte, já sob o comando da Igreja, “a única instituição ainda interessada na disseminação e controle das ideias”<sup>14</sup> (Bolgar, 1973, p. 62, tradução livre). Vale lembrar que a educação não foi o único saber absorvido e que passou a fazer parte das funções da Igreja<sup>15</sup>, esse foi o caso de também da medicina, aos poucos incorporada às práticas da ordem dos beneditinos<sup>16</sup>, por exemplo.

Ante o exposto, percebe-se que a Igreja vinha assumindo um papel cada vez mais predominante em vários campos do saber, encampando em suas atribuições não mais apenas o cuidado com a alma dos cristãos, a partir dos estudos sobre os mistérios de Deus presentes na teologia, mas também nas áreas mais práticas da vida. Considero isso como o embrião do pensamento que guiará as práticas político-religiosas da Igreja Católica durante a Idade Média, nas quais o elemento religioso está presente em todas as esferas da vida, tanto a privada, quanto a administrativa e política dos povos e reinos.

Com essa ingerência crescente, a Igreja teve um papel fundamental na preservação dos textos, preservação sem a qual não teria sido possível que os carolíngios tivessem acesso aos autores da antiguidade. Desde São Patrício e Élio Lamprídio<sup>17</sup>, no século V, aos textos

<sup>12</sup> “*But the general acceptance of Christianity had made inexpedient a practice which involved a public homage to pagan authors; the use of the schools as instruments of propaganda had become impossible after the fourth century; and so from that time on, the State both in Rome and Byzantium had gradually lost interest in teachers and teaching*”.

<sup>13</sup> Flavius Phocas Augustus foi Imperador Bizantino de 602 a 610. Durante o século VII, o Império Bizantino sofreu com avanços dos eslavos e dos persas, seguidos pelos árabes muçulmanos, resultando na perda de algumas províncias importantes, como o Egito. Isso redundou em prejuízos econômicos sérios para o Império. Isso talvez explique em parte sua falta de interesse em manter a universidade. O tema pode ser visto, entre outros, em: Monteiro (2021), Kerouzian (1972) e Dias (2008).

<sup>14</sup> “[...] *the only institution still interested in the spread and control of ideas.*”

<sup>15</sup> Ainda segundo Bolgar, o Ecumenical College tinha cerca de 20 professores e instrução não apenas em teologia, mas também em uma gama de assuntos seculares.

<sup>16</sup> Ordem religiosa fundada no século VI, os beneditinos se preocupavam com a saúde dos monges, mantendo celas para os médicos e cultivando plantas medicinais nos mosteiros (Almeida, 2009).

<sup>17</sup> Bolgar afirma que não se pode dizer nem que foi São Patrício quem trouxe os textos dos autores da antiguidade para a Irlanda, nem que eles já estavam lá quando o religioso chegou. Lamprídio por sua vez, ficou conhecido por declamar textos em Grego e Latim diante de seus alunos em Bordeaux (Bolgar, 1974).

preservados nas bibliotecas bizantinas e posteriormente estudados nas escolas eclesiásticas, tais textos foram copiados e enviados a outros conventos. Como sublinha a professora Terezinha Oliveira, “deve-se destacar a importância dos mosteiros na preservação e divulgação da cultura nesta época [início da Idade Média]” (Oliveira, 2012, p. 120).

Foi esse afã de copiar os manuscritos que fez com que o conhecimento das artes liberais da antiguidade (entre outros muitos conhecimentos) circulasse entre os eruditos do período que se situa no que consideramos o início da Idade Média. Essa conservação e circulação de textos fica evidente quando observamos as redes de contatos entre mosteiros e abadias em diversos lugares, como verifica-se no trecho:

A Germânia meridional, que conta com muitos monges irlandeses e anglo-saxões, mantém relações com a Itália. Nela se conservam alguns resquícios da romanidade. A diocese de Chur e a abadia de Sankt Gallen estão em contato principalmente com os centros culturais do norte da Itália. Na Baviera, ainda são monges irlandeses e anglo-saxões que animam as abadias fundadas pelos duques da família dos agilulfianos [Agilolfinger]. Essas regiões de contato haveriam de ter um papel importante no Renascimento Carolíngio. (Favier, 2004, p. 404)

O excerto corrobora a ideia de que existia boa troca de textos entre abadias e mosteiros, e que esses contatos tiveram um papel importante para a retomada carolíngia dos estudos das artes liberais. Chama-me particularmente a atenção quando o autor diz que, na Itália, guardam resquícios de uma continuidade romana, que chamou de “romanidade”. Esse fenômeno se dava pela política romana de construir bibliotecas em seus domínios, principalmente durante o Império. Sua construção, geralmente, era encomendada pelo poder público ou por cidadãos abastados, estabelecendo seus acervos através de compra de exemplares e de pilhagem: “[...] Roma também tinha bibliotecas notáveis que não haviam sido adquiridas por meio de pilhagem, e sim reunidas por homens devotados à literatura e à aprendizagem” (Casson, 2018, pos. 94/223).

Espalhadas pelo território romano, essas bibliotecas possuíam exemplares de obras em grego e em latim, e podiam ser consultadas por qualquer cidadão que tivesse interesse. Com a divisão do Império entre oriental e ocidental, no século IV, a parte ocidental passou a se fragmentar, decaindo sob o peso das invasões dos povos chamados bárbaros<sup>18</sup>. Durante os

---

<sup>18</sup> Não cabe a este trabalho a discussão sobre os motivos da queda do Império Romano do ocidente. Para ver essa discussão de forma adequada, pode-se consultar, entre outros, Anderson (2004), Carlan (2008), Machado (2015) e Cândido da Silva (2008).

conflitos que se seguiram, muito foi destruído, ao ponto da maioria destas bibliotecas acabar por desaparecer no ocidente.

Nos dias de Augusto e Trajano, quando a cidade abrigava esplêndidas bibliotecas públicas, sua população era de mais de um milhão de habitantes: durante esses anos sangrentos, esse número caiu para menos de trinta mil. Encolhida e devastada, Roma não tinha nem fundos para sustentar bibliotecas nem pessoas para usá-las. (Casson, 2018, pos. 174/223)

Seguindo esse raciocínio, as invasões dos povos estrangeiros levaram a um desaparecimento gradual das bibliotecas nos territórios pertencentes aos romanos no ocidente, senão por destruição durante as invasões, pelo abandono e possivelmente pilhagem. Porém, nem todos os textos foram perdidos, e, nesse caso, a Igreja cumpriu um papel importante na manutenção de textos antigos, copiando e mantendo-os em alguma circulação, por mais restrita que fosse.

Clérigos como Alcuíno, que preferia ler Virgílio aos salmos, conforme Favier (2004), foram os principais agentes do que veio a ser conhecido como “renascimento carolíngio”. Talvez por isso, Guerreau-Jalabert (1981) afirme que a *renovatio* cultural carolíngia foi a princípio uma reforma da Igreja. Isto porque quem detinha o acesso à interpretação e à propagação dos textos antigos eram os clérigos. Esses mesmos homens da Igreja, não passaram ilesos por este processo de leitura e interpretação dos textos escritos por homens pagãos, de uma cultura que tinha valores em muitos aspectos diferentes daqueles pregados pelos cristãos. Assim, posso afirmar que os escritores da antiguidade influenciaram o pensamento e a escrita daqueles eruditos do início da Idade Média.

Seguindo no entendimento de que a renovação carolíngia foi, antes de tudo, uma renovação da Igreja, Born considera que o Império Carolíngio garantiu o desenvolvimento intelectual dos clérigos:

Sob esse império unido, contudo sangrento em suas origens, e que, no entanto, garantiu sua paz e administração interna, a Igreja estava salva, seus clérigos eruditos estavam livres para usar suas habilidades, e as suas atividades intelectuais poderiam se desenvolver novamente, depois de 200 anos submersos nesta parte do continente.<sup>19</sup> (Born, 1933, p. 585, tradução livre)

---

<sup>19</sup> “Under this united empire, however bloody its origin, and however checkered its peace and internal administration, the Church was safe, its scholarly minded clerics were free to indulge their abilities, and intellectual activities could develop again, after their general submergence for 200 years on this part of the continent.”

Isso me leva a afirmar que também essa retomada dos antigos, chamada durante muitos anos pela historiografia de “renascimento carolíngio” – denominação, na minha concepção, arbitrária – mantém a lógica na qual existe uma relação de retroalimentação entre os carolíngios e o papado, onde o Império garante a segurança da Igreja, e esta fornece a legitimidade ao Império. Contudo, é perceptível que, naquele momento, em que Carlos Magno já havia consolidado seu reinado, os carolíngios precisavam menos da Igreja do que ela precisava dos carolíngios.

Então, durante o período carolíngio, a Igreja aproveita a proteção e estabilidade oferecidas pelo reino para se fortalecer e se estruturar<sup>20</sup>. Por sua vez, os francos absorveram o conhecimento produzido por esses intelectuais<sup>21</sup>, enriquecendo a corte cultural e intelectualmente. Essa absorção não era inconsciente; havia uma intencionalidade no patrocínio das artes na corte carolíngia. Carlos Magno, em especial, tinha grande admiração pelas artes liberais e promoveu o ensino delas, tanto para ele quanto para seus filhos, homens e mulheres. Segundo Favier, Carlos Magno costumava treinar a escrita antes de dormir, mantendo uma tabuinha junto à cama. Sob a tutela dos carolíngios, que fundaram escolas para o ensino das artes liberais, como a escola Palatina, onde Alcuíno foi professor, o período proporcionou um ambiente propício para o desenvolvimento do conhecimento baseado nas leituras dos antigos.

Anteriormente, os merovíngios investiram em educação de acordo com os padrões da época, mas foi no período carolíngio que as escolas ganharam maior destaque. O patrocínio aos eruditos, que já existia durante o reinado merovíngio, foi fortalecido sob os carolíngios, conforme afirmado por Jury:

---

<sup>20</sup> Conforme Costambeys, Innes e MacLean (2011), durante o período carolíngio, os francos viam-se como escolhidos de Deus, responsáveis pela conversão dos povos conquistados, por isso comumente substituíam os exércitos por missionários, após as conquistas. Some-se a isso a patronagem largamente exercida pelos nobres, que fundavam mosteiros e mantinham homens santos e intelectuais, como foi o caso do próprio Einhard. Dando à Igreja condições não apenas financeiras, mas também apoio militar e político para fortalecer suas estruturas de poder.

<sup>21</sup> O conceito de “intelectual” pode ser bastante controverso para a Idade Média. Sobre ele, debruçaram-se nomes como Jaques Le Goff, em *Os Intelectuais na Idade Média*, e Jacques Verger, em *Homens e Saber na Idade Média*, onde debatem sobre quem seriam os “intelectuais” e como eles surgiram. O professor Igor Salomão Teixeira (2014) articula esse debate de forma muito didática no texto *O Intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise*, onde fica claro que o conceito de intelectual defendido por estes autores está ligado à universidade, instituição surgida na Idade Média. Da mesma forma, no artigo intitulado *Considerações sobre o trabalho na Idade Média*, a professora Terezinha Oliveira aborda a transformação do trabalho intelectual e a mudança na mentalidade a partir do século XII, quando este passou a ser considerado parte do avanço tecnológico. No entanto, é relevante observar que os estudos tratam do intelectual nos séculos XII e XIII. Nesta dissertação, cuja fonte é um texto do século IX, não é apropriado utilizar esse conceito, pois as universidades, às quais os intelectuais se associam, ainda não existiam naquela época. Os intelectuais mencionados são aqueles homens que se dedicavam ao estudo das letras, geralmente vinculados a mosteiros, e que liam, copiavam e interpretavam obras de autores da antiguidade clássica e da Igreja.

Então, houve alguma continuidade nas práticas literárias e eruditas do quinto para o oitavo século, mas o aumento do patrocínio aos eruditos e atividades intelectuais oferecido por Carlos Magno, reviveu a preservação e a produção de textos clássicos, de forma tal que o termo “renascimento” não é inteiramente sem mérito.<sup>22</sup> (Jury, 2018, p. 88).

Chama atenção que, no reino franco, havia preocupação com a educação. Alguns autores chegam a afirmar que Carlos Magno pretendeu um sistema de educação universal no reino franco (Favier, 2004, p. 421). De fato, conforme a historiografia acerca do período, chegou a haver uma reforma educacional, embora não se tenha chegado a uma educação universal<sup>23</sup>. O período também conheceu alguns avanços na fabricação de livros, como parte de suas conquistas no âmbito do ensino.

A interpretação de que a *renovatio* carolíngia foi muito mais uma reforma na Igreja, é também apoiada pelo professor Matthew Innes: “A comparação implícita com a Renascença tem sustentado as pesquisas mais exigentes, que reexaminam o período nos anos recentes”<sup>24</sup> (Innes, 1997, p. 266, tradução livre). Concordo com seu argumento segundo o qual existiu e existe essa comparação entre a retomada dos clássicos pelos carolíngios e o mais famoso dos ditos “renascimentos”, aquele que teve lugar entre os séculos XIV e XVI<sup>25</sup>. Porém, parece uma aplicação superficial de uma ideia – “renascimento” – que, em amplo espectro, é carregada de uma significação que representa o sentido de fazer voltar à vida, ressuscitar, algo que havia desaparecido. Como já se foi possível notar até aqui, isso não representa uma realidade para o período que abarca os séculos VII–IX, como não penso que seja realidade para o período da dita modernidade, que todavia não me cabe discutir aqui.

Innes segue dizendo que agora está bastante claro que os clérigos pretendiam um movimento de reforma cristã, fundamentada em termos eclesiásticos (Innes, 1997). Então, a renovação era, em primeira instância, uma tentativa da Igreja de fazer uma renovação em seu interior, o que, em uma sociedade onde o cultural, o administrativo e o religioso estão intrinsecamente ligados, é bastante significativo para toda a sociedade.

<sup>22</sup> “So there was some continuity of literary and educational practices from the fifth to the eighth centuries, but Charlemagne’s increases of patronage for scholars and intellectual pursuits revived the preservation and production of classical texts to an extent that the term “renaissance” is not entirely without merit.”

<sup>23</sup> Segundo Favier, na mesma página, a circular *De litteris colendis* dispunha sobre como deveria ser o ensino no reino. Carlos Magno queria que os padres ensinassem os fiéis nas paróquias, ou seja, os mais pobres também teriam acesso à alguma educação.

<sup>24</sup> “The implicit comparison with the Renaissance has underpinned some of the most searching re-examinations of the period in recent years.”

<sup>25</sup> Acerca do debate sobre o Renascimento, ver Goody (2011), Burke (2008) e Huizinga (2010), entre outros.

Neste mesmo sentido, Trumpf considera que qualquer “renascimento” é cultural e intelectual (Trumpf, 1973). Ou seja, não há como desvencilhar a questão religiosa das demais, tornando a ideia de que a renovação carolíngia foi, antes de qualquer coisa, uma renovação da Igreja, não apenas plausível, mas bastante provável. A esta afirmação Trumpf acrescenta questionamentos pertinentes sobre o tema:

[...] mas somos forçados a perguntar se qualquer concepção de um “renascimento” cultural é de todo apropriado à situação carolíngia. Há o fator do tempo, o oitavo século não é muito próximo à queda do Império Romano, no sexto século, para fazer uma “renascença” conceitualmente factível? E então, o fator regional. Aparentemente, estamos confinando o “renascimento” Carolíngio ao Ocidente Europeu, enquanto a continuidade de Bizâncio com a cultura clássica remanescente permanece, relativamente falando, imperturbável.<sup>26</sup> (Trumpf, 1973, p. 8, tradução livre)

Seguindo o raciocínio apresentado por Trumpf no excerto acima, fica ainda mais patente a proposição de que é lícito relativizar, e até mesmo descartar, a adequação do termo “renascimento” para o período carolíngio, uma vez que, conforme o autor, a proximidade temporal à queda do Império Romano do ocidente, impossibilita ou no mínimo dificulta a ideia do completo desaparecimento de sua cultura, para que haja uma possibilidade desta mesma precisar renascer. Ao que se soma o fato de que o Império Bizantino no oriente se mantinha forte como uma continuação do Império Romano, em muitos sentidos. Isso torna, novamente, um pouco excessivo falar em “renascimento”, talvez a palavra mais adequada seja “retomada”, ou talvez possamos caracterizar como uma permanência dos antigos, da cultura romana no ocidente. Mas o termo renascimento, propriamente, levaria a uma conceituação um tanto arbitrária para o período, uma vez que os próprios carolíngios costumavam utilizar muito mais os termos *renovatio* ou *renovare* do que “renascimento” (Trumpf, 1973).

## 1.2 *RENOVATIO*, UMA QUESTÃO POLÍTICA

Consequentemente, considero a possibilidade da *renovatio* ocorrida no período carolíngio ser uma ferramenta para fortalecer a dinastia nascente e promover, se não o esquecimento dos merovíngios, a desqualificação de sua legitimidade e capacidade como

<sup>26</sup> “[...] but we are forced to ask whether any such conception of a cultural “rebirth” is at all appropriate to the Carolingian situation. There is the time factor; is not the eighth century too close to the fall of the western Roman Empire in the sixth century to make a “renaissance” conceptually feasible? and then the regional factor. Apparently, we are to confine the Carolingian “renaissance” to the European West, while Byzantium’s continuity with classical culture remains, relatively speaking undisturbed.” (Tradução Livre)

governantes. Não seria algo impossível, muito pelo contrário. Esse argumento encontra eco na reflexão de Michel Moore sobre o assunto, quanto ele trata da ressignificação de um passado cristão, promovido pelos intelectuais carolíngios, e aborda a prática de apagamento da história merovíngia, ou, no mínimo, da importância histórica dos merovíngios, por estes mesmos intelectuais:

Desde seu início, a dinastia carolíngia tentou ativamente controlar a memória e a interpretação do passado, em um esforço para demonstrar que sua aquisição de poder e por fim usurpação do trono foi justificada pelo providencial curso da história. O objetivo de sua intervenção cultural era aviltar a dinastia anterior, por meio de uma narrativa do declínio Merovíngio, seguida por uma renovação cultural e religiosa levada a cabo pelos Carolíngios triunfantes. Suas doutrinas históricas foram desenvolvidas nas vidas dos santos e outros textos históricos, como, por exemplo, os *Annales Mattenses Priores*.<sup>27</sup> (Moore, 2010, p. 295, tradução livre)

Isso leva a considerar a *renovatio* para além de sua existência como uma continuidade dos antigos, uma permanência do período clássico, mas também uma ferramenta bem utilizada, que garantiu a suplantação da memória merovíngia no imaginário franco. Neste caso, a dinastia dos carolíngios teria sido fortalecida inclusive pelo discurso de Einhard na *VKM*, uma vez que ele apresenta em seu texto mais que um rei, um soberano ou um administrador. Aquele a quem Einhard apresentou em seu texto é alguém com a excelência de um pai fundador, cujo caráter está acima dos demais e cujos predecessores merovíngios não eram dignos de ocupar o trono e, por isso, foram destituídos. A *Vita Karoli* serve perfeitamente a este projeto de apagamento e desmoralização dos merovíngios, mesmo que esta não tenha sido sua função primordial.

Essa intencionalidade dos carolíngios em excluir a memória da dinastia anterior pode ser encontrada também nos escritos de Paulo, Diácono, que, no *Liber de episcopis Mattensibus*, apresenta um mito fundador para os carolíngios, traçando sua hereditariedade diretamente de uma diáspora dos troianos, por um lado, e de Santo Arnulfo de Metz, por outro<sup>28</sup> (Nason, 2019). Desse modo, os carolíngios teriam seu reinado sustentado tanto por uma herança da antiguidade como da cristandade, enquanto o mito originário dos merovíngios remontava uma divindade do

---

<sup>27</sup> “From its inception, the Carolingian dynasty actively attempted to control the memory and interpretation of the past, in an effort to show that its acquisition of power and ultimate usurpation of the throne had been justified by the providential course of history. The goal of this cultural intervention was to denigrate the previous dynasty by means of a narrative of Merovingian decline followed by cultural and religious renewal under the triumphant Carolingians. This historical doctrine was developed in saints’ lives and other historical texts, as for example in the *Annales Mettenses Priores*.”

<sup>28</sup> O professor Corey Nason, diz que Virgílio, na Eneida, reclama que os romanos descendem do Troiano Enéias. Ainda, segundo ele, Paulo Diácono reclama para os Carolíngios uma herança romana, combinando esse mito presente na Eneida, com uma descendência, também mítica, de Sto Arnulfo de Metz, dando aos carolíngios um ascendência cristã-romana.

mar, ou seja, sua legitimidade ao trono não era fundamentada no cristianismo, Deus não estava na origem do poder real merovíngio, o que possivelmente foi solidificando ao longo do tempo a ideia de que o trono não poderia pertencer a eles.

Fica claro que este debate difere daquele sobre se de fato houve um renascimento ou não, já que aborda os possíveis usos da ideia de renovação. No entanto, o tema atine ao presente estudo, uma vez que meu objeto está inserido em ambos os contextos de discussão, causando uma intersecção entre os dois raciocínios. Sendo a obra ora analisada uma *Vita* nos moldes de Suetônio, trata-se uma permanência dos modelos da antiguidade, e, sendo um louvor a Carlos Magno bem como provavelmente um dos textos utilizados para desmerecer os merovíngios e exaltar os carolíngios, é uma produção representativa do pensamento intelectual do século IX. Por fim, o debate corrobora a tese de que a *renovatio* foi também, ou principalmente, religiosa, promovendo uma reestruturação da Igreja e uma nova interpretação dos escritos dos patriarcas cristãos e dos pensadores da antiguidade greco-romana.

Ainda, partindo da ideia do uso da *renovatio* como propaganda da nova dinastia consolidada naquele momento, entende-se que a *VKM* é representante deste período e também parte dessa lógica de apagamento e ressignificação da importância dos merovíngios para os francos. Visto sua importância para a compreensão dos usos tanto da obra em si, como da imagem de rei e soberano que ela constrói, este trabalho se apropria desta ideia como uma das possibilidades de análise para a construção da imagem do rei. Ou seja, a *Vita* como propagadora da ideia de uma soberania carolíngia em relação aos merovíngios. Esta é uma discussão antiga, porém uma discussão válida, tendo em vista que o objeto deste estudo está inserido no contexto, e muito mais do que isso, trata-se de uma representação material do que foi produzido, do pensamento que circulou e se cristalizou no período entre os eruditos. O próprio Einhard é um representante modelar da cultura e do pensamento produzido e formatado pela retomada ou pela permanência dos antigos no mundo franco.

Assim, não poderia furtar-me de tentar entender o que pode ter sido e significado esse período de renovação para a sociedade e para a produção cultural carolíngias, bem como o sentido da *VKM* no contexto. Sobre o uso ou não do termo “renascimento”, o debate seguirá, por certo, entre os acadêmicos da área. Contudo, é bastante provável que, cada vez mais, como já tem acontecido, o consenso seja pelo abandono do termo, que, como procurei elucidar, é absolutamente inadequado para o período entre os séculos VIII e IX.

### 1.3 O *ETHOS* DO AUTOR

Partindo do princípio de que Einhard foi um erudito formado durante o período da *renovatio* carolíngia e que foi influenciado por autores da antiguidade, sabidamente Suetônio e muito provavelmente Cícero, entre outros, analiso a seguir as formas como ele se utilizou deste conhecimento para construir seu texto. Para isso, busco refletir sobre o *ethos* que o autor apresenta no prólogo da *VKM*,

Na concepção aristotélica da retórica, o *ethos* diz respeito a uma parte emocional do discurso, sobre o caráter do orador (Reboul, 2004). No período carolíngio, os intelectuais seguiam a concepção dos autores da antiguidade, de que retórica era, antes de tudo, a arte do bem falar (Oliveira, 2020). Esta visão reitera a importância de saber colocar as palavras não só de forma coerente, mas de modo a causar no leitor/ouvinte algum tipo de emoção, prendendo sua atenção e fazendo com que os argumentos do autor/orador, sejam, não apenas compreendidos, mas aceitos. Então, a forma como o autor se coloca e apresenta-se ao público vai garantir a empatia destes ouvintes, ou, no presente caso, caso leitores. Isso busca fazer com que eles estejam mais dispostos a aceitar os argumentos dos quais o orador irá se utilizar. Ou seja, é preciso que exista certa identificação afetiva com o orador para predispor o auditório a concordar com seu *logos*, sua argumentação lógica, porque as partes do discurso estão intrinsicamente ligadas, a compreensão do *logos*, passa pelo *pathos* e pelo *ethos*, pois os três são inseparáveis (Cunha, 2007).

Ainda na concepção aristotélica, o *ethos*, a vida pregressa do orador não é a coisa mais importante na construção do discurso, para suscitar empatia do auditório. Para Aristóteles o mais importante era como o orador se colocava diante do público e as emoções que ele conseguia despertar – ou manipular – no auditório, independentemente se o orador era um homem bem ou mal afamado. Diferentemente de Aristóteles, no pensamento ciceroniano, a fama do orador – suas vivências –, a forma como ele era conhecido, eram de suma importância na construção do *ethos*. Como afirma a professora Montefusco, enquanto explica as diferenças de concepção entre Aristóteles e Cícero:

Limitamo-nos a considerar Cícero e imediatamente vemos que a diferença mais aparente está na função diferente atribuída ao *ethos*: Aristóteles vê no *ethos* do orador apenas um instrumento que serve para torná-lo crível aos olhos de sua audiência, Cícero o considera, ao invés disso, principalmente, um expediente para despertar a benevolência. Outra diferença reside na própria natureza do *ethos*: Aristóteles diz muito claramente que o *ethos* do orador consiste em parecer confiável para efeito de seu discurso, e não de uma ideia

preconcebida sobre seu caráter (*rhet.* 1356<sup>a</sup>4-10), enquanto a benevolência, visada pelo *ethos* ciceroniano explora abundantemente o estilo de vida que o orador demonstrou anteriormente (*de orat.* 2, 182)<sup>29</sup>. (Montefusco, 1992, p. 246, tradução livre)

Partindo desta afirmativa, notamos que há diferenças marcantes entre o que se entende por *ethos*, entre Cícero e Aristóteles. Enquanto o primeiro julga de suma importância a vida pregressa do orador, e que isso deve ser a fonte do seu *ethos*, da forma como ele demonstra seu caráter ao público, o segundo acreditava que não tinha importância a vida do próprio orador, que ele poderia utilizar-se de recursos discursivos para captar a atenção e boa disposição do auditório.

O que me leva a considerar a importância em entender a forma como Einhard se apresenta em seu próprio discurso, o modo como ele se coloca demonstra quais sentimentos pretende provocar em seu auditório. O modo como se apresenta e os argumentos de convencimento que utiliza são indicativos da relação que pretende estabelecer com seu auditório, assim como demonstram o que o autor julgava importante salientar sobre si mesmo, se sua vida seria utilizada para construir seu caráter diante do auditório/leitor ou não, são indicativos, em última análise, das influências e inspirações de Einhard na escrita da *Vita*.

Tendo em vista que o caráter que o autor apresenta influencia diretamente sobre os sentimentos e disposições do auditório/leitor, permito-me asseverar que o *ethos* do orador está ligado direta e indissolúvelmente ao *pathos*. Neste caso, posso afirmar que Einhard coloca-se em seu texto de forma bastante incisiva: no prólogo da obra ele apresenta a si mesmo como aquele que, por um sentimento de gratidão, tinha a obrigação de manter viva a memória do rei.

Depois de decidir escrever a vida e o trato, e em parte não pequena as façanhas do meu senhor, o excelentíssimo e mercedamente famosíssimo rei Carlos, que custeou minha manutenção, levei adiante com a maior brevidade possível, preocupando-me em não omitir nada do que chegou ao meu conhecimento e para não incomodar com uma narração prolixa aos espíritos daqueles que rechaçam tudo o que é novo, se é que se pode evitar de molestar com um novo relato, aqueles que rechaçam inclusive os testemunhos antigos, escritos por

---

<sup>29</sup> “Limitamoci a prendere in considerazione Cicerone e vediamo e subito che la differenza più vistosa sta nella diversa funzione che viene attribuita all’*ethos*: Aristotele vede nell’*ethos* dell’oratore soltanto uno strumento che serve a renderlo credibili agli occhi dei suoi ascoltatori, Cicerone lo considera invece per lo più un espediente per suscitare benevolenza. Altra differenza sta nella natura stessa dell’*ethos*: Aristotele ci dice molto chiaramente che l’*ethos* del parlante consiste nell’apparire credibile per effetto de suo discorso e non de un’idea preconcepita sul suo carattere (*rhet.* 1356<sup>a</sup>4–10), mentre la benevolenza cui mira l’*ethos* ciceroniano sfrutta abbondantemente lo stile di vita che l’oratore ha dimostrato in precedenza (*de orat.* 2, 182).”

homens doutíssimos e muito eloquentes. (Einhard, 2016, p. 1, tradução de Pablo Castiella)<sup>30</sup>

O autor abre sua *Vita* deixando o leitor saber porque estava fazendo este trabalho: ele considerava Carlos excelente e famosíssimo, alguém que merece ter sua memória eternizada – o que ele estava fazendo através de sua obra – e que aqueles que por acaso viessem a não apreciar seu trabalho, o faziam porque provavelmente não podiam apreciar a erudição e resistem ao que é novo. Apesar disso, a retórica e as *Vitas* não eram algo efetivamente novo, o autor utiliza esta argumentação para descreditar um possível argumento contra ele. Isso mostra sua habilidade retórica e, também, seu próprio caráter. Ele se coloca como um homem modesto, mas sobretudo um homem com capacidade para ser um erudito, alguém que oferece algo novo. Sua forma de se colocar no discurso é explicada nas palavras de Ekkehard Eggs (2005, p. 31): “Entretanto, como o *ethos* é mostrado no discurso? [...] Dissemos [...] que ele se mostra nas escolhas feitas pelo orador.” É dessa maneira que o autor da *Vita* mostra-se em seu discurso, conforme a escolha das palavras que utiliza.

Einhard se utilizou de figuras que, para além da estética, ajudavam a angariar a boa vontade do leitor/ouvinte, e nisso não há novidade: as figuras são um instrumento utilizado largamente nos discursos retóricos, algumas são facilmente visualizadas e entendidas, como a famosa “pergunta retórica” ou a “ironia”. Outras, porém, são um pouco mais difíceis de identificar, contudo sua importância para a compreensão do discurso em si e das emoções que podem ser inspiradas nos auditórios são significativas.

Para Reboul (2004), a figura é um recurso de estilo que permite ao orador exprimir-se de forma livre e codificada ao mesmo tempo. No mesmo sentido, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) o emprego das figuras se dá de acordo com a necessidade da argumentação, sendo que as figuras devem ser isoláveis e identificáveis como tais, sabendo-se que seu uso é incomum. Ou seja, fora do que seria normal para aquela estrutura, como uma pergunta que não é necessário responder. Ainda segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), isso estabelece um vínculo direto entre a figura e a simulação, considerando que só pode haver figura “quando se pode operar uma dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso, quando o ouvinte faz distinção entre a forma e o fundo, que lhe parece impor-se” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 191).

---

<sup>30</sup> “*Vitam et conversationem et ex parte non modica res gestas domini et nutritoris mei Karoli, excellentissimi et merito famosissimi regis, postquam scribere animus tulit, quanta potui brevitate complexus sum, operam inpendens, ut de his quae ad meam notitiam pervenire potuerunt nihil omitterem neque prolixitate narrandi nova quaeque fastidientium animos offenderem; si tamen hoc ullo modo vitari potest, ut nova scriptione non offendantur qui vetera et a viris doctissimis atque disertissimis confecta monumenta fastidiunt.*”

Assim, para iniciar sua argumentação, Einhard traz à memória que ele mesmo foi um dos beneficiários da bondade do rei, evocando sua dívida moral para com Carlos Magno, apresentando uma ideia de humildade e dependência para com o rei, quando diz algo semelhante a “eu mesmo fui mantido por ele”, evoca para si a autoridade de quem tem uma dívida de gratidão, de quem viu a melhor face do rei. É a primeira demonstração de seu caráter, seu argumento para provocar a empatia de seu auditório ou prender a atenção de seu público leitor/ouvinte começa a ser desenhado. Ele deixa o público saber de sua autoridade para falar sobre o rei, uma vez que ele próprio foi alvo desta benevolência, da bondade da qual ele vai tão fortemente fazer propaganda.<sup>31</sup>

Apesar da aparência de humildade, o discurso que Einhard apresenta na verdade é um discurso de autoridade, onde ele, ressaltando a ideia do “rei bondoso” e colocando-se como alguém alcançado por essa bondade, demonstra sua proximidade ao trono, aumentando sua capacidade de evocar as imagens certas em seus leitores/ouvintes. Mais adiante, ainda no prefácio, ele vai voltar a descrever sua dívida de gratidão com o rei, dando ainda mais ênfase a este argumento.

O autor utiliza a hipérbole na primeira parte da argumentação, onde aumenta a figura do rei “excelentíssimo”, “merecidamente famosíssimo” ao que contrapõe a si mesmo, como um homem menos importante e sua narrativa como algo breve, para não incomodar aqueles que resistem ao que é novo. O autor usa superlativos para demonstrar as características do rei e coloca-se, humildemente, como quem apresenta esse rei, embora não seja o homem mais proeminente em erudição, como se fossem duas medidas diferentes: o grande rei pelos olhos do humilde súdito, dois lados da hipérbole.

Outro recurso retórico que usado nesse trecho é a ironia, quando diz que estes mesmos homens a quem ele não pretende incomodar com sua narrativa se incomodam inclusive com os sábios da antiguidade, o que reforça a figura de enunciação utilizada, neste caso, o apóstrofe, que se refere a um auditório que não está presente (Reboul, 2004). “Aqueles que não aceitam o novo” são um ente etéreo, não importa quem eles sejam efetivamente, mas qualquer um que venha a criticar a obra com argumentos de que é rebuscada em excesso ou, ao contrário, seja pouco erudita, será redarguido pelo argumento da intolerância ao novo. Assim, a figura é sustentada pela argumentação de que se eles não aceitavam nem os sábios da antiguidade,

---

<sup>31</sup> A propaganda aqui entendida no sentido de propagação de uma ideia, de deixá-la conhecida, obter adesão à mesma. Para compreender melhor o debate sobre propaganda na Idade Média, ver, entre outros autores, Allan (1986), Almeida (2014), Cohen e Menache (1986), Espelo (2013), Fletcher (2004), Kleine (2013), Flores (2016), Gaposchkin (2003), Garrison (2000), Hen Yitzhak (2006; 1993), Lambrech (1988), Spiegel (2012) e Verger (1994).

quanto mais um contemporâneo, novamente demonstrando a pretensão de autoridade através de uma certa humildade. É a primeira vez no texto que este argumento foi utilizado por Einhard, onde colocava-se como alguém que não era tão erudito quanto os antigos, justificando qualquer falha que possa ter cometido em sua escrita com a argumentação de que, se os críticos encontravam erros nos grandes oradores, obviamente encontrariam erros e defeitos em sua obra.

A pretensa humildade do autor, que transparece em seu texto, busca cativar seus leitores fazendo parecer que o enunciante é um homem menos culto, que não podia comparar-se àqueles que vieram antes – Cícero, Suetônio, Agostinho –, porém, para deixar claro que não passa de recurso retórico, cabe salientar que Einhard era não só um erudito, como também muito respeitado, notado desde jovem por sua cultura.

Eginhardo foi educado em Fulda. Embora não se tenha feito monge, ele é admirado por sua cultura na oficina de escrita do monastério. Pouco depois de 792, Carlos Magno o chama para seu palácio. Que o jovem [...] tenha sido notado pelo abade Baugulfo em razão de sua sólida cultura latina, que o próprio Carlos o tenha cooptado quando de uma provável estada em Fulda, uma coisa não exclui a outra (Favier, 2004, p. 416)

Fica patente que, desde muito jovem, o autor chamou atenção por seu domínio da cultura latina, o que demonstra claramente que Einhard não poderia ser considerado, por seus contemporâneos, inferior aos grandes eruditos latinos aos quais se refere. Isso deixa entrever qual caminho o autor escolheu para construir esse relacionamento entre aquele que escreve o discurso e seu leitor. Assim, optou por uma argumentação pela qual não se declara um homem sábio, mas demonstra sua capacidade de orador através de seu texto, pela forma como estrutura sua narrativa. Contudo, ele não se furta da ironia [*ridiculum*] classificando os críticos como “aqueles que se ofendem” [*fastidientium animos ofenderem*], e demonstra sua erudição e conhecimento através da composição da *Vita*.

Apelando para o testemunho ocular [*praesens oculata*] como garantidor de sua autoridade retórica, da fiabilidade de seu relato, o autor continua sua exposição:

Tinha consciência de que ninguém poderia escrever com mais veracidade do que eu, por ter tomado parte pessoalmente nos acontecimentos e tê-los conhecido, como se diz, como testemunha ocular e por não ter certeza se outros iriam escrever ou não.<sup>32</sup> (Einhard, 1905, p. 1, tradução livre)

---

<sup>32</sup> “quando mihi conscius eram nullum ea veracius quam me scribere posse, quibus ipse interfui, quaeque praesens oculata, ut dicunt, fide cognovi et, utrum ab alio scriberentur necne, liquido scire non potui.”

Desde os antigos, o testemunho ocular era um argumento de autoridade e provavelmente, um dos mais difíceis de serem refutados.<sup>33</sup> Uma vez que Einhard era um conhecido e respeitado membro da corte do imperador, dificilmente alguém poderia refutar aquilo que ele garante ter visto e vivido enquanto acompanhava Carlos Magno nas mais diversas empreitadas. Por outro lado, existe a possibilidade de que o autor não estivesse receoso com qualquer possibilidade de ser refutado, e tenha utilizado o argumento do testemunho apenas para dar mais peso ao seu relato, já que era uma realidade, ele havia presenciado muito do que relatou.

Partindo deste argumento, ele traz a ideia de uma responsabilidade da qual não poderia fugir, não haveria ninguém que pudesse levar adiante esta empreitada, ninguém que seja mais capaz que ele próprio [*nullum ea veracius quam me scribere posse*]. Ele apresenta neste trecho o argumento de uma autoridade que parte do sentimento de lealdade, que leva o auditório a crer que ele seria menos digno da proteção da qual gozou junto ao trono se não registrasse os feitos do rei, um recurso ao qual o autor recorre mais de uma vez. Einhard segue com sua argumentação, explicando ao público sua motivação para ter escrito sua *Vita*,

Julguei preferível deixar à memória da posteridade o mesmo já escrito por outros, do que permitir que caísse nas sombras do esquecimento, a ilustríssima vida do melhor e maior rei de todos os de sua época e seus egrégios feitos, quase inimitáveis pelos homens dos tempos atuais. (Einhard, 2016, p. 1. Tradução de Pablo Castiella)<sup>34</sup>

No trecho acima, o autor demonstra que tem a consciência de que outros já escreveram sobre Carlos Magno, contudo ressalta que ele mesmo queria eternizar a memória do rei, seu trabalho era monumentalizar Carlos Magno, torná-lo inolvidável. Assim, mesmo que outros tenham escrito, nada se comparava ao que ele próprio poderia fazer, pois era conhecedor da grandeza do rei. Novamente, recorre à hipérbole para caracterizar o soberano, e, embora não faça uma comparação direta entre a majestade do rei e sua própria pequenez, destaca que não foi o primeiro a pensar na eternidade memorial do mesmo, mas temeu que os trabalhos anteriores ao dele não fizessem jus à excelência de Carlos Magno. Desta forma, afirma

<sup>33</sup> Segundo Felipe Teixeira (2008), os latinos não davam a mesma importância para o testemunho ocular que os gregos. O que demonstra que as influências em Einhard são amplas, para além dos latinos, considerados pelos Carolíngios como superiores aos gregos, visto estes serem tidos como pagãos. Einhard demonstrou ter tido acesso e ter sido influenciado por ambos em sua formação, o que pode ser explicado pelo fato de que a biblioteca de Fulda era bem abastecida de manuscritos latinos e gregos.

<sup>34</sup> “*Satiusque iudicavi eadem cum aliis velut communiter litteris mandata memoriae posterorum tradere quam regis excellentissimi et omnium sua aetate maximi clarissimam vitam et egregios atque moderni temporis hominibus vix imitabiles actus pati oblivionis tenebris aboleri.*”

novamente, para que seu público grave na memória argumento de que ninguém seria melhor do que ele para fazer este relato. Ao fazer isso, Einhard mostra a seus leitores que suas motivações extrapolam o simples desejo de contar a história de um grande homem e invadem o campo emocional, do dever, da amizade e da gratidão.

Existia também outra causa não irracional, acredito que por si mesma poderia ter bastado para me obrigar a escrever: o gasto que se supôs minha manutenção e a perpétua amizade, depois que comecei a frequentar sua corte, com meu protetor em pessoa e seus filhos. Com ela me amarrou a si de tal modo e me fez devedor, tanto em vida como após sua morte, que, com razão, pareceria e poderia ser considerado como um ingrato, se, esquecendo os benefícios dos quais fui objeto, deixasse cair no silêncio as célebres e ilustríssimas façanhas do homem que mais merece meu apreço e que permitisse que sua vida não fosse registrada e assim privada do devido louvor, como se jamais houvesse vivido. (Einhard, 2016, p. 1. Tradução de Pablo Castiella )<sup>35</sup>

Como já citei, o autor reclama o dever que sente de eternizar seu rei, ele é obrigado a escrever [*scribenda compelleret*], e o que o compele são os sentimentos comuns a qualquer pessoa, como honra, dever e amizade [*amicitia*]. Ele diz que seria considerado como um ingrato [*ingratus*] se não escrevesse, uma vez que tem uma dívida [*debita*] perpétua com Carlos Magno, já que este custeou seus estudos e o manteve na corte, onde o autor partilhou com os filhos de Carlos Magno a bondade do soberano, conforme assegura.

Segundo Einhard, esse não é um motivo irracional, muito pelo contrário, e, caso nenhum outro motivo fosse considerado plausível pela audiência, esse seria por certo reconhecido como legítimo. O autor utiliza figuras de sentido, como ser compelido [*compellert*] ou ter sido amarrado [*devinxit*] ao rei. De fato, não era empurrado fisicamente, nem jamais esteve atado ao rei, contudo, tais expressões, às quais se recorre ainda hoje, ajudam a formar um quadro imaginário daquilo que se deseja expressar, da força dos motivos que puseram uma ideia em andamento para concretizar um objetivo. Einhard pagaria uma parcela da dívida de gratidão para com aquele que o acolheu, proveu suas necessidades e tornou-se seu amigo. Ele apela diretamente ao emocional de seus leitores/ouvintes: se apenas os argumentos da grandiosidade do rei, da humildade do orador/escritor e de sua autoridade de testemunha ocular não fossem suficientes para cooptar a boa vontade do público, o apelo a um emocional, contudo

---

<sup>35</sup> “*Suberat et alia non inrationabilis, ut opinor, causa, quae vel sola sufficere posset, ut me ad haec scribenda compelleret, nutrimentum videlicet in me inpensum et perpetua, postquam in aula eius conversari coepi, cum ipso ac liberis eius amicitia; qua me ita sibi devinxit debitoremque tam vivo quam mortuo constituit, ut merito ingratus videri et iudicari possem, si tot beneficiorum in me conlatorum inmemor clarissima et inlustrissima hominis optime de me meriti gesta silentio praeterirem patererque vitam eius, quasi qui numquam vixerit, sine litteris ac debita laude manere*”.

não irracional, argumento de dívida de amizade e gratidão, possivelmente tornariam o público mais receptivo a sua argumentação.

Seguindo essa linha, onde procura exaltar a excelência do rei e diminuir sua própria importância, Einhard conclama Cícero como parâmetro de erudição e exemplo de escrita a quem não se compara, acrescentando, porém, que isso não iria demovê-lo de seu intento.

Cuja escrita e explicação precisaria mais que minha pobre capacidade, que de fraca e pobre, quase não existe, mas a eloquência de Túlio. Aqui está o livro que contém a memória do mais ilustre e maior homem, no qual, além dos feitos dele, nada há para admirar. A não ser talvez, que um bárbaro e pouco exercitado na língua romana, acreditou poder escrever algo apropriadamente ou convenientemente em latim e levou sua insolência ao ponto de considerar desprezável o que Cícero disse, no primeiro livro aos Tusculoes, aos escritores latinos (Einhard, 1905, p. 2, tradução livre)<sup>36</sup>

Esse argumento hiperbólico, onde o rei é referido sempre com palavras como brilhantíssimo, ou muito brilhante [*praeclarissimi*], ou o maior dos homens [*maximi viri*] é contraposto aos qualificativos do orador, que o diminuem como “minha pobre capacidade” [*ingeniolum*], um bárbaro [*homo barbarus*] que não sabe latim, mas mesmo assim atreve-se a escrever, a quem falta vergonha [*impudentiun*] por não levar em conta o que teria dito Cícero, segundo o qual quem não tem capacidade para escrever direito não deve tentar. O orador utiliza como argumento sua pouca capacidade, pondo em evidência seu caráter modesto diante da grandiosidade de seu objeto. Contudo, compelido por sua dívida de gratidão, ele inclusive iria desconsiderar o conselho ciceroniano e, apesar de sua parca eloquência, levaria a cabo seu projeto, mesmo que isso o expusesse ao desprezo de homens ilustres.

O caráter de Einhard é delineado no prólogo normalmente com a hipérbole e em contraposição ao outro, seja o rei, seja Cícero, sejam aqueles que são mais antigos e mais eloquentes que o autor. Assim, os outros são grandes e sábios, majestosos e eloquentes; Einhard é humilde, modesto, pouco douto e até mesmo um tanto imprudente por escrever um trabalho para o qual lhe falta o refinamento. Porém, seus sentimentos são nobres, ele é levado pela amizade, pela gratidão, pelo dever. Os sentimentos são muito bem utilizados pelo autor. Ele recorre às emoções para forjar em seu público a empatia. Esse era, e ainda é um recurso retórico

---

<sup>36</sup> “*cui scribendae atque explicandae non meum ingeniolum, quod exile et parvum, immo poene nullum est, sed Tullianam par erat desudare facundiam. En tibi librum praeclarissimi et maximi viri memoriam continentem; in quo praeter facta non est quod admireris, nisi forte, quod homo barbarus et in Romana locutione perparum exercitatus aliquid me decenter aut commode Latine scribere posse putaverim atque in tantam impudentiam proruperim, ut illud Ciceronis putarem contemnendum, quod in primo Tusculanarum libro, cum de Latinis scriptoribus loqueretur.*”

bastante utilizado e, também, muito eficaz. Einhard o utilizou visando criar no leitor, mesmo o mais crítico, a sensação de que se trata de um homem expressando sua gratidão. A ideia de Einhard em seu prólogo é, ao que parece, levar o leitor a identificar-se não com sua autoridade como testemunha, mas com a humildade e a honra de um súdito fiel ao seu senhor, que não fugiu à missão, mesmo que não fosse o mais bem preparado, de fazer conhecido aquele que ele conhecia tão bem. O autor procura fazer crer que seu dever como escritor das memórias do rei é de suma importância para dar a Carlos Magno a grandeza que ele acreditava ser devida.

Desta forma que o *ethos* de Einhard foi construído na obra, baseado principalmente em seus próprios sentimentos, que, reconhecidos pelo público, provocariam reações de empatia, tornando o auditório mais receptivo. Ele apoiou a construção de seu *ethos* também em suas vivências na corte, advindas da sua condição de partícipe da entourage real, o que poderia criar no auditório a ideia da autoridade da testemunha, como já apontado.

O autor procurou demonstrar a qualquer um que leia/ouça sua *Vita* que seu relato é fiável, já que foi movido por sentimentos de honra, de amizade, de fidelidade: mesmo que o público não conhecesse seu caráter antes de ter contato com a obra, iria identificar-se com seu relato pela forma como ele apresentou seus motivos, por sua argumentação. Isso aproxima sua retórica no que tange à construção do *ethos* àquela de Cícero. Enquanto demonstra um cuidado em ressaltar suas vivências na corte, sua humildade e respeito ao imperador, enfatiza copiosamente sua vida e seus sentimentos em relação a Carlos Magno, usando tais recursos como marcas de autoridade e capacidade na construção do discurso.

## 2 OS AUTORES, OS TEXTOS E OS *ETHOS*

Neste estudo, interessa-me sobretudo a busca por traços e influências das formas discursivas de Suetônio e de Cícero na *Vita Karoli Magni*. No intento de perceber como Einhard leu e absorveu esses dois autores da antiguidade, elaborou e escreveu seu próprio elogio ao rei, é plausível verificar como cada um dos autores manifesta seu *ethos* em sua escrita. É nesta intenção que a presente investigação é direcionada, de modo a averiguar a presença de cada autor em seus textos e como eles se aproximam e distanciam da forma como Einhard apresentava-se em sua obra.

### 2.1 SUETÔNIO

Como citado anteriormente, Suetônio, segundo a historiografia corrente, foi a grande influência de Einhard na escrita da *VKM*. Mais precisamente, teria sido a Vida de Júlio Cesar a grande inspiração do autor. É a questão de haver profunda inspiração e uso modelar da obra suetoniana, que me leva a olhar um pouco mais detidamente para Vida de Júlio Cesar, partindo desta premissa de que a *Vita* escrita por Einhard foi composta a partir da leitura que o autor carolíngio fez de Suetônio.

Lamentavelmente, o prólogo que Suetônio possa ter escrito para as Vidas dos Doze Césares não chegou até nossos dias, como comenta Leme (2017, p. 458): “Infelizmente, o prólogo de A Vida dos Doze Césares foi perdido, dificultando maiores informações preliminares da nossa parte”. Assim, o texto inicia já com a trajetória dos Césares. Suetônio abre a narrativa da vida do Divino Júlio contando fatos escolhidos e elencados de sua vida:

Contava 16 anos de idade ao falecer—lhe o pai, designado sacerdote de Júpiter. Sob os consulados subsequentes, abandonou Cossúcia, sua mulher, descendente de uma família de cavaleiros, porém muito rica, por ele desposada ao envergar a toga pretexta. Casou-se em seguida com Cornélia, filha de Cina, quatro vezes Cônsul, nascendo—lhe, dentro em pouco, uma filha a que deu o nome de Júlia [...].<sup>37</sup> (Suetônio, 2012, p. 11)

Estas primeiras frases evidenciam a escolha do autor pelas curiosidades acerca de Júlio César: inicia contando um acontecimento marcante para seu objeto, a perda do pai na juventude,

---

<sup>37</sup> “Annum agens sextum decimum patrem amisit sequentibusque consulibus flamen Dialis destinatus dimissa Cossutia, quae familia equestri sed admodum diues praetextato desponsa fuerat, Corneliā Cinnae quater consulis filiam duxit uxorem, ex qua illi mox Iulia nata est, [...]” (Suetônio, 2018, p. 7).

e passa imediatamente para a carreira pública, informando ao leitor que Júlio abandonou a primeira esposa, que era rica, o que pode denotar uma tentativa de Suetônio em demonstrar, já desde o início da obra, que Júlio Cesar tinha aspirações, ou até mesmo uma sina, maiores que as riquezas. Carlos Eduardo Campos faz uma reflexão sobre a escrita de Suetônio, que vai ao encontro da ideia de que o autor constrói seu texto de acordo com uma intencionalidade bem definida:

Um ponto a ser ressaltado sobre Suetônio, é que o autor não emprega a mesma forma de escrita biográfica em todos os seus livros. Assim, as produções variam em estilo e forma de acordo com as suas preferências e intencionalidades para composição. (Campos, 2019, p. 7)

Segundo o excerto, dependendo do objetivo do autor, sua escrita varia: dependendo da imagem que ele pretende criar em seu leitor sobre o biografado, ele adota uma forma de escrita. Com o Divino Júlio, opta por iniciar com a informação sobre sua orfandade, passando rapidamente por seu primeiro casamento e logo contando que o biografado casou-se novamente e teve uma filha. Na sequência, Suetônio narra a perseguição que Júlio Cesar sofreu da parte do ditador Sila, e como este mesmo Cesar foi apoiado pelas virgens vestais e por outros aliados para lograr o perdão do Ditador.

O autor não se furta, contudo, de declarar as palavras de Sila sobre César “porque em Cesar muitos Mários estão contidos” (Suetônio, 2018, p. 8, tradução livre)<sup>38</sup>, palavras que ele classificou como inspiração divina [*divinitus*] ou talvez mera conjectura [*coniectura*]. Contudo, o que fica sublinhado na afirmação é que Suetônio tece sua narrativa exaltando César, sem deixar de informar ao leitor as críticas que havia sobre e contra ele. Segundo Silva (2008), o autor constrói a imagem do indivíduo a partir de eventos que melhor demonstram seu caráter, e ainda procura não fazer juízo de forma explícita enquanto escreve a *Vita*.

No que tange à questão do juízo, talvez este não seja direto, porém é bastante aparente. Suetônio julga enquanto seleciona os acontecimentos que são mais interessantes para demonstrar o caráter que quer tornar conhecido daquele imperador. O juízo acaba por tornar-se explícito, assim, no momento em que o autor decide quem era o César que deseja apresentar à posteridade.

Nesse sentido, é interessante que, mesmo os erros ou possíveis defeitos do objeto, como haver se prostituído a Nicomedes [*prostratae regi pudicitiae*], em uma relação considerada reprovável pela sociedade da época, ou ainda uma acusação contra o Consul

---

<sup>38</sup> “*nam caesari multos Marios inesse.*”

Cornélio Dolabela, da qual o mesmo foi absolvido, deixando o leitor em dúvida sobre a veracidade da acusação, são enunciadas por Suetônio em seu texto não sem juízo de valor. Mesmo que ele não evidencie tal julgamento, projeta-o com alguma ironia, no sentido último de mostrar que o Divino Júlio podia permitir-se tais falhas sem contudo deixar de ser grande e admirável. Talvez, pelo contrário, por causa desses erros ou condutas reprováveis, seu caráter fosse ainda mais digno de admiração, já que ele demonstrava, desta forma, estar acima das convenções e maledicências dos homens comuns. É possível que Suetônio tenha escolhido quais desvios de conduta de seu biografado seriam mais adequados para evidenciar sua grandeza, como afirma Amanda Borges:

Ou seja, desde o princípio, Suetônio tem o objetivo de pintar a vida do biografado com cores específicas, mostrando-o como dono de valores, qualidades e defeitos determinados. Além disso, há outra importante característica dessa obra: a recusa do modelo do panegírico grego, que fazia parte de uma tradição elogiosa e glorificadora dos biografados, cuja composição era explicitamente pouco comprometida com a veracidade dos traços de personalidade que eram impostos à personalidade biografada. (Borges, 2020, p. 103)

O excerto acima corrobora a ideia de que o caráter que autor pretende imputar ao biografado é reforçado pelo uso de suas qualidades e defeitos, em um sistema no qual os defeitos são tão importantes quanto as qualidades. Ou seja, mesmo uma falta, como as mencionadas por Suetônio, podem ser entendidas como uma demonstração da força de sua personalidade.

Assim, enquanto escrevia sobre Júlio César conformando o que seria o *ethos* revelado do imperador, o autor vinha demonstrado através dos episódios escolhidos de forma precisa, quem foi César de acordo com sua visão sobre o biografado e com seu objetivo ao escrever as biografias. Neste intento, ele nos permite vislumbrar seu próprio caráter, sua compreensão de quem foram os Césares – e, neste caso específico, quem foi o Divino Júlio – e o que julgava importante que fosse conhecido deles. Estas escolhas demonstram, de certa forma, o que Suetônio pensava sobre César, sobre seu governo e sua vida, deixando perceber quais eram os princípios que guiavam o autor, como ele pensava a política, a sociedade e a religião.

No trecho supracitado, Borges (2020) acentua que Suetônio recusou o modelo panegírico por não ser fiel aos traços de personalidade do biografado. Isso reforça a noção de que há em Suetônio uma preocupação com as fontes, ele não se vale apenas da oralidade, mas se apoia na documentação: “Mencionam esta conspiração, Tanúsio Gemino, na história, Marcos

Bibulo, nos éditos, C. Cúrio, pai, nos discursos” (Suetônio, 2018, p. 11, tradução livre).<sup>39</sup> Ou seja, consultou éditos, história e discursos para escrever sobre o assunto, uma vez que escreveu quase dois séculos depois da morte de César, o que o impedia de utilizar argumentos de fiabilidade como aquele da testemunha ocular, somado ao fato de que havia a sua disposição uma ampla gama documental na qual apoiar seu ponto de vista sobre os Césares. Valeu-se, por isso, do argumento da fiabilidade das fontes que cita, de modo que o que escreve sobre Júlio César é a verdade, ou o mais verossímil possível.

O que isso diz sobre o *ethos* de Suetônio, ou ao menos sobre o que ele apresenta nesta parte da obra<sup>40</sup>, é que, ao que parece, havia preocupação em demonstrar seu conhecimento dos acontecimentos da história de Roma, o domínio da documentação, das intrigas e até mesmo das maledicências correntes à época, como sublinha o professor Brandão:

[...] pois Suetônio geralmente acrescenta outros dados, relativos ao vestuário e cuidados corporais, que, com o retrato físico e as informações sobre a saúde, formam um todo. Procuraremos estabelecer o grau de correspondência entre imagem deixada na descrição directa e a imagem que decorre de cada Vida no seu todo, ilustrada com factos ou com ditos, com acontecimentos históricos ou anedóticos, com testemunhos fidedignos ou com rumores, como é, de resto, apanágio da biografia. (Brandão, 2009, p. 84)

De acordo com Brandão, o autor procura fazer um retrato vivido dos Césares, onde utiliza diferentes informações, bem como diferentes fontes para atingir o objetivo: dar ao leitor uma imagem mental de sua narrativa, no que tange à aparência física do biografado. Isso conduz ao questionamento sobre a forma com que tais escolhas podem denotar o *ethos* do autor nesta obra, uma vez que, diferentemente, de Einhard, Suetônio não está diretamente presente em seu texto, não se coloca de forma contundente e, na maior parte da obra, passa ao leitor a impressão de isenção em relação a seu objeto. Suetônio seria apenas narrador dos acontecimentos, sem juízos de nenhuma ordem.

Porém, pode-se perceber o julgamento que faz de César em alguns trechos específicos. Quando fala sobre a relação de César com a religião romana, por exemplo, há certa ambiguidade ao mencionar o aparente descaso do biografado pela religião: “Nenhuma consideração pela religião o afastou de qualquer empresa, ou mesmo o retardou” (Suetônio, 2018, p. 45, tradução

<sup>39</sup> “*Meminerunt huius coniurationis Tanusius Geminus in historia, Marcus Bibulus in edictis, C. Curio pater in orationibus.*”

<sup>40</sup> Não posso definir o *ethos* de Suetônio em toda a obra *Vida dos Doze Cesares*, a partir de apenas uma das *Vitas*. Contudo, é válido analisar o que o autor deixa transparecer nesta, uma vez que ela foi o modelo utilizado por Einhard.

livre)<sup>41</sup>. Isso demonstra uma medida de admiração, fazendo crer que Júlio César era tão decidido que nem mesmo a religião, a fé, ou deuses, seriam capazes de impedir seu avanço, e, por outro lado, a afirmativa pode ser vista como uma demonstração da falta de reverência de César diante dos deuses, o que pode ser entendido como uma reprovação à conduta displicente do imperador romano. Na esteira dessa argumentação, Leme explica o caráter da escrita suetoniana da seguinte maneira:

[...] o juízo moral de Suetônio permeia toda a narrativa que ele desenvolve, ou seja, seu texto não seria imparcial ou isento de críticas à personalidade analisada. Cada momento descrito parece encontrar sentido na subsequente avaliação moral por parte do autor. (Leme, 2014, p. 50–51).

No mesmo sentido, o autor romano destaca ainda todos os sinais e predições que Cesar deliberadamente ignorou. O primeiro foi em forma de profecia, segundo Suetônio, quando colonos em Cápua destruíam antigas sepulturas para construir casas, e encontraram a sepultura de Cápis, fundador de Cápua, onde lia-se em grego: “Quando os ossos de Cápis forem desenterrados, um descendente de Júlio perecerá pela mão de seus semelhantes, mas logo será vingado por grandes calamidades na Itália” (Suetônio, 2012, p. 47). Para reforçar a veracidade da profecia, o autor informa que foi testemunha Cornélio Bulbo que era amigo de César. Com isso, demonstra que o fato era verídico uma vez que houve uma testemunha ocular confiável.

O próximo sinal foi o dos cavalos consagrados [*consecrarat*] pelo Ditador ao cruzar o Rubicão. Eles pararam de comer e choraram. Depois, veio o aviso de Spurina, para que César tomasse cuidado, pois algo aconteceria nos idos de março. A estes, seguiram-se mais sinais e sonhos do próprio César e de sua mulher, Calpúrnia. Foram sinais e avisos para que Júlio Cesar tomasse cuidado e evitasse sua própria morte, pode-se dizer que a fortuna o favorecia, procurando avisá-lo do mal tramado contra ele.

Apesar de todos os sinais, Suetônio sublinha que César desdenhou da religião [*spreta religione*] e zombou do arúspice [*Spurinnamque irridens et ut falsum arguens*], o que culminou na morte do imperador. Esta pode ser uma demonstração da relação do próprio Suetônio com a religião: há um juízo presente no relato, mesmo que não seja explícito. César não deu o devido respeito às predições, debochou do arúspice, e acabou morto pelas mãos de seus pares, conforme a profecia.

O autor demonstra, através de tais relatos, a crença na existência em uma relação entre respeitar os cultos e dogmas, a tradição e os rituais, os sinais e presságios, e ser, ou neste caso,

---

<sup>41</sup> “*Ne religione quidem ulla a quoquam incepto absterritus umquam vel retardatus est*”.

continuar favorecido pela fortuna: no momento que os presságios foram ignorados pelo Ditador, de forma deliberada ou não, a boa fortuna o abandona. Demonstrando seu próprio caráter nesse processo, para o autor, a religião romana é importante e deve ser respeitada. Este é um dos poucos momentos no texto em que o juízo de valor é mais evidente: nem mesmo o César deveria desfazer dos presságios e ignorar as profecias.

De forma ampla, posso afirmar que, para além da crença religiosa que pode ser vislumbrada em seu relato, chama atenção certa admiração pelo biografado que transparece no discurso. Mesmo quando as atitudes de César poderiam ser consideradas reprováveis, Suetônio parece admirar a coragem e a força que o Ditador empreendia em seus esforços para obter suas vitórias. O autor aborda a distribuição de dinheiro por César, para que pudesse se tornar pontífice e demonstra a admiração pela esmagadora vitória deste sobre os seus adversários: a obra inteira é permeada por esta *sembla* de admiração, embora não diretamente demonstrada, bastante latente na forma da narrativa. Usando frases como “venceu adversários muito mais poderosos” (“Assim, superou dois candidatos mais poderosos em idade e dignidade, tendo recebido mais votos nas suas tribos, no total, que eles mesmos”<sup>42</sup>), Suetônio exalta a figura de César, colocando o Ditador como alguém admirável.

O autor parece partir do princípio de que seu objeto, mesmo não sendo considerado o mais poderoso, ou o mais forte, derrotou os que eram tidos como poderosos dentro de seus eleitorados. Isso significa que a fama de César havia alcançado e ultrapassado a dos adversários em suas próprias casas. Ainda, neste mesmo sentido, quando se debruça sobre como César reorganizou a República, o Suetônio transparece admiração por Cesar ter corrigido o que havia sido desordenado pelos pontífices:

Voltando, então, para colocar em ordem a república, corrigiu o calendário já há muito tempo desordenado pelos abusos das intercalações dos pontífices, que nem as festas das colheitas coincidiam com o verão e nem as das vindimas com o outono. Regulou o ano de acordo com o curso do sol, para durar trezentos e sessenta e cinco dias, ocultou o mês intercalar e acrescentou um dia ao quarto ano. (Suetônio, 2018, p. 32, tradução livre)<sup>43</sup>

Os pontífices cometeram os abusos que levaram à desordem, Júlio César é o agente da ordem, aquele que ajustou o tempo e recolocou as coisas em seus devidos lugares. Além de

<sup>42</sup> “*atque ita potentissimos duos competitores multumque et aetate et dignitate antecedentes superavit, ut plura ise in eorum tribubus suffragia quam uterque in omnibus tulerit.*”

<sup>43</sup> “*Conversus hinc ad ordinandum rei publice statum fastos correxit iam pridem vitio pontificum per intercalandi licentiam adeo turbatos, ut neque messium feriae aestate neque vindemiarum autumnis conpeterent; annumque ad cursum solis accommodavit, ut trecentorum sexaginta quinque dierum esset et intercalario mense sublato unus dies quarto quoque anno intercalaretur.*”

contrapor o Ditador aos pontífices, Suetônio contrapõe ordem e desordem, deixando que se veja César como o melhor homem, aquele que trazia ordem ao caos.

Demonstra o caráter de Suetônio também ele admirar o homem que suplanta aqueles que supostamente são melhores e mais preparados. O biógrafo admira o que César representa: força, coragem e determinação, os atributos que dá a Júlio e que são mais evidentes na narrativa. Segundo Leme (2014), todo este interesse por César, principalmente, porque Caio Júlio César seria o primeiro governante da era imperial romana, regime político vigente durante o período de Suetônio, cujo imperador era Adriano. Há uma profunda identificação deste César formulado por Suetônio com o provável ideal de imperador e de governo pensado pelo autor. Leme destaca ainda o papel das *Vidas* como espelho de príncipe, no sentido de que a obra seria uma crítica, não só ao governo de Adriano, como ao próprio imperador:

Porém, o que este trabalho constata através de suas análises é a existência de uma contradição entre o pensamento de Suetônio, com os seus tradicionais referenciais políticos, e o comportamento demonstrado por Adriano após ascender ao Principado Romano. Um conflito entre ambos, cedo ou tarde, parecia ser inevitável; e fora exatamente isso o que aconteceu, e infelizmente com consequências negativas para Suetônio. (Leme, 2016, p. 7)

Há uma manifestação do pensamento do próprio autor, que fica evidente a partir da leitura feita por Leme. Suetônio julgaria e condenaria o comportamento do imperador Adriano através das *Vitas*, que seriam, então, atravessadas pelo que o autor acreditava serem as características que um imperador deveria ter, a forma como ele deveria governar o império. A obra é, em boa medida, a manifestação do *ethos* de Suetônio, consciente ou inconscientemente.

Após a morte de César, a narrativa suetoniana novamente tende ao juízo de forma bastante perceptível. Na parte final da obra, a forma como ele conta o fim daqueles que mataram o Divino Júlio, leva a concluir que Suetônio acreditava que houvesse algum tipo de justiça divina, onde os assassinos de César receberam o castigo por seu crime:

Os assassinos por sua vez, nem ao menos três anos mais, alguns sobreviveram. E não morreram de morte natural. Todos foram condenados, e cada qual morreu de forma diferente, por naufrágio, em combate, outros suicidaram-se com o mesmo punhal que feriu César. (Suetônio, 2018, p. 63-64, tradução livre)<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> “*Percussorum autem fere neque triennio quisquam amplius supervixit neque sua morte defunctus est. Damnati omnes alius alio casu periit, pars naufrágio, pars proelio, nonnulli semet eodem illo pugione quo Caesarem violaverant, interemurunt.*”

O parágrafo acima é bastante emblemático, ele salienta que, de alguma forma, houve justiça. Os assassinos não ficaram vivos tempo o bastante para desfrutarem da vida. Tiveram mortes violentas, tal qual Cesar, ou ainda cometeram suicídio, o que pode ser considerado seu reconhecimento de culpa, pelo ato inominável de o haverem assassinado.

Há certa poesia, talvez, nesta narrativa: César era grandioso, comparável a Alexandre que lhe serviu de inspiração. Foi assassinado por traição por aqueles que o conheciam bem. Deixou um legado aos romanos e tornou-se lendário. Seus assassinos encontraram a morte em um ato final de justiça. Isto é, parece que a fortuna de César ainda se manifestava.

Sobre o *ethos* de Suetônio, notamos que se aproxima muito do *ethos* aristotélico, no sentido de que não importa a vida do orador, ele só precisa cativar o público com seu discurso. Como a professora Montefusco afirma: “Aristóteles vê no *ethos* do orador apenas um instrumento que serve para torná-lo crível aos olhos de seus ouvintes<sup>45</sup>” (Montefusco, 1992, p. 246, tradução livre). Desse modo, o que importa para Suetônio quando escreve é que seu relato seja atrativo para seu público, que seja convincente, que demonstre o César que ele quer que seja visto – e é provável que, em sua concepção, este seja o verdadeiro César.

O próprio Suetônio não aparece no relato, ele aspira certa impessoalidade, embora não se furte de opinar subjetivamente, através da escolha das palavras com as quais qualifica Cesar, seus inimigos e suas ações. O caráter de Suetônio se manifesta nas entrelinhas, nos detalhes, nas escolhas discursivas que faz. O autor não se apresenta no texto, seu *ethos*, nesse caso, não depende de quem ele era, mesmo o quanto ele havia estudado os documentos que deram origem à obra em questão, mas fica subentendido na sua escrita. O autor não parece acreditar que sua vida pregressa interferiria no que os leitores iriam pensar sobre as *Vitas*. Estava muito mais preocupado em captar a atenção de seu público a partir de um relato verossímil e detalhado, misturando grandes feitos, fofocas e política.

Suetônio elaborou esta vida com base em entimemas<sup>46</sup>, ele dá a informação sobre a conduta e a vida do imperador, onde o público e o privado são indistintos, e permite que o leitor complete qualquer lacuna e compreenda o que ele queria que fosse compreendido, uma vez que todos os leitores, em teoria, partilham os mesmos valores. Mesmo quando a conduta do César era reprovável, o auditório pode ter a ideia de que isso fazia parte do caráter forte e determinado

---

<sup>45</sup> “Aristotele vede nell’ethos dell’oratore soltanto uno strumento che serve a renderlo credibile agli occhi dei suoi ascoltatori.”

<sup>46</sup> Entimema é um sistema em que parte do argumento, uma das premissas, é subentendido pelo auditório, economizando assim explicações.

do biografado. De forma bastante hábil, Suetônio leva o público a ver a imagem de Cesar, conforme sua visão, de acordo com seus próprios valores e juízos.

Embora esta análise não seja exatamente minuciosa, ela cumpre o objetivo de procurar vestígios do *ethos* de Suetônio nesta única *Vita*, considerada modelar para nosso objeto. O *ethos* suetoniano é notadamente subjacente e de difícil percepção nesta obra, portanto demanda uma análise mais detida e profunda. Contudo, para as pretensões deste trabalho, a abordagem é suficiente para fundamentar o entendimento sobre como o autor se insere em seu próprio texto e como se manifesta nele de forma sutil mas muito presente. A seguir, será visto que tal forma é muito distinta do *ethos* manifestado por Cícero e pelo próprio Einhard, em seus textos. O que fica bastante patente em minha concepção é que não existe imparcialidade no discurso, seja ele qual for, os discursos sempre estarão impregnados do *ethos* de quem o profere: seus valores, ideias, ideais e juízos subjazem a obra, transpassam e perpassam a escrita.

## 2.2 CÍCERO

No que tange ao *ethos* ciceroniano, no interesse deste trabalho, a análise concorre no sentido de compreender como o ele se manifesta na obra de Cícero e quão próximo é da forma como se apresenta o *ethos* de Einhard. Tendo em vista a amplitude dos escritos de Cícero, e as limitações tanto no que tange o tamanho quanto ao escopo deste trabalho. Ainda, tendo em consideração que o citado autor não escreveu uma *Vita*, pretendo focar as considerações sobre o *ethos* ciceroniano no discurso *Pro Marcellus*, uma vez que este pertence ao gênero epidítico, assim como as *Vitas*,

*Pro Marcello* é um discurso de agradecimento a Cesar por concordar em perdoar seu mais obstinado inimigo republicano, Marcus Claudius Marcellus, o consul de 51. Este é de fato um erro de nomeação: o título *Pro Marcello* (Para Marcellus), leva à expectativa de um discurso forense, a defesa de Marcellus em uma corte judicial. Ao invés disso, este é um discurso epidítico (exposição). Um discurso em louvor a César (tecnicamente, um panegírico), e seria mais correto nomear o discurso como *De Marcello* (sobre Marcellus) [...].<sup>47</sup> (Berry, 2006, p. 204)

<sup>47</sup> *Pro Marcello is a speech of thanks to Caesar for agreeing to pardon his most die-hard republican enemy, Marcus Claudius Marcellus, the consul of 51. It is in fact misnamed: the title Pro Marcello ('For Marcellus') leads one to expect a forensic speech, a defence of Marcellus in a court of law. Instead, this is an epideictic (display) speech, a speech in praise of Caesar (technically, a panegyric), and would more correctly be called De Marcello ('On Marcellus') [...].*"

Neste sentido, o discurso *Pro Marcello* é um louvor a César, portanto, a análise do *ethos* apresentado por Cícero neste discurso é totalmente plausível no que tange à presente reflexão. Ainda no bojo desta argumentação, cabe salientar que, assim como Einhard, Cícero escreve acerca de alguém (César) que conhece pessoalmente, em cuja presença esteve e vivenciou muitos dos acontecimentos que Suetônio narraria mais de um século depois.

Cícero abre este discurso falando sobre si, explicando sua ausência e como se sentia diante dos fatos ocorridos: “Do longo silêncio, pais conscritos, o qual eu havia empregado por todo este tempo, não por algum medo, mas por uma parte de dor e uma de constrangimento.” (Cícero, 1918, n. p., tradução livre)<sup>48</sup>.

O autor justifica seu silêncio, sua ausência discursiva, argumentando que não foi por medo que se ausentou, mas por dor e constrangimento. São suas primeiras palavras no discurso *Pro Marcello*, e, contudo, não dizem respeito nem a Marcello, nem a Cesar. São palavras escolhidas para justificar a si mesmo. Cícero diz a seu auditório que o medo não o afastou da tribuna, mas sim a dor [*dolore*] e o constrangimento [*verecundia*], sentimentos muito mais aceitáveis que o medo, e que demonstram certa dignidade e respeito.

Esta escolha discursiva do autor, vai ao encontro da concepção de *ethos* em Cícero. Nesse conceito, diferentemente do *ethos* aristotélico, a reputação do orador é um elemento de importância relevante:

Já Cícero estaria mais interessado no “*ethos* da simpatia”, o que significa o estabelecimento de um elo emocional entre o orador e a audiência. O *ethos* ciceroniano, portanto, estaria de algum modo conectado a um tipo de emoção mais branda, resultante da descrição do caráter. (Borges, 2010, p. 12)

Na argumentação de Cícero, como fica explicitado no trecho acima, o caráter já conhecido do orador tem uma expressiva importância para o discurso, já há um elo pré-estabelecido com a plateia: todos no senado o conhecem, sabem que ele é um homem de virtudes, por isso o argumento de abertura é tão importante. Cícero utiliza um argumento que demonstra sua disposição em estar ali, diante de seus pares, declarando aquilo que ele vai reclamar como verdade. O que o afastou da tribuna foram a dor e a tristeza, sentimentos comuns aos presentes e que, acima de qualquer coisa, qualidades de caráter possuídas pelo orador.

---

<sup>48</sup> “*diuturni silenti, patres conscripti, quo eram his temporibus usus, non timore aliquo, sed partim dolore, partim verecundia.*”

Na sequência da abertura do discurso, ainda colocando suas razões, o autor declara: “Termina hoje, e hoje também retorno à minha antiga prática de falar e expressar livremente meus desejos e opiniões”<sup>49</sup> (Cícero, 1918, n. p., tradução livre). Cícero deixa claro que vai voltar à sua antiga e já conhecida forma de discursar, se acaso alguém tivesse julgado que ele mudara. Seu *ethos* fica claramente manifesto nesta frase, ele é um homem que fala livremente, dá sua opinião sem receio, portanto o que ele diz é verdade, de um ponto de vista do qual quem fala livremente não mente.

O que fica patente nessas frases, as primeiras do discurso *Pro Marcellus*, é que o autor toma como garantia de sua fala sua própria reputação. A emoção de sua plateia seria evocada de acordo com o conhecimento prévio que eles, o auditório, têm do caráter do orador. Nesse sentido, não importa tanto o momento em que o discurso é proferido quanto a vida do orador até aquele momento, o que lhe dá autoridade é sua própria história de vida. Todos sabem quem ele é, suas posições políticas, sua conduta dentro e fora do Senado. Sua trajetória é que avaliza seu discurso e cria a sensação de verdade e correção na plateia.

Então, quando começa sua argumentação, suas primeiras palavras são louvores a tamanha bondade, à clemência sem precedentes, ao homem poderoso a quem se dirige o discurso. A construção do César ciceroniano obedece ao seu próprio caráter, ele vai louvar aquele a quem todos conhecem, os feitos já antes aclamados, demonstrando porque ele é o maior e mais louvável dos homens.

O *ethos* de Cícero, assim como o *ethos* que ele atribui a César neste discurso, estão ambos ancorados no mesmo lugar, sua reputação, sua história, seu caráter conhecido e reconhecido por seus pares: sobre si mesmo o autor afirma que não tem medo, mas vergonha, ou seja, sentia-se constrangido diante daquela situação e por aqueles em cuja presença estava, talvez, se sentisse humilhado (*verecundia* traz essa ideia de vergonha, humilhação, timidez). O fato de Cícero ter apoiado Pompeu e os inimigos de César, e posteriormente ter sido perdoado pelo mesmo César a quem traiu, o torna um homem humilde diante da situação

Por fim, ele decide aderir à causa de Pompeu, pois ‘César trabalhava para si, não para o povo, e Cícero, combatendo-o, pensava defender a república e não os privilégios da aristocracia’ (Boissier, 1988, p. 112). Mas, com a derrota de Pompeu na batalha de Farsalos em 48, ele busca e obtém o perdão de César, volta a Roma e passa a ter uma atuação política apagada e meramente voltada ao apoio do governo cesariano. (Costa, 2013, p. 22)

<sup>49</sup> “*finem hodiernus dies attulit, idemque initium quae vellem quaeque sentirem meo pristino more dicendi.*”

Percebe-se que o uso da palavra humilhado ou envergonhado não foi sem propósito, e leva a entender o motivo do uso da afirmação de que o medo não o deteve – poderia ter sido assustador retornar à tribuna diante de uma situação como aquela. Isso reforça ainda mais a argumentação de que sempre falou livremente, ou seja, sem medo, e deu suas opiniões sem se preocupar com a recepção de sua fala entre seus iguais. Estes argumentos sobre si evocam a simpatia daqueles que o conhecem e concordam que ele. Cícero era um orador formidável, que falava com eloquência sobre os assuntos que lhe eram pertinentes. Mesmo que tenha caído em desgraça por algum tempo, estava de volta ao púlpito tendo sido perdoado por César, falaria livremente outra vez.

É neste sentido que o discurso *Pro Marcello*, que disserta sobre César, é composto: para a exaltação do ditador, seu caráter será louvado com hipérboles, como excepcional bondade [*tam inusitatam inauditamque clementia*] e sabedoria quase divina [*denique incredibilem sapientiam ac paene divinam*]. Esses são louvores ao caráter daquele que perdoou a Cícero, assim, não são gratuitos, mas carregados de gratidão e do desejo de agradar ao homem a quem o orador chama de o mais poderoso da terra [*tantum in summa potestate rerum omnium modum*]. Os louvores que César recebeu nesse discurso marcam também o *ethos* de Cícero: ele é grato e demonstra, com sua tão aclamada competência retórica, toda gratidão que a benesse concedida a ele merece.

Segundo Marco Antônio Costa, após o retorno de Cícero e o perdão do ditador, o orador não foi mais o mesmo, tornou-se uma figura menos expressiva politicamente: “Mas, com a derrota de Pompeu na batalha de Farsalos em 48, ele busca e obtém o perdão de César, volta a Roma e passa a ter uma atuação política apagada e meramente voltada ao apoio do governo cesariano” (Costa, 2013, p. 22). Ao que parece, Cícero pode ter se desiludido com a política, uma vez que o restabelecimento da república que tanto almejava parecia cada vez mais distante. Ou, talvez, temesse o que poderia acontecer se voltasse a se opor a César, o que parece menos provável, já que se opôs a Marco Antônio em favor do herdeiro do ditador e pessoalmente levou um dos conspiradores ao encontro de sua pena capital.

O que posso afirmar é que a retórica que ele apresenta em *Pro Marcello*, é uma obra voltada a enaltecer a grandiosidade e benevolência de Júlio César. Uma benevolência calculada, segundo o que Dyer declara sobre a clemência de César: “Contudo, o ato de Cesar foi calculado, parte de uma política de *clementia* seletiva, popular com suas tropas [...] e seguidores, mas ofensiva para os seus antigos pares”<sup>50</sup> (Dyer, 1990, p. 18, tradução livre). Porém, embora tenha

---

<sup>50</sup> “Yet Caesar’s act was calculated, part of a policy of selective *clementia* popular with his troops [...] and followers but offensive to his former peers”

sido apenas uma manobra política do Ditador, ainda foi de grande importância para Cícero, uma vez que, mesmo humilhado, retorna ao cenário político romano.

Por isso, levando em conta a possibilidade do perdão concedido por Cesar ser mais uma humilhação do que uma graça, ou ainda ser ambas na mesma medida, a descrição que o autor faz de seu objeto é bastante reveladora de quem era o Cícero que deveria aparecer naquele discurso. As palavras para o louvor de César são as hipérbolos que marcam o discurso epidítico, de modo geral. Contudo, neste caso, louvam as ações, as conquistas, a magnitude do poder que César granjeou:

Costumo manter em mente, e usá-lo com prazer em conversas frequentes, que todos os nossos imperadores, todas as nações estrangeiras e os povos mais poderosos, e todas as realizações dos reis mais famosos não podem ser comparados com os seus, nem pela magnitude do conflito, nem pelo número de batalhas, nem pela variedade de países, nem pela velocidade de completá-los, nem pela desigualdade das guerras. Além disso, que ninguém poderia ter marchado por territórios tão amplamente separados em menos tempo do que você, não direi que os atravessou, mas os conquistou.<sup>51</sup> (Cícero, 1918, n. p., tradução livre)

Interessante neste excerto é que a grandiosidade do ditador é marcada pela comparação com outros reis, imperadores, guerreiros e pelas guerras travadas por este e aqueles. Nesse sentido, o elogio a César é composto pela contraposição entre o poderio daqueles que, mesmo sem nome registrado, eram poderosos – em um lugar no tempo e no espaço ao qual o autor não dá a conhecer, tornando aqueles a quem compara César, qualquer um que vier a mente do ouvinte/leitor. O benevolente Júlio, que, mesmo imensamente poderoso, foi magnânimo ao perdoar tanto Cícero quanto Marcello.

Contudo, não consigo precisar se há algum tipo de manobra política neste discurso, como questiona Dyer (1990, p. 19) enquanto debate sobre a possível ambiguidade presente em *Pro Marcello*. Dyer debate se o discurso poderia ter sido produzido com a finalidade de influenciar César a conduzir Roma de volta à república. Esse debate pode ser inextinguível e depende do ponto de vista, porém, o que a análise deste discurso permite inferir em certa medida é que o caráter que Cícero tencionava mostrar, tanto aos seus iguais quanto ao próprio César, era o de um homem agradecido, conhecidamente sensato, que percebeu que errou ao rebelar-

---

<sup>51</sup> “*Soleo saepe ante oculos ponere idque libenter crebris usurpare sermonibus, omnis nostrorum imperatorum, omnis exterarum gentium potentissimorumque populorum, omnis regum clarissimorum res gestas cum tuis nec contentionum magnitudine nec numero proeliorum nec varietate regionum nec celeritate conficiendi nec dissimilitudine bellorum posse conferri, nec vero disiunctissimas terras citius passibus cuiusquam potuisse peragrari quam tuis non dicam cursibus, sed victoriis lustratae sunt.*”

se. O orador, aparentemente, buscava as boas graças de seu líder, tentando demonstrar o quanto apreciou o dom recebido. O que transparece na obra, em minha leitura, é que Cícero apresenta a si mesmo como um contrito, mesmo que ainda desejasse o restauro da república, neste momento ele aparentemente tem fé em César e está grato.

### 3 O *ETHOS* DE CARLOS MAGNO E DE EINHARD

O discurso epidítico se caracteriza por ser um relato sobre a vida de outra pessoa, cujo caráter será louvado ou admoestado. Para essa finalidade, cabe ao orador demonstrar as razões, com argumentos bem fundamentados que, normalmente, fazem parte do sistema comum de crenças, para que a exaltação ou reprovação seja aceita.

Cabe, então, ao orador, demonstrar o *ethos* do seu objeto, nem sempre presente, como no caso dos textos das *Vitas*. Desse modo, o *ethos* do objeto será construído pelo orador com base em sua própria visão do caráter do outro e da forma como quer que esse outro seja entendido pelo seu auditório/leitor. Essa formatação do *ethos* de um terceiro será o próximo ponto de análise.

Ficou patente nos capítulos anteriores que há uma marcante diferença nos caracteres manifestados pelos autores nos quais Einhard inspirou-se para compor sua *Vita*. Como é marcante também o *ethos* que eles pretendem, respectivamente, impingir ao objeto de suas obras, nesse caso, Júlio César.

É interessante salientar que ambos os autores, tanto Cícero quanto Suetônio, retratam César de forma particular, distanciados tanto pelo tempo como pela forma em que entraram em contato com seu objeto. Descreveram um *Augustus* modelar, que serviria aos seus interesses, quais fossem, naquele momento. Neste afã de descrever o César que deveria ser imortalizado em suas obras, enquanto guiavam os olhares de seus leitores para os pontos que queriam salientar, ambos deixaram marcas de seus próprios caracteres registrados em suas obras. Com Einhard não foi diferente, enquanto guia seu leitor/ouvinte diretamente para a imagem do Carlos Magno que queria dar a ver à posteridade, deixa marcas do seu próprio *ethos* no texto.

Como procurei demonstrar no primeiro capítulo, o prefácio da *VKM* é fortemente marcado pelo *ethos* do autor. Pode-se distinguir com bastante clareza seu caráter neste trecho da obra. Contudo, no restante do texto, essa marca de caráter fica mais difusa, sendo necessário um exercício de investigação um pouco mais delicado, como demonstrado adiante. Outrossim, o *ethos* construído por Einhard e atribuído a Carlos Magno é mais evidente e pode ajudar a entender o caráter do próprio autor.

Einhard inicia sua narrativa contando como foi o final da dinastia anterior, uma dinastia que ele mesmo não conheceu, de modo que não se aplica nenhum outro argumento que ateste a veracidade do que ele afirma, além de sua própria fama. Nesta passagem, o autor se utiliza, na sua argumentação a favor da dinastia inaugurada por Pepino, do discurso que se

tornou, de certa forma, oficial na corte carolíngia, o da inépcia do antigo rei merovíngio Childerico III.

Nesse sentido, no que tange à narrativa de abertura da *VKM*, houve um perceptível esforço de legitimação do golpe sofrido por Childerico III, “Rei Childerico, que por ordem do Pontífice romano Estevão foi tonsurado e enviado para viver no monastério”<sup>52</sup> (Einhard, 1905, p. 2, tradução livre). O argumento utilizado é o da escolha divina: foi o Pontífice quem depôs Childerico, o que significa que indiretamente foi Deus, e não Pepino, quem derrubou os merovíngios. É interessante esse argumento, dado ao fato de que, naquele momento, a Igreja, enquanto instituição, ainda não tinha se fortalecido tanto, e ainda não era a instituição poderosa dos séculos seguintes. Nos séculos VIII e IX, ainda se pode perceber uma relação de dependência recíproca entre a Igreja e o poder bélico carolíngio. Conforme o trono carolíngio se fortaleceu, essa dependência diminuiu, e, no reinado de Carlos Magno, a Igreja dependia mais dos carolíngios do que o contrário. Contudo, neste momento inaugural da dinastia carolíngia, o apoio da Igreja foi fundamental.

### 3.1 O *ETHOS* DO GUERREIRO

Uma das facetas mais importantes do imperador carolíngio, era com certeza a do guerreiro. As vitórias em combate traziam fama e respeito ao trono, além de ganhos financeiros, e faziam de Carlos Magno não apenas conhecido, mas mais importante e temido. O século VIII foi um período de muitas campanhas militares para os francos. Esta análise vai se deter em três delas para tentar compreender o tipo de guerreiro que Einhard queria apresentar a seus leitores.

As três guerras sobre as quais me debruço têm relevância para este trabalho na medida em que foram guerras importantes para a expansão e solidificação do reinado de Carlos Magno. As guerras da Aquitânia, da Lombardia e da Saxônia foram as primeiras lutadas pelo ainda rei Carlos Magno. A guerra da Aquitânia pode ser vista como uma continuação da guerra enfrentada por Pepino, mas também pode ser entendida como o último golpe na relação do rei com seu irmão, Carlomano, com quem dividiu a soberania. Já as guerras lombarda e saxã podem ser vistas como uma afirmação de poder, mas também como uma demonstração do comprometimento do rei carolíngio com a defesa da Igreja, como será visto adiante. É no relato desses embates que se vê como Einhard idealizava um rei guerreiro, como ele edifica um caráter

---

<sup>52</sup> “*Hildricum regem, qui iussu Stephani Romani pontificis depositus ac detonsus atque in monasterium trusus est.*”

para seu personagem, quais atributos escolhe para lançar luz, como quer que o rei dos francos venha a ser conhecido pela posteridade.

### 3.1.1 A Guerra Aquitânia

O primeiro desafio militar de Carlos Magno como rei de uma parcela dos francos foi a rebelião da Aquitânia. Essa guerra, que, a princípio, teria sido vencida por seu pai, Pepino, o Breve, no ano de 768, teve um desdobramento em 769. Hunoaldo rebelou-se e tentou reconquistar a região do domínio franco. Contudo, Pepino havia deixado grupamentos estacionados na Aquitânia, e Carlos Magno, utilizando-se deste contingente, da ajuda da elite local e dos homens que havia levado com ele, mesmo sem o apoio de Carlomano, conseguiu debelar a revolta e manter o controle sobre a região.

Sobre essa guerra travada por Carlos Magno, Einhard não é muito prolixo, porque ela não foi de grande importância na visão do autor ou porque não queria estender o assunto. Porém, suas considerações sobre a empreitada são eloquentes o suficiente. Chama atenção a forma como explicita o comportamento de Carlomano, que naquele momento dividia o trono com Carlos Magno: “Mesmo que seu irmão não tenha dado a ele a ajuda prometida, continuou com a expedição com maior vigor, não querendo desistir da tarefa já iniciada, até que tivesse terminado”<sup>53</sup> (Einhard, 1905, p. 6, tradução livre).

Einhard marca fortemente o caráter de Carlomano como aquele que prometeu [*promisso*] um auxílio e depois se retirou sem participar da campanha, demonstrando uma atitude que poderia ter sido considerada covarde, ou mesmo uma traição – embora em momento algum o autor utilize estas palavras. A ideia que transparece é a de um homem que não levou em consideração o pedido de ajuda do irmão e corregente do reino franco, e, ao invés de propiciar a ajuda solicitada, dá as costas ao mesmo, sem fornecer nenhum recurso que pudesse fazer diferença na luta que viria. Neste ponto, o que fica patente é que a imagem construída para Carlomano é de um homem de caráter fraco, que possivelmente não merece dividir o trono com o irmão, que por sua vez é um homem excelente.

Esse revés com o irmão foi provavelmente um golpe para o rei Carlos, que contava com o auxílio. Há nisso um tom de pesar. Carlomano não era confiável, Carlos Magno parecia estar desiludido com o irmão. Certo tom de decepção subjaz as afirmativas. Há um pedido

---

<sup>53</sup> “*Et licet eum frater promisso frustrasset auxilio, susceptam expeditionem strenuissime exsecutus non prius incepto desistere aut semel suscepto labori cedere voluit, quam hoc, quod efficere moliebatur, perseverantia quadam ac iugitate perfecto fine concluderet.*”

[*rogato*] de socorro, uma promessa [*promisso*] de que o socorro seria enviado, e a frustração [*frustasset*] dessa promessa.

Ressalto o fato de que, segundo Bachrach a Aquitânia seria parte da herança de Carlomano: “Pepino providenciou que Carlomano governasse a parte meridional das terras Carolíngias da Austrásia. Carlomano também recebeu partes do sudoeste da Neustria, a parte oriental da Aquitânia, Bungúrdia e Alamânia”<sup>54</sup> (Bachrach, 2013, p. 108, tradução livre). Conforme esta leitura, a Aquitânia, ao menos em sua parcela oriental, seria território de Carlomano por direito. Contudo, conforme explica Rosamond McKitterick, essa informação não é de todo correta, podendo ser um tanto confusa, considerando as fontes da época:

Se está correto que Carlos Magno recebeu a Aquitânia, ou a reclamou, e então pediu ajuda a Carlomano, pode ter sido suficiente para explicar uma repentina desavença entre eles. Lintzel, de fato, sugeriu há muito tempo que Carlos Magno tinha na verdade se apropriado da ‘porção’ da Aquitânia pertencente a Carlomano. A confirmação da III capitular de Pepino, para a Aquitânia, datada de 768 ou 769 é ambígua, infelizmente, a este respeito. Pela sua referência ao *genitor Pippinus, nos e missi nostri* podem ser aplicadas para ambos os irmãos (se estiver usando um “nós Real”)<sup>55</sup>. (McKitterick, 2008, p. 80, tradução livre. Grifos do autor)

Esse debate torna-se relevante uma vez que Einhard não aborda o motivo da desistência de Carlomano. O autor não dá nenhuma justificativa para o abandono sofrido por seu rei, não explica o porquê de Carlomano ter negado seu apoio: apenas informa o fato. O que ao leitor/ouvinte pode parecer uma isenção, já que ao ouvido desatento pode parecer que o autor não desejava infamar o irmão de seu rei, ele dá a informação de que não houve a ajuda prometida, não faz juízo de valor diretamente e passa a louvar Carlos Magno em sua força e coragem para levar a guerra a cabo, sozinho. Contudo, é uma característica da retórica de Einhard, nesta obra, que fatos desagradáveis sejam contornados, enfeitados ou mesmo ignorados. O autor da *VKM* conseguia contornar os assuntos espinhosos, tocar neles sem de fato abordá-los. Sempre que algo pudesse mostrar Carlos Magno sob uma luz menos benéfica, seu bom amigo evitava uma abordagem direta do assunto, como no caso do boato sobre as filhas

---

<sup>54</sup> “*Pippin provided that Carloman would rule the southerly part of the Carolingian homeland of Austrasia. Carloman also received some of the southeasterly parts of Neustria, the eastern half of AqVitaine, Burgundy, and Alamannia.*”

<sup>55</sup> “*If it is correct that Charlemagne was assigned or claimed Aqvitaine, but then asked Carloman for assistance, that might be sufficient to account for a sudden flare-up of a quarrel between them. Lintzel, indeed, suggested long ago that Charlemagne had actually seized Carloman’s ‘portion’ of Aqvitaine. The confirmation of Pippin III’s capitulary for Aqvitaine, dated 768 or 769, is unfortunately ambiguous in this respect, for its reference to genitor Pippinus, nos and missi nostri could apply to either brother (if using a ‘royal we’) or both.*”

de Carlos Magno, ou no caso da rainha Fastrada<sup>56</sup>. Essa abordagem vai ao encontro da afirmação da professora Orlandi:

O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito. Essa teoria – a da semântica argumentativa – desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito de alguma forma, o complementa, acrescenta-se. (Orlandi, 2005, p. 85)

A partir deste raciocínio, posso afirmar que de certa forma, o que não está colocado no texto, subsidia o que está escrito. Embora não colocado em palavras, Carlos Magno é corajoso e leal, seu irmão não. É provável que, para Carlomano, não interessasse uma guerra, ele tinha uma porção bastante grande de território para manter. Por outro lado, se Carlos Magno realmente tomou-lhe a parte do território deixado pelo pai, Carlomano não teria motivos para ajudar o irmão a retomar um território que jamais pertencera a ele.

Mesmo que não se possa saber o motivo pelo qual, de fato, Carlomano decidiu abandonar Carlos Magno, é notável neste trecho da obra, especificamente sobre a composição deste discurso, a utilização das comparações para destacar o *ethos* de Carlos Magno. Embora não diretamente, há uma comparação entre a força e a coragem de Carlos Magno e a fraqueza de caráter de Carlomano. Enquanto um fica e luta, o outro prefere voltar para a segurança de sua casa. Carlomano abandona a luta, mas o heroico Carlos Magno segue adiante, mesmo sozinho e com poucos homens, e vai ao combate. A oposição entre honra e desonra, força e fraqueza, coragem e covardia permeia o discurso, ainda que apenas como leitura subtextual.

Nesse sentido, parece ter sido uma marca da retórica do autor usar de certa contraposição, desse jogo entre força e fraqueza, ou coragem e covardia, ressaltando as qualidades de um em vista da debilidade do outro. Ao longo do texto, posso perceber a constância deste recurso, uma forma de demonstração da grandiosidade de seu objeto, partindo da falha de caráter ou da inferioridade intelectual daquele que atua com ele no evento narrado.

Essa comparação também aparece no discurso *Pro Marcello*, quando, por exemplo Cícero comenta que alguns homens fizeram a guerra civil por ignorância:

---

<sup>56</sup> Havia, na corte de Carlos Magno, boatos que diziam que ele seria amante das filhas, e por isso, jamais as havia casado. Einhard aborda o assunto muito diligentemente, dizendo que o rei sabia dos boatos, mas não os menciona mais. Da mesma forma, ele atribui à rainha Fastrada uma revolta que houve dentro do reino, dizendo que era culpa dela o descontentamento do povo, porque ela era má. Em nenhuma destas situações o tema é abordado de forma mais clara e Carlos Magno sempre é colocado em lugar de insuspeição. Para mais, ver Favier (2004) e Nicolau (2018).

Além disso, senhores senadores, atentem a quão vasta aplicação tem esta decisão de C. César. De fato, nós todos que fomos compelidos àquela guerra por algum destino deplorável e infeliz à República, embora sejamos tomados por alguma responsabilidade no campo dos erros humanos, certamente estamos absolvidos de um crime. É que quando, por vossa intervenção, preservou Marco Marcelo para República, e quando, sem intervenção alguma, restituiu-me tanto a mim mesmo como, igualmente, à República, e tantos outros ilustríssimos homens (de quem notas nesta própria reunião não só a assiduidade, mas também a dignidade) tanto a si mesmos como à pátria, ele não conduziu inimigos para a cúria, mas julgou que a maioria empreendera uma guerra mais por ignorância e por um medo enganoso e vazio do que por cobiça ou crueldade. (Cícero, 2015, p. 67, tradução de Débora Shinohara)<sup>57</sup>

Cícero parece tão devoto às qualidades de Caio César quanto Einhard àsquelas de Carlos Magno, e um dos recursos que o Arpinate utilizava era, também, o de contrapor a virtude de seu objeto à debilidade dos outros homens. Mesmo que fossem homens bons, eles não eram bons o suficiente para serem comparados a César.

Noto, em tais casos, que a hipérbole vem acompanhada desse tipo de comparação concreta. Tanto César, em Cícero, quanto Carlos Magno, em Einhard, têm seu valor moral amplificado pela comparação àqueles que deveriam ser como eles. A comparação sempre existe entre os pares, a hipérbole só tem efeito porque a guerra civil enfrentada e vencida por César, por causa de sua capacidade como líder começou com os outros senadores. Do mesmo modo, a guerra que Carlos Magno venceu – sozinho, segundo o autor – demonstra sua força diante da fraqueza de seu irmão. São duas demonstrações de como amplificar os feitos de uns, e com isso sua excelência de caráter, fazendo os outros parecerem débeis.

Por sua vez, Suetônio não se utilizava deste recurso retórico. Hipérboles não estão presentes, nem comparações das virtudes de César com as de outros homens. A retórica de Suetônio tendia mais ao criticismo através da ironia.

O *ethos* do autor da *VKM*, contudo, é um tanto mais complexo. Deixa-se transparecer no prólogo, mas não demonstra de forma aparente no texto. Pode-se percebê-lo, contudo, em sua escrita, no juízo que Einhard constantemente faz. Toda a sua escrita sobre a guerra da Aquitânia, que não passa de algumas linhas, transparece a autoridade de quem sabia sobre o que estava escrevendo. O *ethos* do autor, seu caráter representado neste trecho, demonstra o desprezo velado por Carlomano e admiração por Carlos Magno. Utiliza palavras muito bem

---

<sup>57</sup> “*atque hoc C. Caesaris iudicium, patres conscripti, quam late pateat attendite. omnes enim qui ad illa arma fato sumus nescio quo rei publicae misero funestoque compulsi, etsi aliqua culpa tenemur erroris humani, abl scelere certe liberati sumus. nam cum M. Marcellum deprecantibus vobis rei publicae conservavit, me et mihi et item rei publicae, nullo deprecante, reliquos amplissimos viros et sibi ipsos et patriae reddidit, quorum et frequentiam et dignitatem hoc ipso in consessu videtis, non ille hostis induxit in curiam, sed iudicavit a plerisque ignoratione potius et falso atque inani metu quam cupiditate aut crudelitate bellum esse susceptum.*”

escolhidas para ambos, porque tinha o propósito de enaltecer seu rei e diminuir a importância do irmão.

No pequeno trecho em que narra a guerra da Aquitânia, são associadas ao rei palavras como eficiência [*efficere*] e perseverança [*perseverantia*], ou ainda frases carregadas de sentido como: “Tendo levado a cabo a campanha que empreendeu com o maior vigor, não quis desistir da empreitada nem desistir do trabalho já começado [...]”<sup>58</sup> (Einhard, 1905, p. 6, tradução livre). Nela, deixa clara sua visão sobre Carlos Magno, que mesmo sozinho, abandonado pelo irmão, não desistiu da guerra, nem deixou de lado a campanha, mesmo que isso o matasse, afinal era uma guerra. Essa pequena frase demonstra em grande parte, o juízo que o autor fazia de Carlomano.

Segundo essa visão, posso afirmar que Einhard admirava, ou ao menos neste texto pretendia expor um louvor ao caráter de seu rei, sua incansável determinação, sua coragem. Esses eram atributos que podiam ser louvados, que eram dignos do soberano. Esse também é parte do *ethos* de Einhard, que tinha consciência dos atributos necessários a um rei forte. O autor era aquele que falava sobre o que conhecia, e ele sabia que Carlos Magno era melhor que Carlomano, a quem ele não atribui muitas características neste trecho, além de ser aquele que frustra promessas, alguém não confiável. Então, a cada escolha que o autor faz, para referir ao rei e ao irmão, deixa entrever seu próprio caráter, diante de suas escolhas. Deixa notar o que julga importante para um rei, quais são as características que este deve ter para, diante do olhar do escritor, ser considerado digno de admiração ou, muito além, ser um modelo não apenas de governante como de cristão

Na sequência da narrativa da vitória de Carlos Magno sobre a Aquitânia, o autor conta que o Duque da Aquitânia, Hunoldo, fugiu quando percebeu a impossibilidade de vencer Carlos Magno: “forçou Hunold [Hunaldo], que havia tentado assumir a Aquitânia após a morte de Waifre, e renovou a guerra depois de quase concluída, abandonando a Aquitânia e fugindo para a Gasconha”<sup>59</sup> (Einhard, 1905, p. 6, tradução de Ricardo da Costa e Priscilla Coutinho).

Einhard assinala que a culpa pela guerra foi de Hunaldo pois ela estava praticamente acabada quando Waifre morreu, tendo sido o próprio Hunaldo quem resolveu reavivar a animosidade contra os francos e tentar dominar a Aquitânia. Carlos segue retratado como o vencedor, porém venceu uma guerra que não desejava, foi compelido a lutar por terceiros.

<sup>58</sup> “*susceptam expeditionem strenuissime exsecutus non prius incepto desistere aut semel suscepto labori cedere voluit.*”

<sup>59</sup> “*Nam et Hunoldum, qui post Waifarii mortem Aquitaniam occupare bellumque iam poene peractum reparare temptaverat, Aquitaniam relinquere et Wasconiam petere coegit*”

A fuga do Duque para a Gasconha motivou Carlos Magno a persegui-lo cruzando o Garona. Esta perseguição leva o autor a uma narrativa que, embora breve, demonstra o prestígio e o respeito ou medo que o rei dos francos suscitava em outros governantes. Segundo o escritor, quando Lobo, Duque da Gasconha, soube que o rei buscava Hunaldo, não teve dúvidas em entregar o inimigo de Carlos Magno às mãos do rei. Além disso, submeteu-se ao rei carolíngio:

Mesmo ali, ele não teve outra opção senão atravessar o rio Garonne, construir o castelo de Fronsac e mandar embaixadores a Lobo, duque da Gasconha, para forçar a perseguição ao fugitivo e ameaçar pegá-lo à força, a menos que ele se rendesse prontamente. Então Lobo escolheu o caminho mais sábio e não só entregou Kunold [Hunaldo] mas também se submeteu ao rei, juntamente com a província que governava.<sup>60</sup> (Einhard, 1905, p. 6, tradução de Ricardo da Costa e Priscilla Coutinho)

O excerto traça com precisão a imagem do rei forte, corajoso, audaz, e, principalmente, temido. Lobo é descrito como aquele que escolhe o caminho mais saudável [*saniori*], portanto o mais sábio para si e para seu território. O que se depreende deste trecho é que o duque entendeu que não seria bom para ele e sua província atrair a ira de Carlos Magno. Novamente colocando uma contraposição, o duque compreende que o rei é mais poderoso que ele, Carlos Magno é aquele que não tem comparação, segundo a obra de Einhard, ninguém está à altura de sua magnificência, seu caráter é incomparável: Hunaldo fugiu de sua presença, Lobo sequer ousou desafiá-lo. Para Francisco Lima, a amplificação, da forma como Einhard utiliza, é amplamente empregada nos discursos da antiguidade:

Há vários recursos que podem proporcionar esse efeito amplificador, “pondo diante dos olhos” do auditório a que o orador pretende dar relevância. Valendo-se da amplificação, o orador consegue pôr em evidência os pontos que deseja destacar e incutir, no coração da plateia, sentimentos que reforcem a adesão a seu discurso. (Lima, 2021, p. 39)

O trecho acima vem ao encontro da atual linha de interpretação deste trabalho, em que vejo a amplificação, largamente utilizada na obra, como forma de memorar as características que o escritor da *VKM* pretendia imputar a seu objeto. As amplificações, além de sublinharem a excelência do personagem retratado na obra, também têm o objetivo de destacar os defeitos, ou a falta de qualidades, daqueles que atuam com ele, em um mesmo cenário, este contraste é

<sup>60</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Quem tamen ibi consistere non sustinens, transmisso amne Garonna et aedificato castro Frontiaco, Lupo Wasconum duci per legatos mandat, ut perfugam reddat; quod ni festinato faciat, bello se eum expostulaturum. Sed Lupus saniori usus consilio non solum Hunoldum reddidit, sed etiam se ipsum cum provincia cui praeerat eius potestati permisit.*” (Einhard, 1905, p. 6)

importante para reforçar a imagem que se quer criar a respeito dos objetos, positiva ou negativa. É ainda nesse mesmo sentido que Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam:

De um lado, o nível absoluto do termo padrão poderá influir sobre o valor dos termos pertencentes à mesma série e que lhe são comparados. Esse efeito é observado na percepção; notemos que as repetições dos termos cotejados concorrem todas, ao que parece, para situar um nível neutro de adaptação. Ocorre o mesmo, por certo na argumentação em que os termos já enunciados constituem um pano de fundo que influencia as novas avaliações. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 276)

É importante essa colocação dos autores acima, em que se leva em conta um termo padrão, a coragem e destemor de Carlos Magno, por exemplo, que vão ao longo do texto tomando um lugar importante, formando a opinião do público leitor/ouvinte aos poucos e tornando-se mais evidentes paulatinamente, conforme o autor da *VKM* avança em seus relatos. Se alguém tivesse dúvidas de quanto o personagem central dessa *Vita*, é muito mais excelente que os demais homens, Einhard antes de contar suas façanhas nas guerras, já deixava transparecer que o irmão Carlomano, era bem menos excelente e facilmente influenciado por seus nobres:

As condições foram aceitas e cada um tomou posse da parte do reino que lhe cabia, mas a paz só foi mantida entre eles com grande dificuldade, pois aconteceram conspirações que os envolveram em uma guerra. (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)<sup>61</sup>

Os irmãos disputavam o controle dos territórios, embora Einhard não aborde esse assunto, como já citado anteriormente, é provável que Carlos Magno tenha tomado parte da Aquitânia que pertencia a Carlomano. Este, por sua vez, descontente e aconselhado por seus nobres, passa a antagonizar o irmão, levando o povo franco à beira de uma guerra civil.

Neste trecho, mais uma vez não de forma explícita, Einhard culpa Carlomano por ter pensado em ir à guerra contra Carlos Magno. Ele lembra que foi com grande dificuldade [*summa difficultate*] que se manteve a partilha. Essas dificuldades jamais são atribuídas ao caráter de Carlos Magno, mas aos outros atores. Esse é o pano de fundo onde se construiu o *ethos* do biografado, como Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam no excerto acima, são informações colocadas ao longo do texto com o objetivo de influenciar a audiência. Até chegar

---

<sup>61</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Susceptae sunt utrimque conditiones, et pars regni divisi iuxta modum sibi propositum ab utroque recepta est. Mansitque ista, quamvis cum summa difficultate, concordia, multis ex parte Karlomanni societatem separare molientibus, adeo ut quidam eos etiam bello committere sint meditati*” (Einhard, 1905, p. 6).

à última linha, o leitor/ouvinte teria uma imagem bem formada de todos os personagens desta *Vita*.

### 3.1.2 A Guerra Lombarda

Segundo os Anais dos Francos (*RFA*) a guerra contra a Lombardia foi iniciada cerca do ano de 774, quando Carlos Magno voltaria de Roma após uma visita ao Papa Adriano.

No seu retorno de Roma, o Senhor Rei Carlos veio novamente a Pavia e capturou a cidade e Desiderio, com sua mulher e filhas e todos os tesouros de seu palácio. Todos os Lombardos vieram de todas as cidades da Itália e submeteram-se ao governo do glorioso Senhor Rei Carlos e dos francos. Adalgis, o filho do Rei Desidério fugiu para o mar, e escapou para Constantinopla. Após subjugar a Itália e colocá-la em ordem, o glorioso Senhor Rei Carlos deixou uma guarnição Franca na cidade de Pavia e, ajudado por Deus, retornou triunfante para a França com sua esposa e o restante dos Francos.<sup>62</sup> (Carolingian Chronicles [*RFA*], 1970, p. 50, tradução livre)

Esta é uma narrativa curta e simples, que parece ter a única função de informar que, no referido ano, o rei dos francos enfrentou mais uma batalha, por motivo não informado nesta inserção e foi vitorioso, como parecia ser o esperado. Na verdade, o cronista dá a impressão que está mais preocupado com a campanha contra os Saxões, que introduz ao final desta inserção: “Quando ele chegou em Ingelheim, enviou quatro destacamentos para Saxônia. Três deles lutaram com os Saxões e com a ajuda de Deus tiveram vitória; o quarto não viu batalha, mas retornou para casa com muitos espólios e sem perdas<sup>63</sup>” (Carolingian Chronicles [*RFA*], 1970, p. 50-51). Na narrativa do próximo ano, o autor dos *RFA* dá sequência a esta, que começa no ano de 774, e discorre sobre a guerra saxônica com maior amplitude, se considerarmos a forma como ele descreve a guerra contra Lombardia.

Einhard, por sua vez, tinha uma forma diferente de descrever essa história. Ele foi um pouco mais detalhista, contudo, sem aprofundar tanto os acontecimentos. Fica patente que as razões e objetivos de ambos os autores eram diferentes: o escritor da *RFA* talvez pretendesse apenas arrolar os eventos para fins de memória, no sentido de que os feitos dos governantes

<sup>62</sup> “On his return from Rome the Lord King Charles came again to Pavia and captured the city and Desiderius, with his wife and daughter and the whole treasure of his palace besides. All the Lombards came from every city of Italy and submitted to the rule of the glorious Lord King Charles and of the Franks. Adalgis, the son of King Desiderius, fled, put to sea, and escaped to Constantinople. After subduing Italy and setting it to rights, the glorious Lord King Charles left a Frankish garrison in the city of Pavia and by God’s help returned triumphantly to Francia with his wife and the rest of the Franks.”

<sup>63</sup> “When he arrived at Ingelheim, he sent four detachments to Saxony. Three of them fought the Saxons and with God’s help had the victory; the fourth did not see battle but returned home with much booty and no losses.”

carolíngios fossem registrados em ordem cronológica e não se perdessem no tempo. Einhard, por sua vez, tinha o propósito de registrar os feitos do rei de uma forma mais elegante, não pretendia somente enumerar os fatos, mas criar uma narrativa com propósito bastante específico, o de eternizar o rei.

Nesse intuito, Einhard inicia sua versão da guerra lombarda explicando como Carlos Magno lançou-se a esta campanha: “Após trazer o fim a essa guerra e resolver assuntos na Aquitânia, pois seu parceiro na autoridade havia passado dessa vida, ele foi induzido pelos intercessores de Adriano, bispo da cidade de Roma, a prosseguir na guerra com os lombardos”<sup>64</sup> (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho). Em sua explicação inicial, o autor lembra que o Rei havia encerrado uma campanha contra a Aquitânia, vencida por ele, e que seu irmão agora estava morto. Então, Carlos Magno já era rei de todos os francos e contava apenas consigo mesmo. O Papa Adriano, bispo de Roma<sup>65</sup> [*Romanae urbis episcopi*], enviou suas súplicas ao rei para que fosse à guerra contra os lombardos. Essa narrativa contraria um pouco aquela das *RFA*, pois não teria sido na volta de Roma que o rei iniciou a guerra lombarda, o que é também o entendimento da professora Mayke de Jong (2005), segundo quem Carlos Magno visitou Roma durante o cerco a Pavia, não anteriormente a ele.

Dando sequência a sua narrativa, o autor da *VKM* considerou importante lembrar ao seu público leitor/ouvinte de que a guerra da Lombardia era a continuação, ou a retomada, de outra guerra já travada por Pepino contra o antigo rei lombardo Astolfo. Einhard destaca que a guerra que Pepino lutou foi mais rápida e simples que a de Carlos Magno, que Astolfo rendeu-se mais rapidamente e não relutou muito em submeter-se à vontade de Pepino. Desidério<sup>66</sup>, ao contrário, foi um oponente difícil, demorou a render-se e exigiu do rei franco maior esforço.

As semelhanças entre as duas campanhas, de Pepino e Carlos Magno, contra os lombardos, são que ambas foram travadas a pedido do Papa. Contudo, enquanto Pepino encontrou dificuldades entre seus nobres que desaprovavam a empreitada, Carlos Magno enfrentou resistência do rei inimigo, que se mostrou mais determinado do que seu antecessor. Provavelmente por isso Einhard descreveu essas guerras como de mesma base, mas distintas em dificuldades: “Carlos parece ter tido as mesmas bases que seu pai teve para declarar guerra, a mesma guerra, porém distinta da precedente, tanto em suas dificuldades quanto em sua

---

<sup>64</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Conpositis in Aquitania rebus eoque bello finito, regni quoque socio iam rebus humanis exempto, rogatu et precibus Hadriani Romanae urbis episcopi exoratus bellum contra Langobardos suscepit*” (Einhard, 1905, p. 7).

<sup>65</sup> A utilização da palavra “Papa”, para se referir ao Sumo Pontífice, ainda não é muito corrente no século IX, tornando-se mais comum a partir do século XI, com o Papa Inocêncio II.

<sup>66</sup> Desidério também conhecido como Didier, dependendo da tradução.

conclusão” (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)<sup>67</sup>. Quando Desidério havia ascendido ao trono, ele havia se comprometido a honrar os acordos feitos com Roma, de não invadir os territórios da Igreja. Com a morte de Pepino e do próprio Papa Estevão, com quem os acordos haviam sido selados, o rei lombardo pareceu haver esquecido suas alianças e invadiu os territórios papais.

Ainda, conforme Claudio Azzara (2002), a intenção de Desidério seria de controlar o papado em si, suas pretensões seriam de eleger o Papa, controlar o território e a Igreja. Sabendo da debilidade de Bizâncio<sup>68</sup> naquele momento, Desidério foi levado a estacionar um exército nas portas da cidade de Turin, talvez, pelo desejo de tornar o reino lombardo um reino poderoso aumentando significativamente seu território, com a anexação destas cidades. Isso faz parecer que ele realmente não acreditava na capacidade de o papado se defender, e, embora o casamento de Carlos Magno com a filha de Desidério, que provavelmente chamava-se Desirée, tenha durado apenas um ano, teria havido uma aliança entre os dois reis. Os filhos de Carlomano, sobrinhos de Carlos Magno, eram netos de Desidério<sup>69</sup> e, teoricamente, herdeiros dos dois reinos. De fato, isso jamais aconteceu. Carlos, provavelmente, nunca teve a intenção de dar qualquer herança aos sobrinhos. Essa usurpação do direito hereditário dos filhos de Carlomano é um fator de descontentamento entre os nobres francos, de modo que o apoio que Carlos Magno tinha dentro do reino não era unânime, como Einhard gosta de fazer parecer.

Ainda, na esteira de tais acontecimentos, segundo Favier (2004) um dos motivos que levou Desidério às portas de Roma, foi fazer com que o Papa Adriano I sagrasse seus netos regentes do legado de Carlomano. Adriano negou, dizendo que só discutiria o assunto quando o lombardo devolvesse os territórios da Igreja que haviam sido tomados anteriormente, por Astolfo. Há então, uma questão sucessória mal resolvida que permeia essa segunda guerra dos francos contra os lombardos, o que é reforçado pelo fato de que uma das exigências de Carlos

---

<sup>67</sup> Trecho original na edição usada no presente trabalho: “*Sed licet sibi et patri belli suscipiendi similis ac potius eadem causa subesse videretur, haud simili tamen et labore certatum et fine constat esse completum*” (Einhard, 1905, p. 7).

<sup>68</sup> O papado e Bizâncio tinham problemas de relacionamento há mais de um século. Uma das mais importantes questões entre ambos foi a iconoclastia bizantina, sob Leão III no século VIII, questões fiscais e políticas aumentavam fortemente o abismo entre Roma e Bizâncio. A esse respeito, ver Daniel-Rops (1991), Fernandes (2016) e Wickham (2009), entre outros.

<sup>69</sup> Quando a mãe de Carlos Magno costurou a aliança com os lombardos, ela casou Carlomano com Gerbege e Carlos Magno com Desirée, que provavelmente não contava mais que 13 anos na ocasião. Ambos os irmãos francos eram casados com outras mulheres antes dessa aliança e tiveram que repudiar suas esposas, o que fez com que qualquer filho advindo das respectivas uniões se tornassem bastardos e perdessem o direito à herança. Foi o que aconteceu com Pepino, o Corcunda, filho mais velho do imperador com a esposa repudiada, Himiltrude. Este filho tentou dar um golpe no pai para tomar o trono. Carlos Magno, depois de um ano de casamento com Desirée, pediu o divórcio e devolveu a menina para a casa do pai. Carlomano permaneceu casado até sua morte. Para entender melhor as questões políticas que levaram aos casamentos dos francos com as filhas do rei lombardo, ver Favier (2004).

Magno, durante o cerco de Pavia, era de que os sobrinhos e a cunhada lhe fossem entregues. Contudo, as fontes não dizem se foram, nem o que aconteceu com eles. Mas não é difícil crer que o rei tenha se livrado desse incômodo.

Sendo este o panorama da guerra, fica significativamente mais acessível ao meu entendimento a forma como Einhard constrói a imagem do conflito e do homem que o venceu. Retomo a frase com a qual o autor inicia a narrativa “*Sed licet sibi et patri belli suscipiendi similis ac potius eadem causa subesse videretur, haud simili tamen et labore certatum et fine constat esse completum*”, conforme a tradução de Vianna e Moutinho. Einhard inicia a narrativa com um comparativo entre os motivos do pai, Pepino, com os do filho, Carlos, para a guerra. Segundo Einhard, as motivações foram as mesmas, auxiliar o Papa em uma disputa com o rei lombardo, do mesmo modo como Pepino ajudou o Papa Estevão II, Carlos Magno foi em socorro de Adriano I. Contudo, se o autor chama a atenção para a similitude das duas guerras quanto aos motivos que levaram os reis a inici-las, ele deixa claro que foram diferentes [*haud simili*] em dificuldades [*labore*] e conclusão [*completum*].

O autor da *VKM* parece aproveitar as semelhanças entre as duas campanhas militares para enaltecer Carlos Magno, sem desprestigiar Pepino: “Pepino, para ser exato, após assediar alguns dias em Pavia o rei Astolfo, obrigou-o a entregar reféns, e restaurar as cidades romanas de tudo o que haviam perdido; obrigou-o também a prestar um juramento que não iria tentar prendê-los novamente” (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)<sup>70</sup>. Para explicar as semelhanças e diferenças entre as duas batalhas, o autor conta que Pepino cercou Astolfo, em uma ação rápida, e o fez entregar os reféns e as cidades tomadas. Obrigou, também, o rei lombardo a jurar que nunca mais assediaria as cidades pertencentes à Igreja<sup>71</sup>.

É patente neste trecho que a campanha é narrada como uma campanha rápida, resolvida em poucos dias [*paucorum dierum*], sem grandes dificuldades. Posso assentir aqui em, ao menos, duas formas de interpretar: Astolfo era um rei fraco ou mal preparado, ou ambos, e não conseguiu fazer frente a Pepino, desistindo da guerra em poucos dias. Por outro ângulo, poderia inferir que Pepino era excelente estrategista, soube como cercar Astolfo, que não importando quão preparado estivesse para a ofensiva, não teve outra opção que não capitular e

<sup>70</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Pippinus siquidem Haistulfum regem paucorum dierum obsidione apud Ticenum compulit et obsides dare et erepta Romanis oppida atque castella restituere atque, ut reddita non repeterentur, sacramento fidem facere*” (Einhard, 1905, p. 7).

<sup>71</sup> As cidades na verdade, seriam território bizantino, uma vez que o Imp. Bizantino seria a continuação do Império Romano, naquele momento. Essa era uma disputa entre Bizâncio e o Bispo de Roma, que já vinha se estendendo há algum tempo. Pepino, ao entregar as cidades sob controle lombardo ao Papa, dá a este um significativo apoio para a independência da Igreja de qualquer ideia de subordinação que o Imperador Bizantino tivesse sobre ela (Favier, 2004).

entregar as cidades conquistadas nas mãos do rei franco. Qualquer uma das duas opções coloca uma luz favorável sobre Pepino, ele era melhor que Astolfo, sem contar o fato de que estava defendendo a Igreja, o que já garantiria uma imagem de homem superior, por si só.

No entanto, há um detalhe na narrativa demonstrando que, apesar de Pepino ter sido um grande homem, iluminado, defensor da Igreja, Carlos Magno era ainda melhor que o pai. Enquanto narra ambas as campanhas, o autor da *Vita* sublinha sutilmente um detalhe, Pepino foi rápido em concluir a questão lombarda, contudo deixou Astolfo no trono. E foi esse detalhe que levou os lombardos a uma nova tentativa de dominar os territórios da Itália, alguns poucos anos após essa primeira campanha:

Mas Carlos, depois de começar a guerra, não desistiu de obter a rendição do rei Desidério, a quem havia fustigado com um longo cerco, obrigando também a fugir não só do reino, mas da Itália, a seu filho, Adalgiso, para quem pareciam se inclinar as esperanças de todos, e restituir aos romanos tudo o que lhes havia sido roubado, e submeter a Rodgaud, duque de Friuli, que fazia intrigas para iniciar uma rebelião, e subjugar a Itália colocando seu filho, Pepino, como rei. (Einhard, 1905, p. 7, tradução livre)<sup>72</sup>.

O autor pontua fortemente a diferença entre os caracteres de pai e filho neste trecho, marcando o *ethos* de Carlos Magno como diferenciado em relação àquele de seu pai. A diferença entre ambos e a definição do *ethos* de Carlos pode ser visto no início da frase: “Mas Carlos depois” [*karolus vero post*] que demonstra que o rei dos francos havia tido uma atitude diante dos lombardos diferente daquela de seu pai. Ele foi mais contundente, não aceitou de Desidério juramentos nem promessas, mas o removeu do trono, perseguiu o filho Adalgiso, fazendo com que este fosse procurar exílio em Bizâncio, tomou os territórios e ainda frustrou os planos do duque de Friuli, que tensionava uma nova investida contra os francos.

A excelência de Carlos Magno fica desenhada em cores vivas neste trecho, sem menosprezar o antigo rei, Pepino, pelo menos não aparentemente, o escritor da *Vita* demonstra a superioridade de Carlos Magno como guerreiro. O rei não deixou pontas soltas, conseguiu superar as conquistas do pai com relação tanto à Aquitânia quanto à Lombardia. Em ambas as campanhas demonstrou maior capacidade, de acordo com o relato cuidadoso de Einhard. Quando o autor diz que a campanha foi mais difícil para Carlos do que havia sido para Pepino, ele destaca que Carlos, diante de maiores dificuldades, teve uma conquista superior. Sob outro

---

<sup>72</sup> “*Karolus vero post inchoatum a se bellum non prius destitit, quam et Desiderium regem, quem longa obsidione fatigaverat, in deditionem susciperet, filium eius Adalgisum, in quem spes omnium inclinatae videbantur, non solum regno, sed etiam Italia excedere compelleret, omnia Romanis erepta restitueret, Hruodgausum Foroiuliani ducatus praefectum res novas molientem opprimeret totamque Italiam suae ditioni subiugaret subactaque filium suum Pippinum regem inponeret.*”

ponto de vista, Pepino não era tão bom governante e estrategista quanto o filho, dado que teve maiores facilidades na guerra e mesmo assim não resolveu a questão. São dois grandes homens sendo citados, seus feitos contados à posteridade, mas o autor deixa ver nesta narrativa que Carlos Magno é superior, seu *ethos* de guerreiro era mais capacitado, não temia ninguém nem retrocedia: esta era a imagem que o escritor da *Vita* desenhava na imaginação dos leitores/ouvintes, desde os primeiros parágrafos da obra.

Na sequência, e já encerrando a narrativa desta guerra, o autor chama atenção para outras dificuldades, de natureza climática, enfrentadas pelo rei na empreitada bélica contra os lombardos,

A essa altura, eu deveria descrever a difícil passagem de Carlos para a Itália sobre os Alpes e a opressão que os francos suportaram, escalando cumes de montanhas sem trilhas, altíssimos penhascos e ásperos picos, se não fosse meu propósito nesse trabalho recordar seu modo de vida em detrimento dos incidentes da guerra que manteve. Satisfaz dizer que essa guerra terminou com a sujeição da Itália e o banimento do rei Desidério, além da expulsão de seu filho Adalgiso da Itália e a restauração das conquistas dos reis lombardos a Adriano, mentor da Igreja romana. (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)<sup>73</sup>.

Esse trecho é especialmente interessante, porque apesar de pequeno em extensão, é muito significativo. O autor pontua que deveria contar as dificuldades que Carlos e suas tropas enfrentaram ao cruzar os Alpes, mas como sua intenção não era essa, não descreveria. Contudo, a informação está lá, pode não estar ricamente detalhada, mas foi afortunadamente declarada: Carlos Magno enfrentou duras penas para transpor os Alpes, altos montes com cumes que se elevavam até o céu [*eminentes in caelum*]. Este é mais um traço que reforça o caráter magnífico do rei de Einhard: enfrenta as adversidades da natureza sem retroceder. Mesmo com o desafio dos cumes sem trilhas<sup>74</sup>, ou seja, um caminho por onde outros não passavam, nem por isso o rei deixou-se ser demovido de seu propósito.

As figuras de linguagem não são claramente identificáveis neste trecho. Em uma primeira observação, tenho a impressão de que, aqui, o autor utilizou a própria crença na

<sup>73</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Italiam intranti quam difficilis Alpium transitus fuerit, quantoque Francorum labore invia montium iuga et eminentes in caelum scopuli atque asperae cautes superatae sint, hoc loco describerem, nisi vitae illius modum potius quam bellorum, quae gessit, eventus memoriae mandare praesenti opere animo esset propositum. Finis tamen huius belli fuit subacta Italia et rex Desiderius perpetuo exilio deportatus et filius eius Adalgisus Italia pulsus et res a Langobardorum regibus ereptae Hadriano Romanae ecclesiae rectori restituae*” (Einhard, 1905, p. 7-8)

<sup>74</sup> As palavras usadas no original em latim não significam exatamente “sem trilhas”: “[...] *Francorum labore invia montium iuga et eminentes in caelum scopuli atque asperae cautes superatae sint*”, pode ser traduzido como: “Pelo trabalho dos Francos, o caminho até o cume áspero dos montes e penhascos afiados que são elevados até o céu, foi superado” (tradução livre).

sucessão de acontecimentos e na força do fato que narrava para demonstrar o *ethos* de Carlos Magno. Não precisou de hipérbolos para seu louvor ao rei, nem comparações diretas, ele apenas conta que foram muitas provações e que essas foram superadas pelos francos. Sem palavras de exaltação àqueles que transpunham os cumes. Contudo, a exaltação era indireta: os montes eram altos, intransponíveis, ásperos, se elevavam até o céu, o que faz com que a hipérbole não estivesse ligada ao rei, mas ao desafio vencido por ele.

Assim, o leitor/ouvinte é levado a crer que somente um exército ainda mais excelente que esses picos, comandados por um homem inteligente e bravo, poderia chegar a transpor essa provação. O autor poderia ter apenas citado que eram altos montes, mas optou por utilizar uma linguagem na qual sublinha o tamanho das montanhas e as dificuldades para atravessar esses picos que ele classificou como tão altos que chegavam ao céu [*et eminentes in caelum*], em tradução literal. Utiliza-se de pleonasmos para demonstrar como foi difícil, quanto esforço demandou atravessar esse caminho. Resulta que a forma com a qual o autor descreve essa passagem faz o leitor/ouvinte entender essa travessia como outra batalha vencida por Carlos, antes mesmo de chegar, propriamente, aos campos de batalha.

Segundo Favier (2004), essa realmente foi uma transposição difícil: os francos passaram por um caminho desconhecido para eles, e Desidério os esperava, sabendo que seria difícil passar pelos picos. “Trata-se de uma empresa muito difícil porque Didier teve tempo de fortificar os pontos estratégicos dos desfiladeiros, conseguindo assim retardar sensivelmente o avanço dos francos” (Favier, 2004, p. 179). Apesar do esforço de Desidério para fortificar o desfiladeiro e retardar Carlos Magno, este envia sua cavalaria ligeira que desorienta as tropas do rei lombardo. O fato é que esta travessia ganha contornos milagrosos, aumentando a lenda em torno do rei franco<sup>75</sup>.

Dessa forma, embora o modo como o autor narrou a guerra tenha sido sucinto, ele delineou ou reforçou um pouco mais os traços da personalidade de seu rei como um guerreiro não só vitorioso, mas inteligente e audacioso, trazendo novamente ao leitor/ouvinte a imagem da coragem e do destemor: um homem que era capaz de ultrapassar, inclusive, as adversidades imprevisíveis da natureza. Carlos Magno é desenhado por Einhard a cada passagem de sua vida narrada como um homem e rei praticamente incomparável, inalcançável para quem quer que viesse após.

---

<sup>75</sup> Os Anais de Lorsch (*Annales Laurissenses*) contam mais detalhes sobre esta batalha e como a cavalaria formada por jovens vassallos conseguiu surpreender os lombardos (Favier, 2004).

### 3.1.3 A Guerra Saxã

A guerra contra os saxões talvez seja a mais significativa entre os conflitos narrados por Einhard. Durante sua explanação, o autor demonstra interesse em deixar os fatos bem delineados. É exemplar, para tanto, a forma como começa a narrativa desse embate: “Após terminar esta guerra, continuou a saxônica, que parecia nunca ter terminado. Os francos nunca tinham enfrentado uma guerra tão longa, nem tão atroz, nem tão trabalhosa” (Einhard, 1905, p. 8, tradução livre)<sup>76</sup>. O autor classifica a guerra saxônica como a mais trabalhosa [*laboriosius*] para os francos, a mais atroz [*atrocius*], e mais longa [*prolixus*]. São três qualificativos que visam reforçar a importância e a dificuldade da guerra, e, para além disso, a importância de vencê-la. Os francos tinham um grande desafio ao enfrentar os saxões, estavam diante de um embate que parecia nunca terminar, talvez durante o período em que estavam nessas batalhas não conseguissem ter sequer uma perspectiva para o fim do conflito.

É interessante que Einhard refira a dificuldade dos francos em enfrentar essa guerra, pois há um elemento de unidade presente. Ele destaca, em um primeiro momento, os homens sem nome que enfrentaram as batalhas, neste longo período. Eles são uma massa, um único povo, sem destacar nem mesmo os reis que participaram das lutas, pelo menos em um primeiro momento.

As lutas entre francos e saxões já eram antigas. Segundo Sidney Dean (2015), em 771 já contavam mais de um século de hostilidades, somada a uma tentativa fracassada de Pepino, o Breve, pai de Carlos Magno, de anexar os saxões. Mesmo que a anexação do território tenha fracassado, os saxões tornaram-se tributários dos francos. Acrescente-se a isso o envio de missionários cristãos aos territórios saxões, que foi vista por estes, ainda segundo Dean, como uma ameaça a sua independência e identidade.

Com a morte de Pepino, em 768, porém, o cenário político mudou e os saxões se negaram a manter os tributos. Soma-se a isso a desconfiança dos saxões para com os missionários, o que reforçou a hostilidade de ambas as partes. Em janeiro de 772, os saxões teriam queimado a Igreja que havia em Deventer, o que provocou a reação dos carolíngios, que queimaram a Irminsul, a árvore sagrada daquele povo.

Janet Nelson (2019) tem uma outra abordagem no que tange às incursões saxãs. Segundo Nelson, Carlos Magno ficou tão absorto pela campanha contra os lombardos que acabou por deixar a fronteira saxônica fracamente guarnecida, favorecendo o ataque dos saxões

---

<sup>76</sup> “*Post cuius finem Saxonicum, quod quasi intermissum videbatur, repetitum est. Quo nullum neque prolixius neque atrocius Francorumque populo laboriosius susceptum est*”

no final de 773, o que levou a uma contraofensiva carolíngia logo em seguida. Isso é bastante possível, sobretudo somado ao fato de que os saxões já estavam bastante desconfiados das investidas carolíngias em seu território, em virtude do envio de missionários. Seria, portanto, plausível que tenham se utilizado do descuido do rei franco para rápidas incursões ao território inimigo.

A abordagem de Einhard é, como de costume, muito mais favorável à boa imagem de Carlos Magno e dos francos. O autor permanece sem fornecer datas e fatos de forma direta e informativa, como fazem os *RFA*, por exemplo. Como dito, a guerra contra os saxões tem elementos políticos, econômicos e religiosos, mas o escritor faz parecer que o confronto foi uma espécie de protocruzada contra os pagãos que residiam ao norte do reino franco, descrito quase como o mais cristão de todos os reinos: “Porque os saxões, como quase todos os povos Germânicos, também são de natureza cruel e cultuam demônios, são contrários a nossa religião e não consideram desonra transgredir e violar a lei divina e humana”<sup>77</sup> (Einhard, 1905, p. 8, tradução livre).

O excerto é uma explicação do autor do porquê ele considera essa guerra como a mais difícil enfrentada pelos francos: eles estavam enfrentando um povo cruel [*feroces*] e que, para além disso, cultuavam demônios [*cultui daemonun*], um povo que não obedecia às leis [*iuro*] divinas nem humanas. A explicação de Einhard diz muito sobre o caráter do combate e do oponente. Segundo a visão do autor, o inimigo não pertencia à cristandade, nem seguia as regras implícitas que poderiam guiar os cristãos nas batalhas.

Por isso, posso afirmar que esta provavelmente seja a guerra mais cristã de todas as que Einhard narra. Seu relato é a história de como os francos enfrentaram um povo pagão, que não só não se convertia como combatia, para além dos próprios francos, o cristianismo que eles representavam. O elemento religioso é o mais latente nesta narrativa, e empresta ao relato um aspecto de luta mística, do bem – cristãos – contra o mal – os pagãos germanos, reforçando o *ethos* cristão de Carlos Magno, do próprio Einhard e dos francos como um povo.

A alteridade<sup>78</sup> denotada pelas expressões que qualificam os saxões como pagãos são uma forma definir a qualidade cristã do reino franco, de modo que a construção do *ethos* cristão e da importância narrativa desse mesmo *ethos*, nesse momento do texto, se dá pela oposição ao paganismo dos saxões, reforçando ao leitor/ouvinte quem está do lado certo, justo e cristão e

---

<sup>77</sup> “quia Saxones, sicut omnes fere Germaniam incolentes nationes, et natura feroces et cultui daemonum dediti nostraeque religioni contrarii neque divina neque humana iura vel polluere vel transgredi inhonestum arbitrabantur”

<sup>78</sup> Para os usos narrativos da alteridade, ver Hartog (1999) e Ferrari (2019).

quem não está. De certo modo, a narrativa reafirma o caráter quase divino do rei, de defensor maior da fé.

Einhard não se priva de contar que as matanças eram comuns aos dois lados. Ele atribui isso ao fato de que as fronteiras eram planas, quase sem barreiras naturais, o que favorecia invasões de ambos os lados: “Assim não havia fim para os assassinatos, roubos e incêndios causados pelos dois lados”<sup>79</sup> (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho).

Contudo, as razões para tal comportamento eram justificáveis, como o autor declara logo a seguir: “Dessa forma, os francos tornaram-se tão amargurados que finalmente resolveram não fazer mais represálias e chegaram a uma guerra declarada contra os saxões<sup>80</sup>” (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho). Os francos estavam irritados [*irritati*], essa irritação chegou ao ponto de resolverem não mais apenas devolver as afrontas, mas declararem guerra. Há, nesse discurso, um elemento de justiça<sup>81</sup>, foram tantas as invasões sofridas que era necessária uma resposta mais contundente.

O autor prossegue em sua explicação sobre a necessidade da guerra contra os saxões, reforçando a ideia das animosidades entre os dois povos, mas deixando claro que as perdas eram maiores do lado inimigo: “Assim, a guerra começou e ela foi travada com uma grande fúria por trinta e três anos sucessivos, embora com mais desvantagem para os saxões que para os francos” (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)<sup>82</sup>.

Parece que mesmo Einhard ficou surpreso com a duração da guerra. Foram 33 anos de confrontos entre francos e saxões, e, embora longa, ele sublinha que a guerra foi pontuada por batalhas de grande ferocidade. Havia uma espécie de rancor que guiava os guerreiros. Todavia, também é importante perceber que o narrador deixa claro que as maiores perdas [*damno*] foram do lado inimigo. Esse discurso aponta para a superioridade dos francos, fosse por obra divina – uma vez que eles eram os guerreiros cristãos, desse modo apoiados pelo divino – ou por eles

<sup>79</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: «*in quibus caedes et rapinae et incendia vicissim fieri non cessabant*» (Einhard, 1905, p. 8).

<sup>80</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: «*Quibus adeo Franci sunt irritati, ut non iam vicissitudinem reddere, sed apertum contra eos bellum suscipere dignum iudicarent*» (Einhard, 1905, p. 8).

<sup>81</sup> Neste período, não existia ainda o conceito de guerra justa, que vai surgir durante o século XIII, calcada no pensamento de Tomás de Aquino. Contudo, este não era um pensamento original, mas uma leitura do pensamento de Agostinho, que escreveu sua obra no século V, portanto é plausível que houvesse uma ideia que se assemelhasse com o conceito de guerra justa presente no pensamento de Einhard. Para melhor compreender esse conceito, ver Costa e Santos (2010).

<sup>82</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: «*Susceptum est igitur adversus eos bellum, quod magna utrimque animositate, tamen maiore Saxonum quam Francorum damno, per continuos triginta tres annos gerebatur*» (Einhard, 1905, p. 8).

serem melhores de um modo geral, ficando à livre interpretação do leitor/ouvinte. É bastante provável, contudo, que as duas ideias norteassem o discurso de Einhard no momento da tecitura do discurso.<sup>83</sup>

Essa interpretação não seria sem propósito, uma vez que as duas ideias, tanto a de favorecimento divino, quanto a da superioridade franca diante de um povo pagão, fazem parte da construção do *ethos* presente no texto. Um povo superior, amparado pelo único Deus, só poderia ser guiado por um homem especial. Em um contexto no qual o rei já não é tão forte, nem um grande guerreiro, nem um grande governante, como era o caso de Luís, o Piedoso<sup>84</sup>, seria muito importante lembrar ao povo quem eles mesmos eram e como o reino franco foi superior aos seus vizinhos, guiados por Deus e pelo rei, naquele momento já falecido.

A narrativa einhardiana prossegue, e ele claramente lamenta a duração daquela guerra. Contudo, atribui tão longa duração aos vizinhos, que não cansavam de voltar atrás nos tratados e acordos, além de desdenhar da religião que ora lhes era imposta:

Poderia ter terminado antes [a guerra], não fosse a perfídia por parte dos saxões. É difícil dizer quantas vezes os reis foram vencidos e suplicaram diante do rei. Prometeram fazer o que lhes fora mandado. Receberam os enviados do rei, entregaram os reféns que lhes foram solicitados, às vezes estavam tão dominados e sem forças que prometiam abandonar o culto aos demônios e se submeter à religião cristã. (Einhard, 1905, p. 8, tradução livre)<sup>85</sup>

Como se pode notar na narrativa, o povo saxão era indômito. Embora, quando cansados militarmente enfraquecidos, se rendessem e aceitassem a imposição da religião cristã feita pelo rei franco, tão logo se fortaleciam e esqueciam os acordos, retomando sua antiga religião.

É provável que esta tenha sido a mais difícil guerra travada por Carlos Magno, uma vez que ele não apenas anexava um território, mas lidava com um povo que não aceitava a imposição do cristianismo. A resistência dos saxões acabava por fazer com que as batalhas não cessassem, avançando e retrocedendo nos tratados firmados para o fim da guerra. Isso fazia

---

<sup>83</sup> Inferência baseada na formação do autor, uma vez que ele era um erudito, formado em Fulda, um mosteiro no qual havia textos de vários autores gregos e latinos, somado ao contato com Alcuíno, também um erudito, que viajou e teve contato com mosteiros de várias partes do ocidente.

<sup>84</sup> Embora o reinado de Luís, o Piedoso, único herdeiro de Carlos Magno, não seja pertinente ao meu trabalho neste momento, cabe salientar que Einhard escreveu a *VKM* durante o reinado de Luís, em um momento político delicado. Isso torna importante a menção de que o sucessor carolíngio era considerado fraco diante da memória do pai. Para melhor entender os problemas enfrentados por Luís, ver Nelson e McKitterick (1995).

<sup>85</sup> “*Poterat siquidem citius finiri, si Saxonum hoc perfidia pateretur. Difficile dictu est, quoties superati ac supplices regi se dediderunt, imperata facturos polliciti sunt, obsides qui imperabantur absque dilatione dederunt, legatos qui mittebantur susceperunt, aliquoties ita domiti et emolliti, ut etiam cultum daemonum dimittere et Christianae religionise subdere velle promitterent*”.

com que o rei fosse tomado como bobo da corte, de certa forma. A conversão dos saxões nesta guerra foi considerada uma forma de conversão na ponta da espada, como explica Robert Flierman (2016), e não sem motivo, a força militar aplicada pelos francos foi a razão principal da conversão dos saxões no final do embate, não a compreensão dos ensinamentos da Igreja.

O que marca bastante este trecho da narrativa de Einhard é a obstinação dos saxões em não se entregarem ao culto cristão e não renunciar a sua identidade religiosa. Quando eram derrotados, realizavam batismos em massa, um inclusive na presença de Carlos Magno (Flierman, 2016). Quando se sentiam fortalecidos, abandonavam a nova religião e se voltavam às suas próprias crenças. As palavras utilizadas para definir os saxões são marcadores para os francos, os oponentes são definidos pela deslealdade [*perfidia*]. Eles não mantiveram a palavra de negar os demônios e se render ao cristianismo, embora um sem-número de vezes tenham aceitado o que lhes era imposto, uma vez mais voltavam atrás. Einhard faz uma narrativa que demonstra cansaço, exaustão diante de tanta obstinação.

Contudo, os francos tinham se irritado com as atitudes dos saxões. Então, a narrativa contrapõe a indignação dos carolíngios à deslealdade dos saxões. Enquanto os primeiros só foram à guerra por não suportarem mais as provocações e os ataques dos vizinhos pagãos, estes não jogavam dentro das regras que lhes eram impostas, arrastando a guerra por trinta e três anos ininterruptos, sendo provavelmente esse o motivo de o autor parecer cansado ao relatar. Mais uma vez, o *ethos* construído nessa narrativa é do bom, justo, cristão, contra o mal, o desleal e irascível e adorador de demônios; embora seja uma espécie de *ethos* coletivo, quero dizer, o *ethos* apresentado nesta parte introdutória da narrativa bélica é o dos francos, e ele é claramente contraposto aquele do outro, do povo que não apenas precisava ser vencido, como também cristianizado.

Apresentados os contenciosos e seus caracteres tendo sido definidos bastante didaticamente, os bons e os maus tendo sido apresentados à posteridade, o autor passa a descrever a atuação de seu magnífico rei. Essa é a parte da narrativa da guerra onde Einhard nos oferece um ideal de rei guerreiro: “Mas a magnanimidade do rei também era eterna [ou constante] tanto na adversidade, como nos momentos favoráveis, e não podia ser vencida pela inconstância de seus inimigos”<sup>86</sup> (Einhard, 1905, p. 8, tradução livre ).

Começando a exposição de como Carlos Magno lidou com tão longa guerra, o autor já abre sua explanação exaltando o espírito magnânimo [*magnanimitas*] do rei: o rei franco era inabalável, na visão de seu fiel cronista, que o descrevia como constante em animo [*constantia*].

---

<sup>86</sup> “*Sed magnanimitas regis ac perpetua tam in adversis quam in prosperis mentis constantia nulla eorum mutabilitate vel vinci poterat vel ab his quae agere coeperat defatigari.*”

Ou seja, esse magnífico líder jamais esmoreceu, mesmo após 33 anos de avanços e retrocessos diante dos Saxões.

Novamente, as palavras para qualificar tanto o rei quanto sua vontade, são excepcionalmente positivas. Não há sombra de repreensão, nem crítica. Apesar de ter sido uma campanha longuíssima, dispendiosa e cansativa, tudo o que o cronista diz sobre isso é que o rei era incansável, imperturbável diante da inconstância e falta de lealdade dos inimigos. Este é o líder ideal, não cansa, não esmorece, não desiste. Einhard trata de colocar o rei dos francos em um lugar inatingível em toda a narrativa, o rei que ele descreve nessa guerra é sobre-humano.

Os qualificativos do rei são magnanimidade e constância, os do inimigo são mutabilidade e perfídia. Posso perceber que o autor se utiliza da dualidade, que é quase maniqueísta. Embora não possa afirmar que tenha tido contato com escritos de Manes (c. 216-276 d.C), ele com certeza foi influenciado por Agostinho<sup>87</sup>, que, por sua vez, foi durante algum tempo admirador e seguidor do filósofo persa, de quem absorveu a ideia do maniqueísmo.

A imagem criada a partir deste discurso, deixa ver o rei ideal novamente. Ele é sempre pintado pelas palavras do autor, como um homem acima de qualquer crítica, mesmo nessa tão longa guerra, ele é magnânimo, sua constância vale ser eternizada. Não há repreensão que possa ser aplicada ao rei, porque ao que parece, ele não teme nada e não se assusta diante da inconstância dos seus adversários. A sequência da narrativa é ainda mais interessante:

De fato, jamais permitiu que ficassem impunes quando perpetravam tais ações [negar a fé], castigando sua perfídia, ou bem ele mesmo liderando o exército, ou enviando um de seus condes. Impondo a eles uma pena digna até que totalmente rendidos e abatidos, aqueles que poderiam resistir, trasladou dez mil homens de ambos os lados do Elba, com suas mulheres e filhos, e distribuiu os deportados pela Gália e pela Germânia em pequenos grupos.<sup>88</sup> (Einhard, 1905, p. 9, tradução livre)

O caráter do rei é fortalecido a cada parágrafo que Einhard acrescenta. Sua já louvada magnificência, neste trecho foi acrescida por um espírito de vingador da fé, a perfídia

---

<sup>87</sup> Conforme explica Huberto Rohden (1991), Agostinho teria tido contato com os escritos de Manes, ou Maniques, onde se deparou com esta explicação, na qual existem dois seres um de luz e outro de trevas, um bom e outro mau, que vivem em eterno conflito. Agostinho seguiu esses ensinamentos por algum tempo – 9 anos, segundo suas Confissões. Contudo, neste mesmo livro, ele se mostra bastante arrependido. De todo modo, o eterno embate entre o bem e o mal ficou marcado indelevelmente na cultura ocidental. Deus e o diabo, o bom e o mau, em conflito pela alma humana, em última análise, fazem parte do imaginário judaico-cristão.

<sup>88</sup> “*Nam numquam eos huiusmodi aliquid perpetrantes inpune ferre passus est, quin aut ipse per se ducto aut per comites suos misso exercitu perfidiam ulcisceretur et dignam ab eis poenam exigeret, usque dum, omnibus qui resistere solebant profligatis et in suam potestatem redactis, decem milia hominum ex his qui utrasque ripas Albis fluminis incolebant cum uxoribus et parvulis sublatis transtulit et huc atque illuc per Galliam et Germaniam multimoda divisione distribuit.*”

[*perfidiam*] dos saxões que voltavam às antigas práticas após ter aceitado a Jesus e sua salvação, era vingada [*ulcisceretur*] pelo rei, que, como bom defensor da fé, não podia aceitar tal engano.

Pode parecer quase teatral, mas o fato é que esta guerra, e principalmente sua narrativa, serve perfeitamente ao propósito de engrandecimento, e até de solidificação do *ethos* de Carlos Magno no imaginário de seus súditos, mesmo aqueles que do rei conheceram apenas o filho. É interessante, também, notar que aquele que no início da narrativa era narrado como um *ethos* de certa forma coletivo, o *ethos* dos francos, torna-se o *ethos* de Carlos Magno, como se o rei encampasse o caráter de todos os seus súditos: ele era o primeiro dos francos.

Interessa salientar, também, que o autor diz que para tal vingança ou castigo, o rei liderava o exército ele mesmo, ou enviava seus condes. Noto um caráter pessoal, ele mesmo toma essa vingança da fé em suas mãos, o rei sente-se ofendido pessoalmente. A fé é importante demais para que o batismo seja desprezado e vilipendiado. Não foi sem motivos que Carlos Magno editou a Capitular intitulada *De Partibus Saxoniae*, a qual, entre outras ordenanças, constava penas capitais para quem, por exemplo, negasse o batismo: “8. Se alguém da gente dos saxões permanecer sem ser batizado, escondendo-se, e continuar pagão desprezando o batismo, que seja punido com a morte.”<sup>89</sup> (Carlos Magno, 2014, p. 47, tradução livre)

O rei já há muito tinha tomado para si o gládio espiritual, ele se considerava defensor da Igreja, e, portanto, também um líder da instituição, tanto quanto o próprio bispo de Roma, talvez até mais, uma vez que o rei detinha uma força militar muito significativa, enquanto Roma precisava ser defendida por homens como Carlos Magno. Em tempos nos quais a disputa pelo poder passa necessariamente pela espada, muito mais do que pela política, ter um exército como o dos francos tem um peso muito grande na balança de poder. Porém, embora isso seja visível, o que foi colocado na *Vita Karoli*, não reclama poder sobre a Igreja, mas define um súdito dela. O que é apresentado pelo cronista é um cristão zeloso e cumpridor de sua missão de fé, defender a Igreja e os sacramentos<sup>90</sup> de Cristo.

Essa característica de bom cristão, atribuída ao rei, permeia todo o texto, mas aqui no contexto da guerra contra os saxões é onde aparece com mais força, até pela notória dificuldade desse povo em ceder ao cristianismo que era imposto. O rei jamais esmorece, é um exemplo de persistência:

---

<sup>89</sup> “8. *si quis deinceps in gente saxonorum unter eos latens non batpizatus se abscendere voluerit et ad batismum venire contempserit paganusque permanere voluerit, morte mariatur*”.

<sup>90</sup> Os sacramentos como conhecidos no presente foram firmados no Concílio de Trento, em 1545. Contudo, o batismo nas águas é considerado uma ordenança do próprio Jesus e talvez seja o mais sagrado rito cristão, juntamente com a Eucaristia.

Esta guerra, que se arrastou por tantos anos, terminou com a condição proposta pelo rei que foi aceita por eles, abjurar o culto aos demônios e abandonar a religião de seus país [ou pátria], adotar a fé cristã e os seus sacramentos, e formar um único povo com os francos.<sup>91</sup> (Einhard, 1905, p. 9, tradução livre)

Como o trecho acima demonstra, após os longos anos de guerra, finalmente os saxões capitularam diante dos francos. Carlos Magno impôs sua fé aos vencidos que, ao que parece, é a questão mais importante do conflito, catequisar os saxões. Assim, novamente a questão do bom cristão, do defensor da fé, é sublinhada. Era importante para o autor deixar claro que o rei impôs aos saxões o fim de seus cultos hereditários e a adoção da religião dos francos para que eles coexistissem. É importante também notar que há uma política de assimilação, os saxões deveriam formar um único povo com os francos, de modo que a cultura prevalecente fosse a dos segundos, e como os primeiros perderam a guerra, não podendo impor condições, submeteram-se a um tipo de assimilação.

Essa união dos povos garantiria certa subserviência dos saxões e daria a ideia de que sua cultura ancestral pudesse desaparecer por assimilação e fusão, o que não é exatamente verdade<sup>92</sup>. Tendo em conta, porém, que o único traço cultural que realmente importava ao rei e aos seus nobres e bispos era o religioso, todos os esforços eram focados na catequização e conversão daquele povo pagão. Isso evidencia em muito o caráter do rei como cristão e defensor da Igreja. No centro da rendição saxã não estavam questões como tributos, nem juramento de lealdade ao rei nem ao seu reino, mas a negação do culto aos demônios [*abiecto daemonum cultu*] e o abandono da cultura ancestral [*relictis patriis caerimoniis*].

Isso demonstra a importância que Einhard dava à faceta religiosa do rei, seu *ethos* de cristão era tão ou mais importante que o de guerreiro. Posso afirmar que um complementava o outro: se, como guerreiro, Carlos Magno era, nesta narrativa, imbatível, como cristão era insuperável. Tanto que tomou para si, inclusive, o dever de impor o dízimo aos conquistados, conforme Favier (2004), fazendo com que o próprio Alcuíno chegasse a pedir a Carlos Magno,

---

<sup>91</sup> “*Eaque conditione a rege proposita et ab illis suscepta tractum per tot annos bellum constat esse finitum, ut, abiecto daemonum cultu et relictis patriis caerimoniis, Christianae fidei atque religionis sacramenta suscipere et Francis adunati unus cum eis populus efficerentur.*”

<sup>92</sup> A ideia de aculturação, na qual um povo “perde” sua cultura ao ter contato com outro, não encontra abrigo neste trabalho. Antes, penso a cultura como algo vivo e em constante movimento. Conforme afirma Laraia (2001) “existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro”. De modo que os Saxões não foram culturalmente desestruturados pelos francos, mas o contato e a invasão franca mudou a dinâmica interna da cultura saxã, trazendo transformações. Contudo, sendo esta uma via de mão dupla, com certeza os saxões também legaram aos francos traços de sua cultura.

em correspondências, que não impusesse o dízimo aos saxões, visto que aquele povo, recém-convertido, não conseguiu entender esse dever dos cristãos.

Carlos Magno foi, provavelmente, o último rei a tomar os dois gládios para si. Ele dominava tanto o poder temporal quanto o espiritual, e isso fica patente nas capitulares e nas ações que tomou com os saxões. Todo esse poder, o autor da *VKM* justifica ao longo do texto, demonstra como não havia ninguém mais capacitado para ser o defensor da Igreja, nem melhor cristão na cristandade.

É interessante que, neste trecho da narrativa, as figuras de linguagem são bem menos aparentes. Embora o uso de alguns superlativos permaneça, como a magnanimidade do rei, somados a contraposições de qualificativos, como a perfídia dos inimigos com a justiça manifesta por imposição de penas dignas aos subjugados. É de grande sutileza a forma como Einhard dirige seu discurso para desenhar os contenciosos. Parece que o desejo do autor é suscitar sentimentos simples, mas poderosos em seu leitor/ouvinte: sentimentos de pavor – diante de tamanha perfídia – e de empatia. Os cristãos que estão lendo/ouvindo o relato compreendem, dentro de um sistema de crenças e símbolos compartilhados por toda a cristandade, a importância do comportamento do falecido rei. Nenhum cristão aceitaria o vilipêndio ao batismo, ou qualquer outro sacramento, de modo que, as atitudes de Carlos Magno, ao levar a guerra até o fim, sem ceder em nada, mesmo que por tanto tempo, são totalmente aceitas e provavelmente louvadas, o que permite ver, novamente, o uso de entimema.

O auditório/leitor concorda com a premissa oculta de que os sacramentos são de fato sagrados, não podendo ser desrespeitados, então a dureza e a obstinação do rei diante disso é totalmente justificada. O entimema funciona neste caso porque todos os leitores/ouvintes compartilham o mesmo código de crenças e ritos, fazendo com que aquela guerra tivesse motivos compartilhados pela cristandade, pelo menos motivos que Einhard faz parecer os únicos presentes na longa refrega.

Apesar de já haver contado como o conflito terminou, com a rendição dos saxões e a imposição da vontade de Carlos Magno aos derrotados, o autor não termina a narrativa do embate. Isso provavelmente denota a importância que a dita guerra teve para os francos e principalmente para o governo daquele rei. Quando parece que ele fechará a narrativa, Einhard retoma aspectos que julgou importantes, que talvez precisassem ser mais bem explicados ou reforçados:

O próprio Carlos lutou apenas duas batalhas nessa guerra, mas que foram bem longas: uma no Monte Osning, em um lugar chamado Detmold, e outra às

margens do rio Hase, as duas num espaço de pouco mais de um mês. O inimigo foi tão derrotado e aniquilado nessas duas batalhas que nunca mais se aventurou a assumir uma resistência aos ataques do rei, a menos que estivesse protegido por uma posição forte.<sup>93</sup> (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)

Anteriormente, o autor havia afirmado que o próprio rei conduzia os exércitos, quando os saxões se comportavam perversamente. Agora, afirma que apenas duas vezes conduziu o exército pessoalmente. Embora não fique claro se foi intencional, uma espécie de retratação, corrigindo a narrativa, ou se apenas especificou o que acreditava ser mais importante na construção de seu objeto, o que realmente importa neste excerto, para o presente trabalho, é o fato de que foram apenas duas batalhas, mas foram batalhas longas [*multum temporis spatium traheretur*], batalhas que tiveram um resultado favorável à ideia de rei guerreiro que o autor constrói. Possivelmente, este é o motivo de o relato não ser negligenciado: Carlos Magno não apenas venceu as escaramuças das quais participou, como imputou tal temor aos inimigos que estes nunca mais ousaram resistir aos ataques do rei [*ut ulterius regem neque provocare neque venienti resistere*].

A imagem do guerreiro, o caráter do rei neste sentido, fica claramente exposto no trecho acima. Os inimigos temiam sua presença, ele era imbatível. Ninguém ousava contra ele, o rei chega perto da perfeição, e, novamente, nenhuma falha pode ser lida nem no texto, nem nas entrelinhas. Não há sombra de reprovação por parte do autor, o que depõe sobre o próprio Einhard: ele de fato era um grande admirador de Carlos Magno, e, possivelmente, estava entre os que criam na infalibilidade do rei. Isso demonstra a fidelidade do autor, sua crença em seu objeto e seu esforço para demonstrar o caráter do rei, construído para seu público/ouvinte conhecer aquilo que acreditava ser a melhor face de Carlos Magno.

É importante lembrar que não existia, neste período, o que veio a ser conhecido como ideal de cavalaria. Ainda não existia um *ethos* cavaleiresco, como foi definido mais tarde, após o século XII. Vamos encontrar em Ramon Llull<sup>94</sup> as diretrizes que guiam o *ethos* do cavaleiro, e sua obrigação em servir a Deus e à Igreja, “O ofício do cavaleiro é manter e defender a santa

<sup>93</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Hoc bello, licet per multum temporis spatium traheretur, ipse non amplius cum hoste quam bis acie confligit, semel iuxta montem qui Osneggi dicitur in loco Theotmelli nominato et iterum apud Hasa fluvium, et hoc uno mense, paucis quoque interpositis diebus. His duobus proeliis hostes adeo profligati ac devicti sunt, ut ulterius regem neque provocare neque venienti resistere, nisi aliqua loci munitione defensi, auderent*” (Einhard, 1905, p. 9).

<sup>94</sup> Ramon Llull escreveu o livro em 1275, onde descreve os deveres dos cavaleiros

fé católica, pela qual Deus Pai enviou ao seu Filho a tornar-se carne na gloriosa Virgem, Nossa Senhora Santa Maria [...]”<sup>95</sup> (Llull, 2017, Pos. 15/61, tradução livre).

Llull associa o cavaleiro aos clérigos, dando a eles missões igualmente sacras. Assim como também determina as funções do cavaleiro na sociedade: “[...] Assim, justiça, sabedoria, caridade, lealdade, verdade, humildade, fortaleza, esperança, experiência e demais virtudes semelhantes a estas são próprias do cavaleiro, no que concerne à alma”<sup>96</sup> (Llull, 2017, Pos. 19/61, tradução livre).

Esse ideal de cavalaria foi bastante difundido na Idade Média. Contudo, como já mencionado, ele surge mais de três séculos após Carlos Magno. Então, o *ethos* que Einhard vem demonstrando como pertencente ao seu personagem principal, é provavelmente muito mais uma mistura do que era considerado um bom cristão e um bom guerreiro naquela sociedade, ainda muito influenciada pelos romanos, mas também com fortes marcas das tradições dos povos germânicos<sup>97</sup>.

Ao encerrar a narrativa desta longa guerra, o que mais importa ao autor, muito além da guerra em si, é demonstrar a majestade real. É neste trecho, com altos louvores, que o escritor demonstra a plenitude do *ethos* do biografado, um *ethos* excelente:

Tantas e tão dolorosas foram as guerras declaradas contra os francos nesse meio-tempo, que foram tão habilmente conduzidas pelo rei, que com razão se poderia duvidar no que o rei deveria ser mais admirado, se em sua capacidade para suportar o trabalho, ou sua boa sorte. A guerra contra os saxões começou dois anos antes que a guerra italiana, mas prosseguiu sem interrupção; em outros lugares, as negociações não foram negligenciadas, tampouco houve diminuição de outras batalhas, igualmente árduas<sup>98</sup>. (Einhard, 1905, p. 9, tradução livre)

Cabe salientar que as guerras foram declaradas contra os francos [*bella contra Francos*], de modo que não eram os francos (segundo a narrativa de Einhard), e conseqüentemente seu rei, quem buscava a guerra. Eram os outros, os de fora, aqueles que não pertenciam ao reino, quem declarava a guerra, quem procurava inimizades com os francos. No

---

<sup>95</sup> “El oficio de caballero es mantener y defender la santa fe católica, por la cual Dios Padre envió a su Hijo a tomar carne en la gloriosa Virgen, Nuestra Señora Santa María [...]”

<sup>96</sup> “[...] así justicia, sabiduría, caridad, lealtad, verdad, humildad, fortaleza, esperanza, experiencia y demás virtudes semejantes a éstas son propias del caballero en cuanto al alma.”

<sup>97</sup> Sendo os francos um povo de origem germânica, que se estabeleceu na região do Reno, manteve por muitos séculos suas tradições, como a eleição do rei, por exemplo.

<sup>98</sup> “cum interim tot ac tanta in diversis terrarum partibus bella contra Francos et exorta sint et sollertia regis administrata, ut merito intuentibus in dubium venire possit, utrum in eo aut laborum patientiam aut felicitatem potius mirari conveniat. Nam biennio ante Italicum hoc bellum sumpsit exordium, et cum sine intermissione gereretur, nihil tamen ex his quae aliubi erant gerenda dimissum aut ulla in parte ab aequo operoso certamine cessatum est.”

que diz respeito aos Saxões, isso até pode ser verdade, contudo, os francos, principalmente sob Carlos Magno, eram expansionistas, assim foi com a Lombardia e com a Baviera, por exemplo.

O que fica patente nessas primeiras frases não é tanto a pretensa inocência franca diante dos inimigos, mas a questão que o autor coloca sobre o que mais chama atenção na história das guerras travadas pelos francos, se o rei deveria ser mais admirado por sua capacidade de suportar o trabalho [*laborum patientiam*], ou seja, suportar todas as afrontas, todas as batalhas, ou sua boa sorte [*felicitatem*]. Neste trecho, o louvor ao rei credita a ele uma grande paciência, uma capacidade admirável para suportar as provações pertinentes ao trono. Assim, o trono é um fardo, um trabalho penoso, para o qual apenas um homem singular está preparado. De acordo com a narrativa, Carlos Magno é o homem capaz de carregar esse fardo com paciência, com inteligência e com a coragem que é indispensável à tarefa de reinar.

A presença de palavras como paciência [*patientiam*] e felicidade [*felicitatem*] que foram traduzidas como “suportar” e “boa sorte”, tendo em vista o contexto, são sintomáticas. Elas demonstram a intenção de Einhard formatar um caráter para seu personagem, que era não apenas moldado pela sua capacidade superior, mas também por um favorecimento divino. Se, para os antigos, a Fortuna era uma deusa que favorecia os homens em seus destinos, na era cristã, a boa sorte, ou a felicidade, são característica daqueles que são favorecidos por Deus, conforme Santo Agostinho coloca em seu livro Diálogos sobre a Felicidade, “(...) pois discutimos entre nós sobre a felicidade e não vejo que mais mereça ser considerado um dom de Deus” (Agostinho, 2014, Pos. 16/73). Na visão agostiniana, a felicidade é um dom, um presente de Deus, e ainda: “Deste modo, quem é feliz possui a sua medida, isto é, a sabedoria” (Agostinho, 2014, Pos. 45/73). O que me leva a afirmar que, com estas palavras, a ideia que o autor procura suscitar em seu público leitor/ouvinte é a do homem favorecido por Deus, sábio, e por isso melhor que os demais.

A sabedoria e a boa sorte do rei são ainda descritas na sequência do parágrafo, o cronista declara que a guerra saxã começou dois anos antes da Italiana, contudo o rei não deixou de cumprir com suas obrigações em nenhuma outra batalha por causa desta longa guerra saxã. Este é o caráter de Carlos Magno, na visão de seu amigo Einhard: infalível e incansável, inteligente, favorecido por Deus, sábio além dos reis do seu tempo.

Isso também fica evidenciado pelo final do parágrafo, quando o autor destaca que as outras guerras eram igualmente árduas [*operoso*], o que leva o leitor/ouvinte a pensar em guerras difíceis, sendo administradas e lutadas com o mesmo vigor, com a mesma força e empenho que a guerra narrada. O que Einhard demonstra neste trecho do discurso é, novamente,

a ideia de Carlos Magno como um homem incansável e que não negligencia nenhuma das suas obrigações.

Por fim, posso compreender que o caráter do guerreiro Carlos Magno, construído por Einhard enquanto narrava as batalhas travadas pelo rei, ao longo do seu reinado, aqui analisado nas três primeiras guerras apresentadas pelo autor, mas que se repetem nas guerras narradas depois destas, enfatizam sobretudo, para além do grande guerreiro, o homem inteligente, temente a Deus e favorecido por Ele.

O viés do temor, do cristão zeloso, é de suma importância para a narrativa, como já analisado anteriormente: ele permeia todo o texto e é particularmente sublinhado nas narrativas bélicas. Carlos Magno luta não apenas pelo seu reinado, mas pela cristandade. Ele figura, de certa forma, um eleito de Deus para proteger a Igreja e a cristandade, uma vez que Roma ainda não tinha naquele momento o poder que alcançou nos séculos seguintes, Carlos Magno era o grande defensor da fé. Reforçam o discurso einhardiano, e seu esforço na solidificação de um *ethos* dissimilar, inatingível para seu biografado, as palavras utilizadas para descrever seu rei defunto: eficiência [*efficere*], perseverança [*perseverantia*], magnânimo [*magnanimitas*]. São vocábulos exemplares da ideia de caráter que perpassa o texto e forma, no imaginário da posteridade, o vulto de Carlos Magno. São superlativos, ou qualificativos, que demonstram as boas qualidades que os francos deveriam esperar de seus líderes. Ao ler/ouvir essa *Vita*, era de se esperar que se orgulhassem do seu passado de glórias, na pessoa do imperador Carlos Magno.

Nesta mesma esteira, manifesta-se o caráter de Einhard, embora tenha se mantido como um narrador quase anônimo. Durante esta longa exposição da guerra saxã, é possível notar as marcas de seu caráter impresso na narrativa. Ele não utiliza de figuras de linguagem, nem qualificativos para se inserir no texto. Muito pelo contrário, o autor desejava, ao que parece, passar despercebido pelo leitor/ouvinte.

Entretanto, perpassa o texto a presença do que Aristóteles considerava os constituintes do *ethos*, prudência [*phrónesis*], virtude [*areté*] e benevolência [*eúnoia*] (Galinari, 2012), também características atribuídas ao rei durante a narrativa. Desde o início da obra, o autor lembra que, prudentemente, investigou os fatos que escreveria. As palavras escolhidas minuciosamente demonstram tanto a prudência quanto a benevolência e a virtude. A forma como contornou assuntos menos agradáveis à memória do rei, sendo fiel ao trono franco, é a marca de sua escrita.

Nas narrativas bélicas, não foi diferente. Einhard mantém o texto com sua presença pouco perceptível – a não ser quando não pode se furtar de se fazer presente. Se não

considerarmos sua prudência, virtude e benevolência, parece haver um esforço do autor em se apagar da obra, ou, no mínimo, de tentar deixar o foco apenas sobre seu biografado.

É, contudo, no final da narrativa da guerra lombarda um dos momentos em que o escritor se deixa ser visto. Sua presença, seu *ethos* está exposto quase que de forma imperceptível em alguns trechos, nos quais achou conveniente reforçar as qualidades do rei e os motivos de tão longa guerra como a saxônica. O que é melhor para isso do que o retor deixar que sua reputação, que o precedia, fosse fiadora de suas palavras, colocando-se de forma contundente no discurso? Conforme afirma Fosmire (2015, p. 222, tradução livre): “Por isso, na retórica epidítica, a importância de causar uma boa impressão no público, também é relevante na tentativa de persuadir.”<sup>99</sup> Em outras palavras, a reputação do orador, representada em sua presença física quando profere o discurso, ou apenas figurada uma vez que apenas suas ideias e sua assinatura moral estão presentes para a posteridade, possuem de fato suma importância para que o *pathos* seja manifesto no leitor/ouvinte.

Assim, seguindo este raciocínio, Einhard deixou-se ver brevemente no texto, em algumas passagens, para que o leitor/ouvinte tivesse o apoio de seu caráter como provedor da noção de verdade dos fatos narrados, como se pode ver no trecho a seguir retomado da seção sobre a guerra lombarda:

A essa altura, eu deveria descrever a difícil passagem de Carlos para a Itália sobre os Alpes e a opressão que os francos suportaram, escalando cumes de montanhas sem trilhas, altíssimos penhascos e ásperos picos, se não fosse meu propósito nesse trabalho recordar seu modo de vida em detrimento dos incidentes da guerra que manteve. Satisfaz dizer que essa guerra terminou com a sujeição da Itália e o banimento do rei Desidério, além da expulsão de seu filho Adalgiso da Itália e a restauração das conquistas dos reis lombardos a Adriano, mentor da Igreja romana.<sup>100</sup> (Einhard, s. d., tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho)

Neste excerto, o autor reclama a responsabilidade sobre a narrativa e explica sua necessidade de escolha: ele diz que poderia descrever a difícil passagem pelos Alpes, e como os francos foram oprimidos, contudo, escolhe não contar esses infortúnios. Esse foi um recurso retórico, o autor traz o assunto à luz, embora não aprofunde o tema. Não penso que chegue a

<sup>99</sup> “Thus, in epideictic rhetoric, the importance of creating a good impression on the audience also takes on great importance when attempting to persuade.”

<sup>100</sup> Texto original na edição usada no presente trabalho: “*Italiam intranti quam difficilis Alpium transitus fuerit, quantoque Francorum labore in via montium iuga teminentes in caelum scopuli atque asperae cautes superatae sint, hoc loco describerem, nisi vitae illius modum potius quam bellorum, quae gessit, eventus memoriae mandare praesenti opere animo esset propositum. Finis tamen huius belli fuit subacta Italia et rex Desiderius perpetuo exilio deportatus et filius eius Adalgisus Italia pulsus et res a Langobardorum regibus ereptae Hadriano Romanae ecclesiae rectori restituta*” (Einhard, 1905, p. 7).

ser um caso de preterição, quando se diz que não vai falar sobre algo, para então discorrer sobre o fato. O discurso, contudo, é de autoridade: o autor demonstra seu controle sobre a narrativa, sua capacidade de dar ao leitor/ouvinte, a versão mais importante dos fatos, não ocupando o tempo com narrativas que não servem ao seu propósito. Há um apelo ao emocional, é como se ele dissesse que o rei poderia ter morrido nesta passagem dos alpes, mas isso não é importante, o que importa é como ele viveu. A benevolência de Einhard está presente, ele concede aos seus públicos conhecer a verdade, mas não lhes dá os piores detalhes. Ele pede ao auditório que, em um acordo tácito, aceite sua palavra e sua autoridade de testemunha ocular como fiadoras da verdade sobre o que aconteceu naquela travessia, e sublinha que não escreve para falar sobre as desventuras que Carlos Magno possa ter enfrentado, mas para contar sua vida, que, em última análise, é uma vida vitoriosa.

As escolhas do autor demonstram seu comprometimento com o rei, e, principalmente, com a memória de Carlos Magno. Ele não tem a mesma disposição que apresentava Suetônio, que em sua retórica criticava César, ou a motivação de Cícero, que havia recebido o perdão do mesmo Júlio César e por isso o louvava. Não há um olhar crítico, nem cínico em Einhard, ele vê seu imperador sob a melhor ótica possível, ao menos nessa obra. Há, no texto, uma ideia de profunda admiração pelo objeto. Seus erros são desculpados, suas falhas maquiadas, suas vitórias são memoráveis, sua inteligência sobrepuja todos os outros. Enfim, se a obra foi encomendada pelo sucessor de Carlos Magno com finalidades políticas ou não, não se tem comprovação, mas, como adverte Airola, há uma ideologia que norteia a escrita:

Se podría decir que el autor de la primera biografía laica de la latinidad medieval nos describe al hombre real, histórico, pero también las reiteradas alabanzas que hace del emperador y la descripción emotiva del mismo denotan lo subjetivo de su retrato. Se advierte así que la elaboración de su obra, lejos de ser un proceso ingenuo, se construyó en base a determinadas coordenadas ideológicas. (Airola, 2017, p. 5)

É nesse processo, que Airola define como não-ingênuo, ou melhor, bem dirigido, que reside o que entendo como o caráter do autor desta *Vita*. Uma vez que Einhard viveu na corte e conheceu pessoalmente o rei, é patente a fidelidade que demonstra ao soberano, a falta de qualquer traço de ironia em sua escrita, mesmo a ausência de críticas, inclusive quando Carlos Magno cometeu erros que eram de conhecimento de todos na corte. A forma como o autor procura enaltecer a figura de Carlos Magno, ao ponto de tornar sua imagem maior do que o próprio rei poderia ter sido, evoca as ideias de virtude, benevolência e prudência tão caras à

formação do *ethos* aristotélico. A imagem de si mesmo que o autor passa para o público/ouvinte é a de um homem fiel e grato, testemunha ocular e digna.

### 3.2 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM SUETÔNIO E CÍCERO

Na intenção de verificar as aproximações e os distanciamentos entre os *ethos* que Cícero e Suetônio, respectivamente, imprimem em seu objeto com o *ethos* que Einhard nos coloca como o de Carlos Magno, retomo alguns aspectos do *ethos* apresentados pelos autores e já debatidos anteriormente. Pretendo traçar os argumentos e recursos que os autores usaram na formatação de seus personagens, para isso passo a uma breve análise sobre as palavras e figuras utilizadas pelos autores clássicos que podem ou não ter sido inspiração para que o autor medieval conformasse seu próprio texto.

Cícero, cujo texto selecionado para fins de análise é o discurso *Pro Marcello*, utilizou sua conhecida eloquência para louvar um César que se distingue daquele que Suetônio apresentou na *Vita* dedicada ao mesmo personagem. O autor do louvor encontrado em *Pro Marcello* é efusivo, demonstra toda a magnificência, real ou não, de Júlio César, utiliza-se de hipérboles e amplificações para caracterizar o César apresentado, não só para sua audiência no senado, naquele momento, como para a posteridade.

Então, partindo deste ponto, da ideia de que o discurso de uma certa forma eterniza, imortaliza seu objeto, é de importância primária ao autor a escolha das palavras para descrever esse homem. Cícero inicia falando sobre os predicados do ditador: brandura, clemência inédita e inaudita, comedimento em meio ao poder sobre todas as coisas – ou seja, ele é um homem assemelhado aos deuses – sabedoria tão incrível quase divina – reforçando a deificação de César. Esses são os traços do caráter de César enfatizados no primeiro momento, quando o autor se dispõe a começar seu discurso.

Esse homem que o autor descreve, essa imagem que impinge em seu público, não é exatamente a mesma que Suetônio traz quando descreve César em seu trabalho<sup>101</sup>. Aparentemente, levado pela emoção do perdão recebido, o César de Cícero é cheio de qualidades, inteligência, boa sorte. É um guerreiro inigualável, tanto que as vitórias narradas

---

<sup>101</sup> É certo que há um distanciamento no tempo, uma vez que Cícero foi contemporâneo do ditador, enquanto Suetônio só o conheceu pelos livros, e um distanciamento dos motivos que levaram cada um a escrever suas obras. Contudo, isso não invalida a análise conjunta dos *ethos* presentes em ambos os textos, posto que minha intenção é perceber qual dos modelos retóricos se aproxima mais do utilizado por Einhard.

devem-se quase exclusivamente a ele mesmo e quase nada aos seus exércitos. O *ethos* de César composto por Cícero é praticamente divino.

Segundo Shinohara (2015), em sua tradução da vida de César, as palavras *tamtan* e *tam*, marcam a intensificação das boas características do ditador, e tendo em vista estes recursos da retórica ciceroniana e os demais presentes na obra<sup>102</sup>, posso afirmar que todo o discurso é marcado pela intensificação dessas boas características. Como já abordado, o *ethos* de Cícero é marcado como o de um homem agradecido, sua forma de convencer seu público/ouvinte, é sua imagem de homem arrependido, um sábio que soube reconhecer seu erro e agora sabe ser agradecido ao homem que salvou sua vida e a de seu amigo. Neste louvor ao ditador, o que mais sobressai é a construção de um homem–deus, magnânimo para perdoar seus desafetos, coisa pouco comum em Roma.

Assim, marcam essa construção de Cícero as palavras boas, ou seja, que distinguem aspectos considerados pelos possíveis ouvintes/leitores, como bons: a brandura [*mansuetudo*], já citada anteriormente, pouco tem a ver com o César descrito por Suetônio, que, por exemplo, após ter sido sequestrado por piratas, e ter sido bem tratado por eles, os perseguiu e torturou. Pode-se perceber que a suposta brandura teria maior ligação com aquele momento político romano, no qual Júlio preparava-se para tomar o poder inteiramente para si, do que propriamente com algum tipo de misericórdia extrema, na qual Cícero tensiona levar sua plateia a acreditar fazer parte do *ethos* do ditador.

Do mesmo modo, a proclamada clemência [*clementiam*] inédita [*inuitatam*] e inaudita [*inauditamque*], só faz sentido para Cícero, porque ele e o amigo *Marcello* foram alvo deste ato, como ele mesmo diz, nunca ouvido antes. O argumento do autor é firmado sobre seu testemunho, como alvo desta *clementia* ele atesta que ela é parte do bom caráter do ditador. E o argumento tem uma boa base, no sentido de que na justiça da república romana, aos inimigos, principalmente conspiradores, o desterro era o destino mais comum.<sup>103</sup>

Os elogios que prosseguem não são menos enfáticos: César pensa antes no bem da república do que em seu próprio orgulho ferido, o ditador tem feitos tão grandiosos que ninguém conseguiria descrevê-los, é um guerreiro invencível, tem moderação com o vencido,

<sup>102</sup> A obra é marcada pelo uso de anáforas, hipérbolos e amplificações. Nem todas ligadas à figura de Júlio César, mas em boa proporção, referem a ele.

<sup>103</sup> Conforme a lei romana das XII tábuas, talvez a pena capital fosse mais adequada. Contudo essa pena caiu em desuso durante a República, sendo utilizada, mesmo assim, contra os presos da conspiração de Catilina e contra o próprio Cícero, quando do segundo triunvirato e no período de Otaviano. Para melhor entender a legislação romana, ver Alves (1991), Porchat (1907) e Meira (1996).

assemelhado a um deus, tem sabedoria, discernimento e postura, que são apregoados e repetidos.

Como este é um discurso de louvor e gratidão, o Cesar que nos é apresentado é um homem que se destaca entre seus pares, o *ethos* a ele atribuído faz do ditador um quase deus, não há sombra de intenções políticas atribuídas a Caio César neste discurso. O autor não leva em consideração qualquer manobra que Júlio possa estar fazendo para se proteger no futuro. Aparentemente, há quase uma aura de ingenuidade quando Cícero descreve esse homem tão superior aos seus congêneres.

Para Suetônio, conforme analisado anteriormente, as palavras usadas para descrever o objeto de sua *Vita Caesarum* não seguem as mesmas linhas que as utilizadas por Cícero. O livro do autor, dedicado ao Divino Júlio lembra mais uma biografia, de fato, do que um louvor. Ele narra os fatos da vida de César sem utilizar superlativos, hipérboles, hipérbatos ou outras figuras que tenham por finalidade marcar ou exaltar alguma característica específica do *ethos* do ditador romano. Os possíveis elogios ou exaltações a qualquer característica específica do biografado ficam no âmbito do subjetivo. César é mostrado como um homem inteligente e ambicioso, cioso de seus deveres, astuto, mas também dado a deslises.

Mesmo quando diviniza César, Suetônio não o faz com suas próprias palavras, mas dando voz ao seu objeto lembrando o discurso fúnebre que o ditador proferiu em favor de sua tia Júlia, que descenderia dos deuses imortais, segundo ele mesmo [*amitae meae Iuliae maternum genus ab regibus ortum, paternum cum diis immortalibus coniunctum est*]. Se há uma ascendência divina, é o próprio objeto quem diz. Contudo, é certo que, se não houvesse em Suetônio o desejo de ressaltar essa qualidade de César, o autor poderia ter omitido o discurso em si e apenas elencado como um ato, sem trazer seu conteúdo.

Todo o texto suetoniano é perpassado pelas qualidades e defeitos de Júlio César, os superlativos são poucos, quando diz que César derrotou adversários mais poderosos que ele [*atque ita potentissimos duos competidores multumque et aetate et dignitate antecedentes*], embora o *potentissimos* qualifique os adversários, ele serve para demonstrar a superioridade do ditador.

Sendo essa a forma escolhida pelo autor para demonstrar quem era César, visto através de seu discurso. Um homem destacado dos demais, sem igual entre seus pares. Mesmo quando existe uma ironia ou desdém, não é o orador quem a utiliza, mas seu objeto, para defender a si mesmo: “como alguém tivesse a insolência de lhe dizer que isso não se tornaria fácil para uma

mulher, respondeu, gracejando, que Semíramis, contudo, reinara na Assíria e que as amazonas haviam conquistado outrora grande parte da Ásia”<sup>104</sup> (Suetônio, 2012).

Entendo, assim, que o autor não tinha a intenção de utilizar-se de grandes ornamentos retóricos para apresentar seu biografado, indo ao encontro do que Brandão (2009) diz sobre o estilo de Suetônio, que não concordava com a afetação de Salústio, e outros oradores, sendo ele mesmo adepto de um estilo mais comedido.

Desta forma, o Júlio Cesar que Caio Suetônio apresenta não vem recomendado por grandes elogios nem ornamentos retóricos. O texto parece ter sido elaborado para demonstrar os fatos, os acontecimentos do período em que César foi protagonista em Roma. O biógrafo tinha a intenção, ao que parece, de demonstrar o ditador como era, sem amplificações. Buscando dar voz a seu objeto, deixou que falasse por si e tornou, desta forma, seu biografado mais próximo de seu público.

O Divino Júlio de Suetônio foi concebido para ser admirado, tanto na vida quanto na morte, já que, mesmo assassinado, sua memória permaneceu fortemente ancorada em Roma, e seus assassinos foram punidos, se não pelos homens, pelos deuses. Isso demonstra a visão que o autor tinha sobre a grandeza do personagem, sem a necessidade de figuras para aumentar suas qualidades, nem contornar suas fraquezas.

Neste arcabouço, e de acordo com a leitura que fiz da obra *Vita Karoli*, posso afirmar que ela pode ser localizada no entrecruzamento destas duas escolhas retóricas: Cícero e Suetônio. Ao mesmo tempo que Einhard utiliza a estrutura inclusive a forma suetoniana, para apresentar sua obra, com a enumeração de conquistas, a vida pessoal do biografado, a cronologia de sua vida, certo rigor histórico e até uma pretensa fidelidade aos acontecimentos, parece que é ao estilo rebuscado de Cícero que ele recorre ao demonstrar o *ethos* de seu personagem. As figuras de amplificação, os adjetivos, são muito semelhantes àqueles da retórica ciceroniana.

Ou seja, se Einhard começa seu texto contando as desventuras dos merovíngios, e porque perderam o poder, para então avançar dizendo que não podia falar da infância de Carlos Magno por não ter fontes para tanto, Cícero, por sua vez, não narra uma trajetória, mas cita fatos que demonstram a grandiosidade de César. Suetônio, por sua vez, principia sua obra lembrando que Júlio César era praticamente imberbe quando da morte de seu pai, contando apenas 16 anos quando obteve sua maioridade. Em ambos os casos, para Einhard e Suetônio, a

---

<sup>104</sup> “*proinde ex eo insultaturum omnium capitibus ac negante quodam per contumeliam facile hoc ulli feminae fore, responderit quasi adludens: in Syria quoque regnasse Sameramín magnamque Asiae partem Amazonas tenuisse quondam.*” (Suetônio, 1918, s/n)

infância do personagem é desconhecida ou desimportante, enquanto para Cícero o mais importante são os atos de César enquanto político e comandante militar.

No que tange às narrativas biográficas, o que importa são os atos e as experiências dos biografados, que os levaram até o ápice da glória e culminaram em suas mortes, não menos importantes. Já no que tange ao discurso em louvor a César, proferido por Cícero, percebe-se que o mais importante são realmente os enfeites, as figuras que enaltecem a personagem, não havendo preocupação com a cronologia dos eventos nem em contar fatos da vida do ditador. Antes, é importante demonstrar que, através dos seus grandes feitos e de suas ações políticas, transparece seu caráter superior. Este é o ponto de inflexão entre as obras de Cícero e Einhard: o caráter demonstrado através de louvores e amplificações, vitórias em guerras e atitudes exemplares.

Posso inferir, após as análises acima, que Einhard utilizou ambas as obras em sua composição da *Vita Karoli*. Há aspectos tanto ciceroneanos quanto suetonianos em sua escrita. Se de Suetônio ele tomou a estrutura do texto e a cronologia como algo relevante, de Cícero tomou como exemplares as figuras de amplificação e a forma afetada – como diria Suetônio – de demonstrar o caráter de seu biografado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a amplitude do tema, procurei fazer um levantamento o menos superficial possível dos aspectos culturais e políticos que permitiram que a obra em tela fosse escrita. Desse modo, tem um peso muito grande a questão do gosto de Carlos Magno pelas artes liberais, seu incentivo aos estudos e até seu mecenato, que antecedeu em séculos esse costume do início da modernidade.

Foi esta inclinação à erudição, se não própria, de seus intelectuais, que levou Carlos Magno a patrocinar o que para muitos foi um renascimento, embora bem mais modestos do que aquele acontecido no limite dos séculos XIV a XVI. Contudo, como se percebe no primeiro capítulo, o termo “renascimento” não é tão apropriado ao período ora estudado, uma vez que não houve um completo abandono das artes liberais e nem esquecimento dos conhecimentos e línguas clássicas. As bibliotecas, embora em menor número, continuaram lugares de guarda dos saberes remanescentes da antiguidade greco-latina.

Some-se a isso a circulação de textos e conhecimentos, nunca interrompida, sobretudo entre os mosteiros deste início de idade média. Fulda, onde Einhard estudou, era um destes lugares que recebia cópias de textos de outros mosteiros espalhados pela Europa ocidental e por Bizâncio. Como um movimento intelectual, a *renovatio* iniciou-se pela Igreja com todo o apoio do rei Carlos Magno:

Os reinados de Pepino e Carlos Magno fortaleceram as instituições religiosas grandemente, impulsionando o desenvolvimento de uma educação clerical continuada e uma ampla reforma moral e religiosa. O rei e os bispos e abades, pensadores da reforma, aumentaram o escopo da renovação para incluir mais do passado romano.<sup>105</sup> (Eastwood, 2007, p. 2, tradução livre)

Havia, no reino carolíngio, um forte interesse pelo passado romano, e esse interesse era compartilhado por ambos os poderes, temporal e espiritual, o que tornou possível o florescimento das artes liberais: se havia conhecimento e capacidade de desenvolvimento deste conhecimento por parte do clero, havia financiamento por parte da coroa, era um ambiente perfeito para proliferação cultural e retomada dos saberes da antiguidade.

A Igreja passa a ocupar o lugar que antes fora do poder secular, as brechas abertas pela desintegração do império romano do ocidente na educação, na cultura e nas artes foram

---

<sup>105</sup> “The reigns of Pippin and Charlemagne strengthened ecclesiastical institutions greatly, and, as the push developed for continued clerical education and broader religious and moral reform, the king and reform-minded bishops and abbots enlarged the scope of renewal and revival to include more of the Roman past.”

ocupadas pela Igreja e seus intelectuais, leigos ou religiosos, tomaram para si a tarefa de ensinar e formar intelectualmente, se não toda a população franca, como era o desejo alegado de Carlos Magno, pelo menos boa parte da corte.

No bojo deste desenvolvimento cultural pelo qual passou o reino franco, sob Pepino e principalmente sob Carlos Magno, encontra-se outro interesse que não o renovador da Igreja, mas um interesse de cunho político. A renovação cultural das artes e a construção de uma forma de saber que mesclava o conhecimento clássico com uma visão cristã de mundo, que o reinado de Carlos Magno promoveu, também serviu para que houvesse uma nova forma de olhar para o passado dos francos, além de ridicularizar e deslegitimar seus antecessores merovíngios, como o próprio Einhard faz no início da *VKM* ao aludir tanto ao fato de que o antigo rei merovíngio era apenas uma figura decorativa quanto ao fato de ele ter sido destronado pelo Papa.

Há uma resignificação dos acontecimentos, colocados por escrito com base em uma retórica sólida e bem pensada. Essa vontade de desqualificar o passado merovíngio não era exclusiva do poder secular, estava presente entre os clérigos, como evidencia o trecho a seguir:

Por isso, Alcuíno em sua *Vita Kucharii* menciona no prólogo que os monges de St. Richier ainda utilizavam o texto merovíngio dos *Miracula* para edificar as pessoas do povo, enquanto eles queriam um texto novo e mais elegante para uso interno.<sup>106</sup> (McKitterick, 2008, p. 8, tradução livre)

A resistência, e tentativa de suplantação da herança merovíngia, fosse qual fosse, encontrava abrigo em todos os âmbitos do reino franco. Alcuíno era um dos mentores da *renovatio* e um dos homens de confiança de Carlos Magno para levar essa renovação a cabo. Não é de estranhar que diminuísse qualquer conhecimento que remanescesse da dinastia anterior.

É também no sentido de legitimar uma dinastia e promover o apagamento da anterior que nasceu a *Vita Karoli Magni*. Composta por um admirador declarado do rei que já estava morto quando a obra foi escrita, e tendo como objetivo a glorificação do reinado daquele que fora o símbolo da força dos francos, a obra de Einhard demonstra todo seu comprometimento com o trono de Carlos Magno, como testemunha ocular de muitos fatos que narra e como fiador daqueles de que não participou, mas que cria verdadeiros.

---

<sup>106</sup> “Thus Alcuin in his *Vita Kicharii* mentions in his prologue that the monks of St. Riquier still used the Merovingian text of the *miracula* to edify the common people, while they wanted a new and more polished text for internal use.”

O autor da *VKM* coloca-se no texto de forma inequívoca, principalmente no prólogo, onde usa a primeira pessoa. Ele não foge à tarefa da escrita, uma tarefa de grande responsabilidade, já que o tema sobre o qual ele se propõe a escrever é de grande importância para o momento político dos carolíngios.

O *ethos* que o autor demonstra é o do homem grato, justo e fiel. Testemunha ocular da maior parte da narrativa, inclusive das guerras. Todos os seus leitores/ouvintes reconhecem seu caráter através da sua narrativa, Einhard era fiel ao trono carolíngio, a seu falecido rei e aos herdeiros dele. A reputação do autor o precedia, por isso ele reclama o título de pessoa mais adequada a escrever o tributo ao soberano, que justificava o trono e a insígnia de *imperator*.

O autor demonstra toda sua devoção ao rei por meio de figuras como hipérbolas, onde contrapõe sua própria pequenez à magnitude de Carlos Magno, demonstrando quão grande, poderoso e majestoso era aquele a quem dedicou a obra de sua vida. As amplificações são constantes nesta parte da obra. O magnífico, mais inteligente e glorioso de todos os reis, são apenas alguns dos qualificativos que Einhard utiliza para demonstrar toda a glória de Carlos Magno.

É no prólogo que o autor coloca a si mesmo de forma mais clara, fazendo com que seu *ethos* seja mais discernível. Contudo, esse caráter manifesto objetiva ou subjetivamente, participa de toda a composição do texto da *VKM*, deixando ver um pouco daquilo que o escritor pretendia. Suas crenças e sua admiração por quem foi Carlos Magno são visíveis mesmo quando o autor não utiliza a primeira pessoa, uma vez que estão ligadas à forma como escolhe narrar, à visão sempre positiva do rei quando não lhe imputa pecado algum. Em suma, os fatores que demonstram quem era o autor são os que demonstram sua visão do biografado.

Os argumentos de Einhard são de autoridade, e seu *ethos* é marcado pela lealdade e pela gratidão que não cansa de demonstrar. A professora Ruth Amossy, na introdução da obra de sua organização sobre este conceito, aborda como o *ethos* do autor se impõe à obra.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem para si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (Amossy, 2005, p. 9)

Chama a atenção, entre outras coisas, no trecho acima, a possibilidade da manifestação do *ethos*, a representação de si, de forma não deliberada. O que a autora coloca é que, querendo

ou não, quando um texto é escrito, de certa forma parte do autor está representada nele. Com Einhard não é diferente. Contudo, de acordo com os autores consultados e o próprio texto do biógrafo de Carlos Magno, sua presença no texto é sutil na maior parte da obra, mas deliberada no prólogo. Einhard, de acordo com os escritores antigos com os quais ele aprendeu sobre retórica, manifesta-se abertamente, de forma a dar fiabilidade ao relato.

É desta mesma forma, deliberada mas sutil, pensada e calculada, que encontramos a manifestação do caráter de Cícero, na obra aqui revisada. Cícero tem seu *ethos* marcado, no discurso que examinei, por uma enorme gratidão, demonstrando que é um homem que sabe reconhecer tanto seus erros quanto a magnitude do ato de misericórdia do qual também foi alvo. Assinala este fato lembrando aos seus iguais há quanto tempo não proferia palavra na tribuna, e por qual motivo voltou a discursar. Cícero sabia de sua própria fama de grande orador, era um político reconhecido por seus pares, e o fato de colocar-se novamente na tribuna e falar sobre seu próprio silêncio na abertura do discurso, evidenciava sobre si, quem era, um homem contrito, que tomava a palavra depois de um longo silêncio, para dar honra a quem a merecia.

Suetônio, por sua vez, é o que menos aparece em seu texto de forma explícita. Aparentemente, buscava algum tipo de isenção ao escrever a vida de Júlio César. Contudo, é com o texto deste autor, que as palavras da professora Ruth Amossy se tornam mais contundentes. Suetônio faz-se presente muito mais através de suas crenças do que por qualquer artifício retórico – ou lembrar qualquer posição de honra que ele tivesse no império romano, por exemplo, ou qualquer autoridade intelectual.

A forma como ele julga os atos de César, mesmo que utilizando palavras de outros, denotam seus juízos de valor, que ele não parecia querer explicitar na obra. Percebe-se o autor no texto, seu caráter está presente, mesmo que ele tenha feito muito esforço para não se presentificar. Ekkehard Eggs fala sobre este *ethos*, que pertence ao âmbito do subliminar, esse *ethos* que se mostra apenas através do *logos*: “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele” (Eggs, 2005, p. 31). É neste sentido que se compreende o *ethos* suetoniano nesta obra, especificamente, ele se apresenta mediante as escolhas feitas pelo autor. Seu caráter, está demonstrado de acordo com aquilo que ele decide contar sobre Júlio César e como ele decide contar.

É neste lugar que Suetônio e Einhard se entrecruzam. Se, no prólogo da *Vita Karoli Magni*, os argumentos de Einhard se mostram de modo a justificar a obra e demonstrar porque ele é o único que poderia escrevê-la. Para tanto, demonstra seu caráter explicitamente, no decorrer da obra, assim como Suetônio, são suas escolhas do que escrever e como escrever que

demonstram seu *ethos*. Essas escolhas, que são totalmente conscientes, são a prova do caráter de tais oradores. Cada um com seu próprio conjunto de crenças e objetivos, mas ambos ligados pelo compromisso de deixar uma imagem sobre o objeto de suas biografias. Isso difere Suetônio de Cícero, cujo objetivo era louvar e engrandecer aquele a quem ele devia não só a vida, como também sua dignidade [*dignitas*]<sup>107</sup>.

Diante do que é correto afirmar que Einhard se distancia de Cícero, no que tange à manifestação do caráter do autor, e aproxima-se de Suetônio no decorrer da escrita de sua obra. Seu *ethos* parece muito mais com o de Suetônio, do que com o de Cícero. Isso não significa, porém, que o escritor da *VKM* abandonou a influência ciceroniana por completo, parece-me que apenas optou por uma maior ênfase no seu objeto do que em sua experiência com ele no transcorrer do texto.

Continuando nesta mesma direção, pude fazer uma averiguação dos *ethos* que os autores imputaram a seus objetos. Nesse sentido, houve a possibilidade de perceber na escrita de Einhard ambas as influências, tanto de Cícero, no que tange à escolha dos argumentos e das palavras em si, quanto de Suetônio, no que abrange à organização do texto e à busca por certa clareza na narrativa.

O caráter que analisei neste trabalho, como imputado a Carlos Magno pela *VKM*, e conseqüentemente por Einhard, é predominantemente o de guerreiro. Não por não ver no restante da obra o tanto que o autor se esforçou por demonstrar toda a perfeição e piedade que ele queria atribuir ao seu biografado, mas porque o tempo não me permitiria fazer uma análise detida de todas as facetas do rei apresentadas pelo autor. Desse modo, a opção pela análise do *ethos* do guerreiro em Einhard me pareceu, amiúde, a mais relevante para o presente trabalho.

As guerras do reinado de Carlos Magno representavam seu caráter expansionista, talvez um desejo de dar continuidade ao legado do pai, e não menos importante, sua estreita relação com a Igreja romana e com o papado, de quem se fez defensor. Não é sem propósito que Einhard abre o relato da primeira guerra de Carlos Magno como rei, explicando que aquele era um conflito já lutado por Pepino e indicando, com isso, não apenas o guerreiro excelente, mas também a capacidade de Carlos Magno diante daquilo que seu pai deixou inacabado.

O caráter do rei foi apresentado pelo autor como o de um homem corajoso, grande guerreiro, estrategista, defensor da fé, protegido pela fortuna. Como já foi visto nos capítulos anteriores, o Carlos Magno legado por Einhard é um homem muito acima dos seus pares, talvez seja sem par, inclusive. Por isso, a utilização de figuras de hipérbole e amplificações são

---

<sup>107</sup> No sentido que o próprio Cícero evoca em *De Oratoris*, como honra, a autoridade reconhecida (Dal Ri, 2014).

constantes, e a contraposição é utilizada para demonstrar como o rei era superior. Quando o compara ao irmão, Carlomano, mesmo que indiretamente, as qualidades como lealdade e coragem saltam aos olhos do leitor/ouvinte, ainda que não utilize palavras como desleal ou covarde para qualificar o irmão que não foi à guerra da Aquitânia.

Esses recursos de estilo lembram em muito aqueles utilizados por Cícero em seu louvor a César, no Discurso sobre Marcelo. Os aumentativos, as amplificações, o argumento emocional para qualificar a bondade ou misericórdia do objeto, são muito semelhantes aos utilizados pelo arpinate, e muito distantes da pretensa objetividade de Suetônio.

Então, narrando essas três guerras lutadas por Carlos Magno, que duraram quase todo o seu reinado, Einhard não deixa de mencionar características do rei fundamentais para que entendamos o *ethos* que pretendia explicitar ao público como do rei que ele mesmo idealizou: não obstinado, mas firme em suas resoluções, um homem que confiava no irmão, com quem dividia o reino, e que mesmo só não desistiu daquilo em que acreditava, mas que a Aquitânia devia render-se a ele. Enfrentou os Alpes no inverno para defender os interesses da Santa Igreja contra os lombardos, que a desafiavam, e, em nome da fé, enfrentou também os saxões.

As palavras utilizadas para caracterizar este *ethos* nascente e que perdurou por toda a Idade Média, chegando até os dias atuais, não são menos dramáticas:<sup>108</sup> *magnanimitas, dominabantur et prudentia maximus et animi magnitudine praestantissimus, perpetua constantia*, etc. São a demonstração de quem era o homem que Einhard apresentava, todas demonstrações de grandiosidade.

No exagero, nas figuras de aumento, vejo em Einhard a retórica de Cícero ser construída com a potência de seu louvor ao Caio César. As frases e o uso das palavras de glorificação se assemelham: *omnis regum clarissimorum res gestas cum tuis nec contentionum magnitudine bellorum posse conferri; clementer, mansuete, iuste, moderate, sapienter factum*; neste caso, embora o autor da *VKM* não use do mesmo recurso de anáforas [*nec... nec, nihil... nihil*], como o arpinate o faz, abundantemente, o recurso às palavras que conferem grandiosidade ao caráter, são muito semelhantes. Ambos são guerreiros sábios, invencíveis, inteligentes, admiráveis. Tanto Carlos Magno quanto Caio César têm qualidades que os distinguem de seus pares: os outros reis da terra.

Em contrapartida, nenhum desses recursos assemelha a *VKM* ao *Vita Caesarum*, suetoniano. Como já mencionado anteriormente, Suetônio era menos propenso à utilização de palavras de engrandecimento, não há superlativos, nem anáforas, tão pouco hipérboles em sua

---

<sup>108</sup> Dramático no sentido de patético, para suscitar emoções.

obra descrevendo quem foi Júlio César. Na sua escrita a maior preocupação parecia ser contar os acontecimentos que não só elevaram Caio Júlio César à posição de ditador romano, como culminaram em sua morte. A estrutura de sua obra privilegia os acontecimentos, da forma mais cronológica possível, e embora, como observado ao longo deste trabalho, o caráter de Suetônio demonstra sua admiração pelo biografado, a intenção dele talvez fosse muito mais a de demonstrar quem fora o grande Júlio César, através de sua vida: mesmo os seus erros o levaram até a grandiosidade. Sem que precise de palavras como *magnitudine* para definir o *ethos* de César, demonstrou como esse homem era capaz, inteligente e afortunado.

Ao fim da análise, posso afirmar que, quando esta pesquisa teve início, uma de minhas questões era saber até que ponto o trabalho de Einhard foi influenciado por Cícero. Uma vez que o autor parecia ter uma grande admiração pelo orador. Contudo, como não há uma *Vita* escrita por Cícero, para que possamos ter uma clara ideia de como ele trataria de demonstrar o *ethos* de alguém cuja vida fosse narrada por ele, minha pesquisa fica apenas no âmbito da forma como o autor escreve um louvor a César. De certo modo, e guardadas as devidas proporções, há alguma semelhança entre os relacionamentos pessoais de Cícero e Einhard com seus objetos: ambos devotam grande gratidão àquele sobre quem escrevem. Outrossim, a historiografia normalmente confere à *VKM* tão somente a influência de Suetônio à obra, o que, como foi demonstrado, não é totalmente correto.

Assim, diante do já exposto, verifico parcialmente que há influência de ambos os autores na obra de Einhard. O autor medieval admirava tanto a Cícero que, provavelmente, buscou inspiração em sua forma rebuscada e profusa em recursos imponentes, ideais para deixar o discurso mais belo, mais agradável de ser ouvido. A forma de dispor os acontecimentos no texto, porém, é muito tributária de Suetônio. A disposição dos fatos em uma ordem que contemplava a vida militar, a vida em família e a morte do biografado é a mesma que Suetônio utiliza em seu texto biográfico. Disso se pode concluir que Einhard fez uso muito adequado e profícuo das bibliotecas que sobreviveram do período romano, tendo lido e se apropriado dos autores clássicos de forma bastante loquaz, além de ter conseguido conjugar as formas de escrita tanto de Cícero quanto de Suetônio em sua própria obra. Por isso, a *VKM* tornou-se única, no sentido de ser a primeira biografia medieval que não versava sobre a vida de um santo, e talvez a maior obra do período carolíngio que chegou até os dias de hoje.

Deste modo, tenho consciência de que a curiosidade e os questionamentos acerca da figura de Carlos Magno e de seu entorno, quer seja no âmbito político-bélico, social, cultural ou afetivo, seguirão pertinentes e manterão pesquisadores sobre seus documentos por ainda muitos anos. Por isso, espero que este trabalho tenha contribuído para a construção dos saberes

relativos ao período carolíngio, ao menos no que tange ao discurso de Einhard acerca de Carlos Magno.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Diálogos sobre a Felicidade**. São Paulo: Edições 70, 2018. *E-Book*.
- AIROLA, Leonardo Carrera. Carlomagno y la construcción de su memoria a partir de la Vita Karoli de Eginhardo. **Revista Historias del Orbis Terrarum**, Santiago, v. 13, p. 1–19, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6014343>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A dimensão retórica da historiografia. *In*: LUCA, Tania Regina de; PINSK, Carla Bassani (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ALLAN, Alison., Royal Propaganda and the Proclamations of Edward IV. **Historical Research**, Oxford, v. 59, n. 140, p. 146-154, 1986. Disponível em: <https://academic.oup.com/histres/article-abstract/59/140/146/5670357?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- ALMEIDA, Cybele Crossetti. Do Mosteiro À Universidade: Considerações Sobre Uma História Social Da Medicina Na Idade Média. **Aedos**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 36-55, 2009.
- ALMEIDA, Néri de Bastos. Hagiografia, propaganda e memória histórica, o monasticismo na Legenda aurea de Jacopo de Varazze, **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 2, p. 94-111, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4948011.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto. 2005.
- ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- AZZARA, Claudio. **L'Italia dei Barbari**. Bologna: Il Mulino. 2002.
- BACHRACH, Bernard. Military Organization in Aquitaine under the Early Carolingians. **Speculum**, Chicago, v. 49, n. 1, p. 1-33, 1974.
- BACHRACH, Bernard. Charlemagne's early campaigns (768–777): a diplomatic and military analysis. **History of Warfare**, Leiden, v. 83, 2013.
- BOLGAR, Robert. **Classical Influences on European Culture A.D 500–1500**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- BOLGAR, Robert. **The Classical Heritage and its Beneficiaries**. Cambridge: Cambridge University Press. 1973.

BORGES, Amanda Prima. Menção a Júlia, Filha de Júlio César, na Biografia Dogeneral escrita por Suetônio. **Humanidades em Revista**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 99-112, 2020. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/9926>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BORGES, Marlene Lessa Vergílio. A construção do *ethos* do orador no Pro Milone de Cícero. **Codex**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.7-21, 2010.

BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares**: teatro e moralidade nas Vidas suetoniana. Coimbra: CECH, 2009.

BURKE, Peter. **O renascimento**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. O Princeps Otávio Augusto na Biografia Antiga: um estudo de caso sobre Nicolau de Damasco e Suetônio. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 26, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/83398>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Entre “Antiguidade Tardia” e “Alta Idade Média”. **Diálogos**, Maringá, v. 12, n. 2-3, p. 53-64, 2008.

CARLAN, Cláudio Umpierre. As invasões germânicas e o Império romano: Conflitos e identidades no baixo Império. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48-49, p. 137-146, 2008.

CARLOMAGNO. **Las Capitulares de Carlo Magno**. Mar del Plata: Grupo de Investigación y Estudios Medievales, Universidad Nacional de Mar del Plata, 2014.

CAROLINGIAN CHRONICLES [RFA]. **Royal Frankish Annals and The Nithard’s Histories**. Tradução de Bernhard Walter Scholz e Barbara Rogers. Michigan: The University of Michigan Press, 1970.

CASSON, Lionel. **Bibliotecas do Mundo Antigo**. São Paulo: Vestígio. 2018. *E-Book*.

CICERO, Marcus Tullius. **Political speeches**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CICERO, Marcus Tullius. **Pro Marcellus**. Medford: Typographeo Clarendoniano, 1918. Disponível em:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0011%3Atext%3DMarc>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CICERO, Marcus Tullius. Discurso sobre Marcelo. Tradução de Débora Santos Shinohara. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-75, 2015. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFJF-3\\_cafb87127bc654159dd5d8780686b289](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFJF-3_cafb87127bc654159dd5d8780686b289). Acesso em: 15 dez. 2023.

COHEN, Esther; MENACHE, Sofia. Holy Wars and Sainted Warriors, Christian War Propaganda in the Middle Ages. **Journal of Communication**, Haifa, v. 36, n. 2, p. 52-62, 1986. Disponível em: <https://cris.haifa.ac.il/en/publications/holy-wars-and-sainted-warriors-christian-war-propaganda-in-the-mi>. Acesso em: 15 dez. 2023.

COSTA, Marco Antônio da. **Cícero e a retórica do exílio [manuscrito]**: as figuras de repetição. 2013. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COSTA, Ricardo; SANTOS, Armando Alexandre dos. O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria. **Mirabilia Journal**, Barcelona, v. 10, p. 145-157, 2010. Disponível em: [https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/9.\\_ricardo\\_e\\_armando.pdf](https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/9._ricardo_e_armando.pdf). Acesso em: 15 dez. 2023.

COSTAMBEYS, Marios; INNES, Mathew; MACLEAN, Simon. **The Carolingian World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CUNHA, Marcus Vinícius. História da educação e retórica: ethos e pathos como meios de prova. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 4, n. 8, p. 37-61, 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001647152>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DAL RI, Luciene. Dignitas: continuidades e descontinuidades entre o antigo e o medieval. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 753-772, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449748254002.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Tempos Bárbaros**. São Paulo: Quadrante. 1991.

DEAN, Sidney. Felling the Irminsul. **Medieval Warfare**, Zutphen, v. 5, n. 2, p. 15-20, 2015.

DIAS, João Vicente. O Guerreiro de fronteira bizantino Akrites segundo o Strategikon de Cecaumenos (Século XI). **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 21-22, p. 154-169, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/1928/1440/3068>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DYER, R. R. Rhetoric and Intention in Cicero's Pro Marcellus. **The Journal of Roman Studies**, Cambridge, v. 80, p. 17-30, 1990.

DUCKETT, Eleanor Shipley. **Carolingian Portraits**. New York: The University of Michigan Press, 1962.

EASTWOOD, Bruce. **Ordering the Heavens: Roman Astronomy and Cosmology in Carolingian Renaissance**. Leiden: Brill, 2007.

EGGS, Ekkehard. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto. 2005, p. 29-56.

EGINARDO. **Vida de Carlomagno** (Vita Karoli Magni). Zaragoza: Bibliotheca Augustana, 2016. Tradução de Pablo Castiella. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20200116111820/https://www.academia.edu/24899199/Eginardo.\\_Vida\\_de\\_Carlomagno\\_Vita\\_Karoli\\_Magni\\_.Edici%C3%B3n\\_biling%C3%BCe\\_lat%C3%ADn-castellano](https://web.archive.org/web/20200116111820/https://www.academia.edu/24899199/Eginardo._Vida_de_Carlomagno_Vita_Karoli_Magni_.Edici%C3%B3n_biling%C3%BCe_lat%C3%ADn-castellano). Acesso em: 15 dez. 2023.

EINHARD. **Vita Karoli Magni**. Ricardo Costa. [s. l.]: [2023]. Tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho a partir da tradução de Samuel Epes Turner. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-carlos-magno-c-817-829>. Acesso em: 15 dez. 2023.

EINHARD. **The Life of Charlemagne**. New York: Harper & Brothers, 1880. Tradução de Samuel Epes Turner. Disponível em: <https://sourcebooks.fordham.edu/basis/einhard.asp>. Acesso em: 15 dez. 2023.

EINHARD. **Vita Karoli Magni**. Hanover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1905. Disponível em: <https://archive.org/details/einhardivitakar00unkngoog/page/n52/mode/1up>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ESPELO, Dorine van., A testimony of Carolingian rule? The Codex epistolaris carolinus, its historical context, and the meaning of imperium. **Early medieval Europe**, St. Andrews, v. 21, p. 254-262, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/emed.12018>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FERNANDES, Caroline Coelho. **A crise iconoclasta no Império Bizantino e a defesa das imagens de São João Damasceno**: um debate sobre autoridade política. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

FERRARI, Fernando. **Nós somos Legião**: a imagem latina dos habitantes do Extremo Oriente e da África dos séculos finais da Idade Média (XIII-XV). 2019. 482f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200705>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FLETCHER, Christopher. Narrative & Political Strategies at the deposition of Richard II. **Journal of Medieval History**, Southampton, v. 30, n. 4, p. 323-341, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/j.jmedhist.2004.08.002>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FLIERMAN, Robert. Religious Saxons: paganism, infidelity and biblical punishment in the Capitulatio de partibus Saxoniae. In: MEENS, Rob; ESPELO, Dorine van; GENDEREN, Bram (org.). **Religious Franks**. Religion and Power in the Frankish Kingdoms: Studies in Honour of Mayke de Jong. Manchester: Manchester University Press, p. 181-201, 2016.

FLORES, Paulo dos Santos. **Armanhaques e Borguinhões**: um estudo sobre guerra, política e propaganda na Idade Média. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169034>. Acesso em: 15 dez. 2023

FOSMIRE, Michael. **Rhetoric as analytical tool**. 2015. 447f. Tese (Doutorado em Filologia). Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=580a02cd73dec5f1e4785075194b7a2459358701>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GALINARI, Melliandro Mendes. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. **DELTA**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 51-68, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502012000100003>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GARRISON, Mary, The Franks as the New Israel? Education for an identity from Pippin to Charlemagne. In: HEN, Yitzhak; INNES, Matthew (org.). **The Uses of the Past in the early Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 114-161.

GOODY, Jack. **Renascimentos**: um ou muitos. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUERREAU-JALABERT, Anita. La “Renaissance carolingienne”: modeles culturels, usages linguistiques et structures sociales. In: **Bibliothèque de l'école des chartes**, v. 139, livraison 1, 1981, p. 5-35.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HEN, Yitzhak. Charlemagne's Jihad. **Viator: Medieval and Renaissance Studies**, California, v. 37, p. 33-51, 2006. Disponível em: <https://www.brepolonline.net/doi/abs/10.1484/J.VIATOR.2.3017477?journalCode=viator>. Acesso em: 15 dez. 2023.

HEN, Yitzhak. Clovis, Gregory of Tours, and Pro-Merovingian Propaganda. **Revue belge de philologie et d'histoire**, Bruxelles, v. 71, n. 2, p. 271-276, 1993. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rbph\\_0035-0818\\_1993\\_num\\_71\\_2\\_3880](https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1993_num_71_2_3880). Acesso em: 15 dez. 2023.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

LEVINE, Robert. Einhard. In: HASTY, Will; HARDIN, James (org.). **German Writers and Works of the Early Middle Ages: 800–1170**. Dictionary of Literary Biography. Volume 148. Boston: Gale Research, 1995. Disponível em: <https://archive.org/details/germanwriterswor148hast/page/n6/mode/1up?view=theater>. Acesso em: 15 dez. 2023.

JAEGER, Werner. **Paideia**. A formação do homem grego. Martins Fontes: São Paulo, 2013.

JONG, Mayke de; RENSWOUDE, Irene Van. Introduction Carolingian cultures of dialogue, debate and disputation. **Early Medieval Europe**, London, v. 25, n. 1, p. 6-18, 2017.

JONG, Mayke de. Einhard, the Astronomer and Charlemagne's Daughters. In: GROSSE, Rolf; SOT, Michel. **Charlemagne**: les temps, les espaces, les hommes. Turnhout: BREPOLs, 2018, p. 551-565.

JONG, Mayke de. Charlemagne's Church. In: STORY, Joanna. (org.). **Charlemagne**. Empire and Society. Manchester: Manchester University Press, 2005, p. 103–135.

JURY, Joanna. **Cicero's De Oratore from Antiquity to the advent of Print**. Georgia: Georgia State University, 2018. Disponível em:

[https://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1072&context=history\\_diss](https://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1072&context=history_diss). Acesso em: 15 dez. 2023.

KEROUZIAN, Yessai O. O papel dos Armênios na história de Bizâncio. **Revista de História**, São Paulo, ano XXIII, v. 44, n. 90, p. 321- 356, 1972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131773>. Acesso em: 15 dez. 2023.

KLEINE, Marina. El carácter propagandístico de las obras de Alfonso X. **De Medio Aevo**, Barcelona, v. 2, n. 2, p. 1-42, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5029620>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LAMBRECH, R., Charlemagne and his influence on the late medieval French kings. **Journal of Medieval History**, Southampton, v. 14, n. 4, p. 283-291, 1988. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0304418188900280>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LEME, André Luís. Considerações sobre o gênero biográfico em “A vida dos doze Césares”, De Caio Suetônio (Século II D.C.). **Helikon**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-55, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131773>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LEME, André Luís. Suetônio e o Diálogo com o poder no século II D.C.: Reflexões a respeito de seu afastamento da vida pública romana. XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. **Anais [...]**, n. 15, Curitiba, 2016. Disponível em: [http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468080948\\_ARQUIVO\\_Andre-ANPUH.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468080948_ARQUIVO_Andre-ANPUH.pdf). Acesso em: 15 dez. 2023.

LIMA, Francisco de Assis Costa de. A *amplificatio* como procedimento pré-eufrástico na *Oratio pro Sestio*. In: GRIZOSTE, Weberson; SANTOS, Francisco dos. **Recepção & ekpharís no ensino de letras clássicas**. Manaus: UEA, 2021. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/3367/2/Recep%C3%A7%C3%A3o%20e%20Ekphrasis%20no%20Ensino%20de%20Letras%20Cl%C3%A1ssicas.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LLULL, Ramon. **Libro de la orden de caballería**. [s. l.]: Epublibre, 2017. *E-Book*.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. A antiguidade tardia, a queda do Império romano e o debate sobre o fim do mundo antigo. **Revista de História**, São Paulo, n. 173, p. 81-114, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/105844>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Da Retórica Medieval – um estudo acerca das obras de Aristóteles e Sêneca. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis (org.). **Estudos Medievais: Metodologias**. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2008.

MCKITTERICK, Rosamond. **Charlemagne**, the formation of a European identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MEIRA, Sílvio. **Curso de Direito Romano**: história e fontes. São Paulo: LTr, 1996.

MONTEFUSCO, Lucia. Cicerone, *De oratore*: la doppia funzione dell'*ethos* dell'oratore. **Rhetorica**: A Journal of the History of Rhetoric, Zurich, v. 10, n. 3, p.245–259, 1992.

MONTEIRO, João Gouveia. História concisa do Império Bizantino: das origens à queda de Constantinopla. In: MONTEIRO, João Gouveia (org.). **O Sangue de Bizâncio**: ascensão e queda do Império Romano do Oriente. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 17-165. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/69070>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MOORE, Michael. The Ancient Fathers: Christian Antiquity, Patristics and Frankish Canon Law. **Millennium**, Berlim, v. 7, n. 1, p. 293-342, 2010.

NASON, Corey. **Notes on the Carolingian Origin Myth of Paul the Deacon**. [s. l.], 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/38524103/Notes\\_on\\_the\\_Carolingian-Origin\\_Myth\\_of\\_Paul\\_the\\_Deacon](https://www.academia.edu/38524103/Notes_on_the_Carolingian-Origin_Myth_of_Paul_the_Deacon). Acesso em: 15 dez. 2023.

NELSON, Janet. **King and Emperor**. A New Life of Charlemagne. London: Penguin, 2019.

NELSON, Janet; MCKITTERICK, Rosamond. The Frankish Kingdoms, 814-898: The West. In: NELSON, Janet; MCKITTERICK, Rosamond (org.). **The New Cambridge Medieval History**. 700–900. V. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NICOLAU, Zaida. **Todas as mulheres do rei**: Uma análise das relações possíveis entre Carlos Magno e as mulheres de sua vida, a partir da Obra Vita Karoli Magni de Einhard (c. 760-840). Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História). 2018. 41f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, Terezinha. A retórica como princípio do intelecto e da linguagem em Tomás de Aquino. In: **Brathair**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 133–145, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2326>. Acesso em: 15 dez. 2023.

OLIVEIRA, Terezinha. Considerações sobre o trabalho na Idade Média: Intelectuais Medievais e Historiografia. **Revista de História**, São Paulo, n. 166. p. 109–128, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/48491>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS–TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PORCHAT, Reinaldo. **Curso elementar de Direito Romano**. São Paulo: Duprat, 1907.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROHDEN, Huberto. **Agostinho**: um drama de humana miséria e divina misericórdia. São Paulo: Martin Claret, 1991.

SILVA, Uiram Gerbara da. A escrita biográfica na Antiguidade: uma tradição incerta. **Politeia: História e Sociedade**, Candeias, v. 8, n. 1, p. 67-81, 2008. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3864>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SPIEGEL, G., Defense of the Realm, evolution of a Capetian Propaganda Slogan. **Journal of Medieval History**, Southampton, v. 3, p. 115-133, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0304418177900033>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SUETONI TRANQUILLI. **De Vita Caesarum Libros VIII et De Grammaticis et Rhetoribus Librum**. Oxford: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://www.oxfordscholarlyeditions.com/display/10.1093/actrade/9780198713791.book.1/actrade-9780198713791-div1-8>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SUETÔNIO. **A Vida Dos Doze Césares**. Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/539475/001035170.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SUETONIUS. **Divus Iulius**. [s. l.]: Latin Library, [2023]. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/suetonius/suet.caesar.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SYPECK, Jeff. **Tornando-se Carlos Magno**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 551–568, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434826014>. Acesso em: 15 dez. 2023.

TEIXEIRA, Igor Salomão. O Intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise. In: **Revista Diálogos Mediterrâneos**, Curitiba, v 7, p. 155–173, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/110714>. Acesso em: 15 dez. 2023.

VERGER, Jacques. Théorie Politique et Propagande Politique. In: VERGER, Jacques. **Le forme della propagandapolitica nel Due e nel Trecento**. Rome: École Française de Rome, 1994, p. 29-44.

WICKHAM, Chris. **The Inheritance of Rome: a History of Europe from 400 to 1000**. Londres: Penguin. 2009.